



#05

do_co_mo_mo

brasil

REVISTA

junho
2021

DOCOMOMO Brasil / Diretoria Executiva gestão 2020/2021

Mestrado Profissional em Preservação e Gestão do Patrimônio das Ciências e da Saúde (COC/Fiocruz) em parceria com o Programa de Pós-Graduação em Urbanismo da UFRJ (PROURB/FAU/UFRJ)

Coordenador | **Renato da Gama-Rosa Costa**

Secretária Executiva | **Andréa de Lacerda Pessôa Borde**

Tesoureira | **Lucia Varella**

Conselheiros Fiscais | **Helio Herbst e Andréa da Rosa Sampaio**

Conselho Consultivo

Anna Beatriz Galvão | do.co.mo.mo_sp

Carlos Eduardo Comas | do.co.mo.mo_rs

Claudia Cabral | do.co.mo.mo_rs

Fernando Diniz Moreira | do.co.mo.mo_pe

José Pessoa | do.co.mo.mo_rj

Luiz Amorim | do.co.mo.mo_pe

Hugo Segawa | do.co.mo.mo_sp

Maria Marta Camisassa | do.co.mo.mo_mg

Revista Docomomo Brasil, revista semestral online do Docomomo Brasil, é um periódico científico que tem por objetivo a divulgação dos trabalhos de pesquisa, análises teóricas, documentos, projetos e resenhas bibliográficas na área da documentação e preservação das diversas manifestações do movimento moderno. Seu conteúdo é acessado online através do endereço eletrônico [revista.docomomo.org.br].

O endereço eletrônico para contato é [revista.docomomo.br@gmail.com]

Copyright - 2021 DOCOMOMO Brasil

Os direitos de publicação desta revista são do DOCOMOMO Brasil.

Os textos publicados na revista são de inteira responsabilidade de seus autores.

Projeto gráfico original: None Design Gráfico Ltda. | **Romero Pereira**

Desenvolvimento do projeto gráfico, diagramação e capa:

Trilha Projetos | **Nena Braga** e **Teresa Guilhon**

Imagem da capa: Edifício Nova Cintra (face norte), Parque Guinle, Rio de Janeiro.

(Foto: Helio Herbst, 2021)

Dados Internacionais da Catalogação na Publicação (CIP)

Revista DOCOMOMO Brasil /vol.4, n.5 (2021) – Rio de Janeiro: Associação de Colaboradores do Docomomo Brasil, 2021.

Semestral

ISSN 2594-8601

1. Arquitetura. 2. Urbanismo. 3. Pesquisa. I. Docomomo Brasil.

CDD 720

Corpo Editorial

Comissão Editorial

A Comissão Editorial é composta pelos docentes e pesquisadores:

Andréa de Lacerda Pessôa Borde | PROURB-UFRJ

Marta Silveira Peixoto | PROPAR – UFRGS

Helio Herbst | DAU/IT/UFRRJ

Conselho Editorial

Ana Carolina Bierrenbach | Universidade Federal da Bahia

Ana Elísia Costa | Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Ana Tostões | Instituto Superior Técnico

Anna Beatriz Ayrosa Galvão | Universidade Federal da Bahia | Escola da Cidade

André Carinha Tavares | ETH Zürich

Beatriz Mugayar Kühl | Universidade de São Paulo

Carlos Eduardo Dias Comas | Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Ceça Guimaraens | Universidade Federal do Rio de Janeiro

Edson da Cunha Mahfuz | Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Fernando Diniz Moreira | Universidade Federal de Pernambuco

Flávio Carsalade | Universidade Federal de Minas Gerais

Frederico Rosa Borges de Holanda | Universidade de Brasília

Horacio Torrent | Pontificia Universidad Catolica de Chile

Hugo Segawa | Universidade de São Paulo

Juan Calatrava | Universidad de Granada

Leonardo Barci Castriota | Universidade Federal de Minas Gerais

Maria Luíza Macedo Xavier de Freitas | Universidade Federal de Pernambuco

Maria Marta dos Santos Camisassa | Universidade Federal de Viçosa

Natalia Miranda Vieira de Araújo | Universidade Federal de Pernambuco

Nelci Tinem (*in memoriam*) | Universidade Federal da Paraíba

Nivaldo Andrade | Universidade Federal da Bahia

Renato Anelli | Universidade de São Paulo

Renato Gama-Rosa | Fundação Oswaldo Cruz

Ruth Verde Zein | Universidade Presbiteriana Mackenzie

Sônia Marques | Universidade Federal da Paraíba}

Editorial

5

Chegamos à quinta edição da Revista Docomomo Brasil

Andréa de Lacerda Pessôa Borde, Helio Herbst e Marta Silveira Peixoto

Artigo

11

O urbanismo moderno e a cidade saudável em tempos de pandemia: o cinquentenário do Plano Piloto de Lucio Costa para a Barra da Tijuca no Rio de Janeiro

Carlos Eduardo Nunes-Ferreira

21

Os edifícios de escritórios dos irmãos MMM Roberto no Centro do Rio de Janeiro – ou toda arquitetura leva a um urbanismo

Fabiana Generoso de Izaga

31

Fachadas que respiram

Fernando Diniz Moreira

41

A casa carioca moderna nos salões das bienais e nas páginas das revistas estrangeiras

Helio Herbst

57

Sobre a urgência de decolonizar a história da arquitetura moderna brasileira

Fernando Luiz Lara

Dossiê

66

Do_co,memos em retrospectiva

67

Guinada [mais] à direita – 2018-2019

(ou não estávamos satisfeitos e sabíamos)

74

Afirmção da necropolítica – 2020-2021

(o que já estava ruim se tornou insuportável)

Chegamos à quinta edição da Revista Docomomo Brasil.

Seu lançamento demarca uma etapa crucial para a consolidação no meio acadêmico e entre todos os interessados no Movimento Moderno. De quebra, reforça os objetivos traçados pelos idealizadores de uma publicação tão singular – não vinculada a um programa de pós-graduação e nem tampouco obrigatoriamente atrelada à direção de uma determinada gestão do Docomomo Brasil. Autonomia é a chave e renovação dos seus quadros uma imperiosa necessidade para se alcançar bons resultados.

Nos primeiros quatro números da revista, a excelência de conteúdos demonstrou o empenho de editores e convidados corresponsáveis por uma estratégica – e bem-sucedida – definição de pautas. Até o momento, de modo alternado, duas edições foram consagradas aos seminários Docomomo Brasil e os outros dois números foram organizados em torno de temas.

Em tal raciocínio, a edição inaugural, lançada em novembro de 2017, contou com a participação de Anna Beatriz Ayrosa Galvão, primeira coordenadora da seção brasileira do Docomomo, e convidados. O terceiro número, publicado em março de 2019, foi dedicado ao centenário de Delfim Amorim, Diógenes Rebouças, Lina Bo Bardi e Vilanova Artigas, com ensaios assinados por Luiz Amorim, Márcio Cotrim, Nivaldo Andrade, Renato Anelli e Ruth Verde Zein, entre outros expoentes de renome.

A segunda e a quarta edições da revista, publicadas em março de 2019 e em março de 2020, ampliaram os ecos do 12º e do 13º Seminários Docomomo Brasil, realizados em Uberlândia (2017) e em Salvador (2019), com artigos selecionados, respectivamente, por Beatriz Cappello e Marta Camisassa e por Ana Carolina de Souza Bierrenbach, José Carlos Huapaya Espinoza e Márcio Cotrim.

A composição da Comissão Editorial da edição inaugural da revista contou com a participação de Luiz Amorim, Cristiano Borba e Márcio Cotrim. Andrea Borde, Marta Peixoto e Márcio Cotrim assumiram o encargo do terceiro número e iniciaram as tratativas para a quinta edição do periódico, com tema correlacionado ao Rio de Janeiro, cidade-sede do congresso da União Internacional dos Arquitetos.

Neste número convidamos autores de renome relacionados ao Movimento Moderno ainda não publicados nas edições anteriores da Revista Docomomo Brasil, tendo em vista a realização do Congresso Internacional de Arquitetos UIA2020Rio, que acabou

sendo realizado apenas em 2021. Este número da revista conta assim com a participação de Carlos Eduardo Nunes Ferreira, Fabiana Izaga, Fernando Diniz, Fernando Lara e Helio Herbst, que pouco tempo depois passou a integrar a Comissão Editorial.

No primeiro semestre de 2020, os impasses gerados pela pandemia de SARS-CoV-19 criaram entraves inesperados. O primeiro deles colocava em dúvida a realização do Congresso da União Internacional de Arquitetos, em julho, e o 16º Seminário Internacional Docomomo, marcado para setembro do mesmo ano. Ambas as proposições, hipoteticamente, estariam desdobradas na quinta edição da revista Docomomo Brasil.

O cancelamento, a definição e a posterior confirmação das datas de realização de ambas efemérides deixaram, em tempos diversos, perguntas sem respostas. Em um determinado instante, nos parecia inoportuno lançar uma revista que visava ecoar os temas de um congresso que, no limite, poderia não acontecer.

Duas questões foram postas à mesa: 1) Seria pertinente, em consideração às indefinições postas pelo isolamento social, lançar a revista antes da realização do congresso? 2) Ou ainda, de modo mais radical: seria pertinente manter o fio condutor entre os artigos assinados por Carlos Eduardo Nunes Ferreira, Fabiana Izaga, Fernando Diniz, Fernando Lara e Helio Herbst?

Confirmada a realização do congresso internacional em julho de 2021, a nova CE se debruçou sobre as adaptações necessárias à organização dos artigos. E como se não bastassem as dificuldades decorrentes da manutenção do isolamento social, fomos confrontados com um problema de maior gravidade: a impossibilidade de acesso aos números anteriores da revista e a todos os arquivos depositados na plataforma OJS, inclusive os 18 artigos submetidos para a organização dos números 6 e 7 da revista.

Quase um ano depois de incontáveis tentativas para solucionar o apagão da plataforma, foi possível salvar as quatro primeiras edições da revista em extensão PDF e os 18 artigos submetidos para avaliação duplo-cega, ainda que a página oficial da publicação, em primeiro momento, continuasse indisponível. Entretanto, diante do aparente risco de perda das informações e do material ainda não processado, comemoramos com entusiasmo a recuperação dos dados.

Superados os obstáculos e assimiladas as lições da “cruel pedagogia do vírus”, como bem nos lembra Boaventura de Sousa Santos em publicação homônima, foi possível, enfim, retornar ao ponto de partida: o lançamento de uma edição concebida para celebrar a cidade-sede do 27º Congresso Mundial de Arquitetos da União Internacional dos Arquitetos – UIA2020RIO, naquela altura declarada primeira Capital Mundial da Arquitetura.

Ainda que se pese o intervalo cronológico, a temática do presente número temático não perdeu importância. Adquiriu, em contrapartida, novos contornos, ao se considerar o amadurecimento das análises sobre as narrativas consagradas, as crescentes dificuldades para garantir a salvaguarda de acervos documentais em instituições públicas e a própria conservação dos conjuntos arquitetônicos, paisagísticos e urbanísticos referenciais ao Movimento Moderno.

O desmonte dos órgãos patrimoniais e das instituições de ensino e pesquisa, quase sempre associado ao corte de verbas e à desqualificação de seus quadros, é indicativo de uma ação sistemática que visa desmerecer a produção dos servidores e menosprezar os instrumentos legais de proteção e tutela, abrindo precedentes para a perda dos acervos documentais e a descaracterização parcial ou completa de muitas edificações.

O quinto número da *Revista Docomomo Brasil* está estruturado em duas seções. A primeira delas, ARTIGO, é dedicada aos ensaios dos autores supramencionados. A segunda, DOSSIÊ, foi concebida com a intenção de deixar registradas, em plataforma aberta para consulta, reflexões veiculadas pelos editoriais dos boletins trimestrais *Docomomos*, produzidos entre 2018 e 2021.

A divulgação desses textos, no entender desta CE, testemunha as reflexões formuladas pela diretoria das duas últimas gestões do Docomomo Brasil. Ao longo dos últimos quatro anos, os boletins *Docomomos* problematizaram as muitas perdas e os poucos ganhos com as quais procuramos encontrar motivação para seguir adiante, lutando no limite de nossas forças para derrotar o negacionismo, a ignorância, o ódio e o preconceito arraigado em uma expressiva parcela de nossa sociedade.

Mazelas à parte, acreditamos ser capazes de ampliar nossos canais de interlocução, mantendo acesas a disposição colaborativa, a curiosidade pelo conhecimento e a busca pela reinterpretação – não idealizada ou nostálgica – de nosso passado, visando a construção de um futuro mais justo e promissor, para amplas parcelas da sociedade.

Devemos, portanto, celebrar, com espírito crítico, o bicentenário de nossa independência, o centenário de realização da Semana de Arte Moderna e os 120 anos de nascimento de Lucio Costa.

Deste modo, em permanente esforço de reflexão, a quinta edição da *Revista Docomomo Brasil* abre com o ensaio **O urbanismo moderno e a cidade saudável em tempos de pandemia: o cinquentenário do Plano Piloto de Lucio Costa para a Barra da Tijuca no Rio de Janeiro**. Nele, Carlos Eduardo Nunes-Ferreira disserta sobre a proposta urbanística concebida para a Barra da Tijuca, publicada oficialmente em 1969.

Nunes-Ferreira toma como base o confronto de diferentes proposições de cunho rodoviarista, para então se debruçar sobre as seguintes indagações: 1) a atualização da concepção urbanística do Plano Piloto da Barra da Tijuca poderia incorporar os princípios contemporâneos de sustentabilidade e mobilidade urbana? 2) As diferentes camadas do tecido urbano, expressas pelos modelos da cidade moderna, da cidade dispersa e da cidade genérica, seriam capazes de incorporar uma quarta camada, entendida como a cidade compacta?

Na avaliação do autor, a fusão dos quatro modelos, aparentemente contraditórios, seria capaz de reconfigurar a proposta original do Plano Piloto a partir da superposição das estratégias de proximidade, diversidade e sustentabilidade ambiental, social e financeira da cidade compacta, sendo também fundamental a promoção de premissas estruturantes da cidade criativa e da cidade conectada.

Poderiam ser assim mantidas as prerrogativas de insolação, recreação, arborização e ventilação do Plano Piloto, beneficiadas por um sistema integrado de modais de transporte público de alta qualidade e baixa emissão de carbono, com redução de distâncias e promoção da caminhabilidade.

No entender de Nunes-Ferreira, mudanças na legislação de uso e ocupação do solo, pautadas pela mescla de atividades, associadas à consolidação de um novo padrão de mobilidade urbana, pautadas pela caminhabilidade e pelo uso do transporte coletivo, característicos da cidade compacta, poderiam fortalecer os desígnios indicados pelo risco de Lucio Costa.

No ensaio **Os edifícios de escritórios dos irmãos MMM Roberto no Centro do Rio de Janeiro – ou toda arquitetura leva a um urbanismo**, Fabiana Izaga disserta sobre a produção de um conjunto de edifícios em altura implantados no centro histórico da cidade do Rio de Janeiro a partir da década de 1930.

No recorte proposto, Izaga analisa a Associação Brasileira de Imprensa – ABI (1936), o Edifício Valparaíso da Liga Brasileira Contra a Tuberculose (1937), o Edifício Plínio Catanhede, do Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Industriários – IAPI (1938), o Instituto de Resseguros do Brasil – IRB (1941), o Edifício Seguradoras (1949), o Edifício Marquês do Herval (1952) e o Edifício-sede da Cia. Souza Cruz (1958)

Os sete edifícios de escritórios, construídos em um intervalo de quase três décadas, demarcam a busca pela ressignificação dos conceitos de espaço moderno, visando ajustar a disposição do programa físico-funcional em critérios espaciais de flexibilidade, e também pelo aprimoramento das técnicas construtivas e estruturais, notadamente o concreto armado.

Os edifícios supramencionados evidenciam o aprofundamento de questões sobre a interpretação da doutrina do edifício moderno relacionada à cidade pré-existente. Neste sentido, a articulação do nível térreo do edifício com o espaço público, a engenhosidade e apuro na definição dos elementos da fachada, em especial os *brise-soleil*, destacam-se como particularidades de uma pesquisa que visava definir um caráter brasileiro, ou mais particularmente carioca, capaz operacionalizar diálogos entre o edifício e a cidade.

Segundo a autora, tais associações são obtidas por meio de dispositivos que regulam os fechamentos e as aberturas no nível do chão e pelo tensionamento entre transparência e opacidade, e também pelo embate entre expressão e neutralidade da pele dos edifícios. Em tais preceitos, a produção dos Irmãos Roberto inscreve uma expressão singular no amplo leque que caracteriza a arquitetura moderna brasileira.

O artigo de Fernando Diniz, **Fachadas que respiram**, retoma um aspecto da discussão proposta pelo ensaio anterior, especialmente ao enfatizar a mediação entre exterior e interior nas fachadas de dois edifícios icônicos da Escola Carioca: a sede da Associação Brasileira de Imprensa (ABI), dos irmãos Roberto (1936-1938) e o Parque Guinle, de Lúcio Costa (1948-1954).

Diniz parte da premissa de que a experimentação que caracteriza a produção moderna brasileira trouxe questionamentos que ampliaram o entendimento do significado da fachada, que passou a desempenhar três funções simultaneamente: 1) oferecer condições básicas para a realização das atividades do programa físico-funcional, garantindo a interação com o meio circundante sem impedir a possibilidade de resguardo (função prática); 2) regular a temperatura e as entradas de ar e luz natural nos ambientes (função operativa); e 3) conferir uma face à instituição ou à função ali desenvolvida (função simbólica).

A análise das fachadas dos exemplos selecionados – marcos inquestionáveis do processo de afirmação e consolidação da Escola Carioca – retoma um tema crucial da modernidade: a dissolução da fachada, que muito além de conferir, ao menos hipoteticamente, a tão proclamada continuidade espacial, acabou por tornar anônimas as fachadas dos arranha-céus.

Em contrapartida, como bem assinala Diniz, as soluções de Lucio Costa e dos irmãos Roberto, nos exemplos selecionados, antecipam as observações

feitas por José Luis Sert acerca da necessária reinterpretção das medidas tradicionais e da presença de elementos figurativos, com a finalidade de se reconectar a produção hodierna com as necessidades humanas, práticas e simbólicas.

Deste modo, a adoção de formas vernáculas e dispositivos tradicionais, entre os quais treliças de madeira, venezianas, elementos vazados e amplos beirais e varandas – no edifício da ABI e no Parque Guinle – constituem referências incontornáveis para a historiografia da modernidade brasileira, aqui entendida pela bem-sucedida associação entre arrojo e tradição e entre racionalidade e convenção.

O quarto artigo, **A casa carioca moderna nos salões das bienais e nas páginas das revistas estrangeiras**, é assinado por Helio Herbst. O texto do autor que posteriormente assumiu participação na Comissão Editorial, registra os resultados recentes de uma investigação centrada na *recepção*, na acepção cunhada por Hans Robert Jauss, da produção arquitetônica brasileira exposta nas cinco primeiras Exposições Internacionais de Arquitetura, realizadas como parte integrante das edições inaugurais do Bienais de São Paulo, entre 1951 e 1959.

O ensaio principia com a apresentação do objeto de estudo: no presente caso, doze residências unifamiliares concebidas para implantação na cidade do Rio de Janeiro, expostas nas Bienais dos anos 1950. Lançadas breves considerações sobre algumas particularidades entre os projetos, a discussão se desloca para a *recepção* das obras pelas revistas especializadas estrangeiras, no mesmo intervalo cronológico.

À luz dos preceitos formulados pela Estética da Recepção, são ressaltados os aspectos que contribuíram para a construção das primeiras narrativas sobre a modernidade arquitetônica brasileira, evidenciando as *representações*, na acepção proposta por Roger Chartier, empregadas para evocar temas do interesse de determinados grupos.

Deste modo, o ensaio questiona de que modo a *recepção* destes projetos nas revistas especializadas contribuiu para difundir uma *representação* por vezes cética, por vezes entusiasmada e confiante, da arquitetura brasileira na historiografia produzida entre as décadas de 1950 e 1970 – muitas vezes desdobrada sem questionamentos por autores de gerações mais recentes.

Sobre a urgência de decolonizar a história da arquitetura moderna brasileira, assinado por Fernando Lara, assinala a imperativa necessidade de se desconstruir as narrativas consagradas, quase sempre escritas por homens brancos e heteronormativos. O ensaio, que encerra a primeira seção da *Revista Docomomo Brasil*, expõe as contradições que caracterizam a nossa tradição historiográfica.

Segundo o autor, não é mais possível dissociar o projeto de modernidade das sequelas decorrentes de um modelo de ocupação do território pautado pelo desmatamento e monocultura latifundiária, pelo extermínio ameríndio e utilização de mão de obra escrava ou semi-escrava, pelo apagamento e silenciamento de amplos segmentos marginalizados, invariavelmente expostos ao racismo e à violenta repressão policial.

Lara sublinha que decolonizar a narrativa da arquitetura brasileira não implica necessariamente descartar ou minimizar a potência criativa do discurso moderno/ colonial proposto por Lucio Costa há quase um século, mas reconhecer e desnudar, por uma série de ações, o alto grau de colonialidade inerente a este modelo de construção intelectual.

O primeiro passo, de uma série de cinco, parte do princípio de que não existe modernização sem colonização. Em tal preceito reside a ideia de que muitas intervenções monumentais, a exemplo da Pampulha, pressupõem a expulsão de centenas de famílias, com ou sem indenização. Pode-se assim inferir, sem maiores dificuldades, a segunda premissa: que a construção dos ícones arquitetônicos destacados pela historiografia implicou na devastação de florestas e na extração não sustentável de minérios.

A terceira constatação assinala as condições de desumanidade impostas aos operários, quase sempre mestiços ou afrodescendentes, que continuam residindo em casas autoconstruídas, nas encostas e periferias das nossas cidades, sem assimilar ou usufruir das serventias da cidade moderna.

A quarta questão é igualmente perversa. Nas palavras do autor, “a arquitetura deve ser entendida como parte inerente do processo de financialização da economia, drenando recursos antes investidos na produção e na geração de emprego e renda, levados através do sistema financeiro para processos deslocados do mundo da produção”.

Na quinta proposição, Lara reconhece que a arquitetura moderna carregou consigo um componente moral quase sempre retrógrado. Assim pode ser visto o empoderamento episódico da mulher no projeto do Conjunto Residencial do Pedregulho e a normalização da desigualdade nos quartos de empregada e entradas de serviço. “Independente do viés progressista ou reacionário, a arquitetura moderna sempre se colocou como instrumento de colonialidade no sentido de ensinar às massas como deveriam viver suas vidas”.

* * *

E assim continuamos a lutar para construir o futuro sem carregar os *vícios do passado*. Repensar a nossa própria trajetória pode ser um bom começo para o sucesso de tal empreita.

Exatamente em consideração a tal preceito, encontram-se incluídos, na segunda seção da *Revista Docomomo Brasil*, intitulada Dossiê, dezesseis editoriais do boletim trimestral *Docomemos* publicados entre 2018 e 2021. Nosso intuito é garantir acesso *público* a uma produção antes restrita aos filiados, ao mesmo tempo em que se torna possível apresentar uma espécie de retrospectiva das reflexões empreendidas pelas duas últimas gestões do Docomomo Brasil.

Boa leitura!

Andréa de Lacerda Pessoa Borde
(PROURB/UFRJ)

Helio Herbst
(DAU/IT/UFRRJ)

Marta Silveira Peixoto
(PROPAR/UFRGS)

ART_I.GOS

O urbanismo moderno e a cidade saudável em tempos de pandemia: o cinquentenário do Plano Piloto de Lucio Costa para a Barra da Tijuca no Rio de Janeiro

NUNES-FERREIRA, Carlos Eduardo. *O urbanismo moderno e a cidade saudável em tempos de pandemia: o cinquentenário do Plano Piloto de Lucio Costa para a Barra da Tijuca no Rio de Janeiro*. Revista Docomomo Brasil, Rio de Janeiro, n. 5, p. 11-20, jun. 2021.

data de submissão: 01/07/2020

data de aceite: 25/03/2021

Carlos Eduardo Nunes-Ferreira

Professor Adjunto - Universidade Federal do Rio de Janeiro
cenunes.ferreira@gmail.com

Resumo

O presente artigo celebra o cinquentenário do Plano Piloto da Barra da Tijuca, no Rio de Janeiro, de autoria do arquiteto e urbanista Lucio Costa, a partir da evolução da teoria do urbanismo desde o início do século XX aos dias atuais. Documentos e estudos importantes são utilizados como referência para esta análise como: a Carta de Atenas (1933), Cidade Compacta (1973), Nova Carta de Atenas (1998 e 2003), Paradoxo da Intensificação (2011), Carta Europeia de Urbanismo (2013) e Cidade Resiliente (2020). O Plano é avaliado também sob a ótica de diferentes conceitos: cidade moderna (com especial ênfase no Plano Piloto de Brasília, do mesmo autor), cidade dispersa, cidade compacta, cidade inclusiva, cidade criativa, cidade conectada e cidade resiliente. Estes conceitos são aplicados à atual situação da área de estudo a fim de avaliar a possibilidade de atualizar o Plano sob a perspectiva da humanização do urbanismo refletida em publicações relevantes de autores consagrados no campo do conhecimento como: Jane Jacobs, Galina Tachieva, Jan Gehl e Richard Sennett. Neste trabalho, são apresentadas, ainda, múltiplas estratégias e instrumentos urbanísticos que podem ser aplicados para a reconfiguração da atual ocupação da região com base nas diferentes matrizes apresentadas e nos desafios precipitados pelas sucessivas pandemias do século XXI. A conclusão aponta a Barra da Tijuca como possível paradigma do novo urbanismo contemporâneo.

Palavras-chave: urbanismo moderno; cidade compacta; plano piloto.

Abstract

This article celebrates the fiftieth anniversary of the Barra da Tijuca Pilot Plan, in Rio de Janeiro, designed by the Brazilian architect and urban planner Lucio Costa, based upon the evolution of the theory of urbanism from the beginning of the 20th century to the present day. Important documents and

studies are used as a reference for this analysis such as: the Charter of Athens (1933), Compact City (1973), New Charter of Athens (1998 and 2003), The Paradox of Intensification (2011), The Charter of European Planning (2013) and Resilient City (2020). The Plan is also evaluated from the perspective of different concepts: modern city (with special emphasis on the Pilot Plan for Brasília, designed by the same author), urban sprawl, compact city, inclusive city, creative city, connected city and resilient city. These concepts are applied to the current situation of the area of study in order to evaluate the possibility of updating the Plan from the perspective of the humanization of urbanism reflected in relevant publications by renowned authors in the field of knowledge such as: Jane Jacobs, Galina Tachieva, Jan Gehl and Richard Sennett. In this work, multiple strategies and urban instruments are presented that can be applied to reconfigure the current occupation of the region based on the different matrices presented and the challenges precipitated by the successive pandemics of the 21st century. The conclusion points to Barra da Tijuca as a possible paradigm of the new contemporary urbanism.

Keywords: modern urbanism; compact city; pilot plan.

Resumen

Este artículo celebra el quincuagésimo aniversario del Plano Piloto da Barra da Tijuca, en Río de Janeiro, del arquitecto y urbanista Lucio Costa, basado en la evolución de la teoría del urbanismo desde principios del siglo XX hasta la actualidad. Se utilizan como referencia para este análisis importantes documentos y estudios, tales como: la Carta de Atenas (1933), Ciudad Compacta (1973), Nueva Carta de Atenas (1998 y 2003), Paradoja de la intensificación (2011), Carta Europea de Urbanismo (2013) y Ciudad Resiliente (2020). El Plan también es evaluado bajo la perspectiva de diferentes conceptos: ciudad moderna (con especial énfasis en el Plano Piloto de Brasília, del mismo autor), ciudad dispersa, ciudad compacta, ciudad inclusiva, ciudad creativa, ciudad conectada y ciudad resiliente. Estos conceptos se aplican a la situación actual del área de estudio con el fin de evaluar la posibilidad de actualizar el Plan desde la perspectiva de la humanización del urbanismo reflejada en publicaciones relevantes de autores de renombre en el campo del conocimiento como: Jane Jacobs, Galina Tachieva, Jan Gehl y Richard Sennett. Este trabajo también presenta múltiples estrategias e instrumentos urbanos que pueden ser aplicados a la reconfiguración de la ocupación actual de la región a partir de las distintas matrices presentadas y los desafíos precipitados por las sucesivas pandemias del siglo XXI. La conclusión apunta a Barra da Tijuca como posible paradigma del nuevo urbanismo contemporáneo

Palabras clave: urbanismo moderno; ciudad compacta; plan piloto

Introdução

O dia 23 de junho de 2019 marcou os 50 anos da publicação do Decreto-Lei nº 42 que, na prática, oficializou a legislação urbanística que refletia as ideias expressas por Lucio Costa em seu Plano Piloto para a urbanização da baixada compreendida entre Barra da Tijuca, o Pontal de Sernambetiba e Jacarepaguá (COSTA, 1969). Daquele junho de 1969 aos dias de hoje, o pensamento urbano se transformou fundamental e substancialmente, o que nos leva a uma reflexão inescapável: como seria uma atualização do Plano Lucio Costa que incorporasse os princípios contemporâneos da sustentabilidade e da mobilidade urbana?

Cidade moderna e a (quase centenária) cidade contemporânea de Le Corbusier

O Plano Piloto da Barra seguiu os princípios do urbanismo moderno, ilustrados por Le Corbusier em uma publicação, de 1922, denominada *Cidade Contemporânea*. O objetivo era criar o modelo ideal de cidade do século XX em contraponto aos grandes centros, considerados congestionados e insalubres pelo autor, como a Paris da época: “uma cidade doente, muito doente” (Le Corbusier, 2000). A estratégia de descongestionamento seria a densificação aliada a grandes vias de circulação. A salubridade seria atingida pela criação de imen-

tico similar localizados à distância de um quilômetro um do outro, formando pequenas centralidades compostas por: (i) núcleos de torres residenciais, (ii) núcleos de casas isoladas, (iii) comércio de pequeno porte e (iv) comércio regional de grande porte (NUNES-FERREIRA, 2014). A recorrência deste padrão, em que os gabaritos e as escalas se alternam, permite boa ventilação, insolação abundante e alguma contemplação para todas as unidades residenciais, sejam casas ou apartamentos.

A designação de Lucio Costa para realizar o plano urbanístico da Barra foi feita à revelia inicial do próprio Professor, como Costa passou a ser chamado por sua equipe de trabalho. O mentor de toda uma geração de arquitetos e urbanistas brasileiros acreditava que o concurso público seria a melhor alternativa para um projeto de dimensões superiores ao Plano Piloto de Brasília. No entanto, eram tempos de ditadura e governos autocráticos não costumam gostar do confronto de ideias. Além disso, a escolha teve o caráter simbólico de reparar o Rio de Janeiro pela perda de seu status de capital do país com um projeto de urbanismo do mesmo autor da proposta vencedora do concurso para a nova capital. Ocorre que, naquele dia 23 de junho de 1969, Brasília já caminhava para o seu primeiro decênio, tendo recebido críticas muito contundentes a respeito de todas as promessas não cumpridas pelo urbanismo moderno.

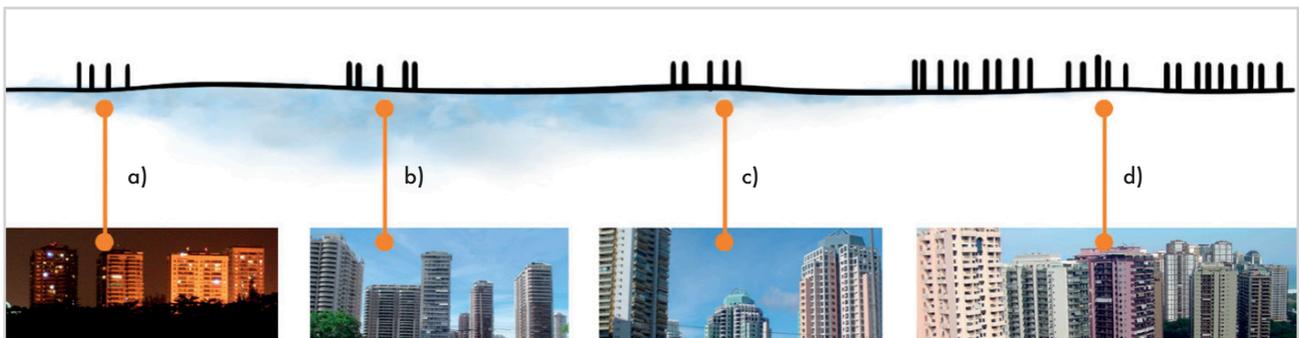


Figura 1. Os sub-bairros hoje consolidados refletem os núcleos de torres residenciais de quilômetro em quilômetro previstos nos desenhos de Lucio Costa para o perfil da Avenida das Américas, via principal da região. Da esquerda para a direita: a) Nova Ipanema, b) Parque das Rosas, c) Riviera dei Fiori/Mediterrâneo e d) Associação Bosque de Marapendi.
Fonte: Acervo Casa de Lucio Costa e fotos particulares.

sas áreas verdes. Neste sentido, a urbanização da Barra da Tijuca poderia ser sintetizada na expressão “torres no parque”. Pretendia ser um antídoto à ocupação de uma Copacabana já saturada e foi preconizada à classe alta carioca como uma zona sul sem defeitos. Por defeitos, no eufemismo publicitário, entenda-se congestionamento, poluição e favelização. O modelo da cidade moderna, aplicado ao território outrora intocado do chamado Pantanal carioca, resultou em um conjunto de condomínios verticais espaçados a cada mil metros lineares ao longo de uma autopista que se estende por cerca de 20 quilômetros. A concepção básica do projeto de Lucio Costa mantém-se estruturalmente intacta. O eixo central conecta sub-bairros de padrão urbanís-

Se a *Cidade Contemporânea* ilustra a morfologia das cidades novas a serem construídas no início daquele século, a ideologia do modelo encontra-se detalhada na Carta de Atenas, documento síntese dos debates realizados durante o IV Congresso Internacional de Arquitetura Moderna (CIAM), inaugurado em 29 de julho de 1933. A cidade moderna pretendia conciliar a esfera do individual e do coletivo, com privilégio deste sobre aquele “em todas as partes”. “A propriedade privada, (que) satisfaz uma minoria condenando o resto da massa social a uma vida medíocre”, ainda que respeitada, sofreria “severas restrições”. Além disso, a escala humana deveria reger “o dimensionamento de todas as coisas no dispositivo urbano” e “a medida

natural do homem” serviria de “base a todas as escalas que estarão relacionadas à vida e às diversas funções do ser” (Fonte: IPHAN). E como descreveu o antropólogo norte-americano James Holston em seu consagrado livro sobre a cidade modernista, Brasília “é o exemplo mais completo já construído das doutrinas arquitetônicas e urbanísticas apresentadas pelos manifestos dos CIAM” e nasceu como “uma crítica radical (tanto) da propriedade privada e das relações baseadas no dinheiro” quanto das cidades produzidas por essas relações e “organizadas em função do lucro privado”. (HOLSTON, 1993). Mas assim que as regras do mercado imobiliário passam a vigorar sobre a cidade-capital, cuja inauguração completa 60 anos em 2020, inicia-se um processo radical de segregação socioespacial. Embora o projeto original das superquadras previsse conjuntos relativamente próximos com diferentes tipologias, que permitiriam que patrões e empregados morassem a distâncias facilmente caminháveis, o valor médio do metro quadrado de imóveis localizados no Plano Piloto de Brasília chega, hoje, a oito mil reais, podendo ultrapassar os 10.000 reais por metro quadrado (Fonte: Index W Imóveis). A escala rodoviária do Plano suplantou suas qualidades locais no imaginário da população e Brasília passou a ser percebida como uma cidade sem esquinas, hostil ao pedestre e indiferente à classe trabalhadora, a quem o urbanismo moderno pretendia, inicialmente, contemplar.

entre as superquadras, que se mantem até hoje. Em especial, os edifícios residenciais da Asa Sul parecem flutuar sobre o ininterrupto parque imaginado por Costa, uma vez que foram construídos sobre pilotis. Já na Barra da Tijuca, desde aqueles anos 1980, guaritas, cancelas, cercas e muros fragmentaram o espaço público em condomínios fechados que abrigam moradores assombrados pelos altos índices de violência urbana das grandes capitais do país. E se a fluidez desejada do pedestre no espaço urbano arborizado foi interrompida por sucessivos enclaves murados, o fluxo rápido do trânsito também se encontra fragmentado pelos frequentes sinais de trânsito da sua via principal, que, originalmente, teria interseções em desnível nunca construídas. É verdade que a ausência do status de Patrimônio Histórico permitiu adulterações indesejáveis nas propostas iniciais do projeto. Entretanto, por outro lado, isto também abre a possibilidade de que o Plano Piloto da Barra da Tijuca, diferentemente do Plano Piloto de Brasília, congelado pelo tombamento, possa ser revisitado ou ressignificado a partir dos novos parâmetros do urbanismo contemporâneo. Mas de quais parâmetros estamos tratando exatamente?

A cidade compacta

Em primeiro lugar, trata-se da polarização entre os modelos da cidade moderna e da cidade dispersa, ambos resultantes de uma política econômica ro-

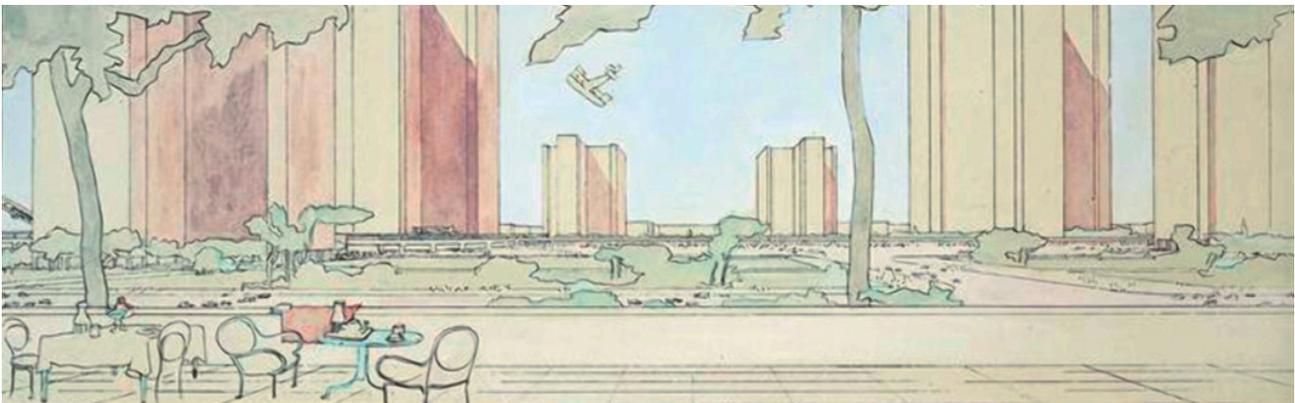


Figura 2. A morfologia da cidade moderna (torres no parque) foi apresentada ao mundo pelos desenhos da Ville Contemporaine (Cidade Contemporânea), enquanto a ideologia do urbanismo moderno está na Carta de Atenas.
Fonte: Fondation Le Corbusier.

No Plano Piloto da Barra da Tijuca, os descaminhos do urbanismo moderno seriam acentuados por dois fatores originais específicos: tratava-se de uma área de expansão negociada com grandes empreendedores imobiliários e do primeiro bairro da cidade a ter sua ocupação baseada essencialmente no automóvel. Há, também, um fator externo que gerou uma diferença adicional na atual configuração dos dois planos. Brasília recebeu o título de Patrimônio Cultural da Humanidade pela UNESCO em 7 de dezembro de 1987. Isto garantiu a salvaguarda da fluidez dos percursos livres

doviária – que consolidou a indústria automotiva do pós-guerra como propulsora de desenvolvimento nos Estados Unidos e no Brasil – em oposição ao modelo da cidade compacta. O termo cidade compacta é atribuído a George Dantzig e Thomas Saaty, em virtude de publicação homônima, de 1973, cujo subtítulo anunciava um “plano para um ambiente urbano habitável” (DANTZIG e SAATY, 1973). A proposta utilizava modelos matemáticos para a elaboração de um conceito de cidade em que habitação, comércio, serviços, indústria e lazer poderiam ser acessíveis a pé ou por sistemas

de transporte público de qualidade. Os modelos de Dantzig e Saaty confirmavam matematicamente as ideias da escritora e ativista política Jane Jacobs, cuja consagrada publicação, de 1961, *Morte e vida das grandes cidades*, definia o urbanismo como um problema de complexidade organizada a ser tratado principalmente na escala do bairro. De acordo com Jacobs, um bom bairro deve ter alta densidade de pessoas e edifícios; ter mais de uma função, a fim de atrair pessoas, com diferentes propósitos, em horas diferentes do dia e da noite; além de reunir edificações antigas e novas, pequenas e grandes, a fim de abrigar classes sociais diferentes. A diversidade social indica, conseqüentemente, a construção de uma sociedade mais inclusiva. Quarteirões devem ser curtos, com interconexões movimentadas que permitam criar oportunidades para a interação entre as pessoas e uma autovigilância permanente a que ela denominou olhos da rua (JACOBS, 2003). Neste ponto, cabe concluir nossa trilogia do modelo da cidade compacta com a publicação de Jan Gehl, *Cidade para Pessoas*, de 2010, em que o arquiteto e urbanista dinamarquês, postula, em seu terceiro capítulo, os preceitos para a construção de uma “cidade viva, segura, sustentável e saudável” (GEHL, 2015).

A construção, no campo do urbanismo, do modelo da cidade compacta dialoga com o conceito mais amplo de desenvolvimento sustentável estabelecido pela Organização das Nações Unidas desde a publicação, em 1987, de *Nosso futuro comum*.¹ A própria ONU inclui a promoção de cidades e comunidades sustentáveis como o décimo primeiro entre seus dezessete objetivos para um desenvolvimento sustentável (ODS). A compactação urbana demanda uma infraestrutura igualmente compacta e menos dispendiosa por habitante. A concentração de usos mistos provoca menos deslocamentos e, conseqüentemente, menos emissões de carbono. A diversidade de tipologias gera maior interação social e cultural. A princípio, a cidade compacta seria, portanto, aquela que melhor atende às diversas dimensões da sustentabilidade: espacial ou geográfica, ambiental ou ecológica, financeira, social e cultural.

As novas cartas de Atenas

É interessante lembrar, a esta altura, que o Conselho Europeu de Urbanistas, vem trabalhando nas últimas décadas em documentos denominados Nova Carta de Atenas (1998 e 2003) e Carta Europeia do Urbanismo (2013). O documento redigido em 1998 foi elaborado como uma renovação da Carta de Atenas original, fruto do CIAM de 1933. Os europeus estabelecem, ali, as diretrizes da cidade

a ser construída no século XXI por meio de dez expressões como: “cidade para todos, envolvimento real, contato humano, continuidade do caráter, benefícios de novas tecnologias, aspectos ambientais, atividades econômicas, movimento e acesso, variedade e diversidade, saúde e segurança” (KANASHIRO, 2004). Tais expressões se desdobram em conceitos como coesão social, gestão comunitária, acesso à informação, qualidade espacial, identidade histórica, transporte público de qualidade, desenvolvimento sustentável e cidade saudável. Na atualização de 2003, os temas passam a refletir mais fortemente a agenda do novo século: o emprego da tecnologia da informação como ferramenta do planejamento urbano, as redes de cidades policêntricas, o envelhecimento da população e a crise ambiental. Em 2013, o conceito central a ser implementado é aquele da cidade conectada que é “definido como uma multiplicidade de mecanismos de ligação que agem em diferentes escalas e nos diversos âmbitos da sustentabilidade (econômica, social, ambiental e cultural)”. Segundo a Carta mais recente, as cidades do século XXI devem ser “inovadoras e produtivas, criativas em ciência, cultura e ideias”, além de promover, concomitantemente, “condições de vida e trabalho decentes para a sua população” (ECTP, 2013).

As transformações da teoria do urbanismo contemporâneo já provocaram mudanças significativas na Barra da Tijuca, ao menos no que se refere à mobilidade urbana. Em função dos preparativos do Rio de Janeiro para se tornar sede dos Jogos Olímpicos de verão de 2016, o Parque Olímpico, que concentrou o maior número de modalidades esportivas, foi implantado dentro da área original do Plano Piloto, assim como a Vila dos Atletas. O plano de mobilidade urbana para a Olimpíada incluiu a implantação de três linhas de ônibus expressos (BRT, na sigla em inglês) e a construção de uma linha de metrô até um dos limites da região, o Jardim Oceânico, fazendo conexão rápida com a zona sul e o centro. Associados aos transportes por aplicativo, às bicicletas compartilhadas e a uma rede de ciclovias, os novos modais de transporte tiveram um relativo sucesso para a mudança do padrão de mobilidade da região. Atualmente, a maior frequência de viagens por meio de aplicativos no município ocorre tendo a estação de metrô Jardim Oceânico como origem ou destino. Isto indica que o metrô está sendo responsável pela retirada das ruas de boa parte dos automóveis de moradores da Barra que se dirigem ao trabalho todos os dias e de moradores de outros bairros que trabalham na região. Entretanto, a segregação acabou por se refletir na divisão por classes até nos meios de transporte, com as classes mais pobres utilizando o BRT e as linhas de ônibus remanescentes, enquanto a classe média passou a fazer uso da integração do metrô com o transporte por aplicativo.

1 - Publicação das Nações Unidas de autoria de Gro Harlem Brundtland, em que ela define: “desenvolvimento sustentável significa suprir as necessidades do presente sem afetar a habilidade das gerações futuras de suprirem as próprias necessidades”.

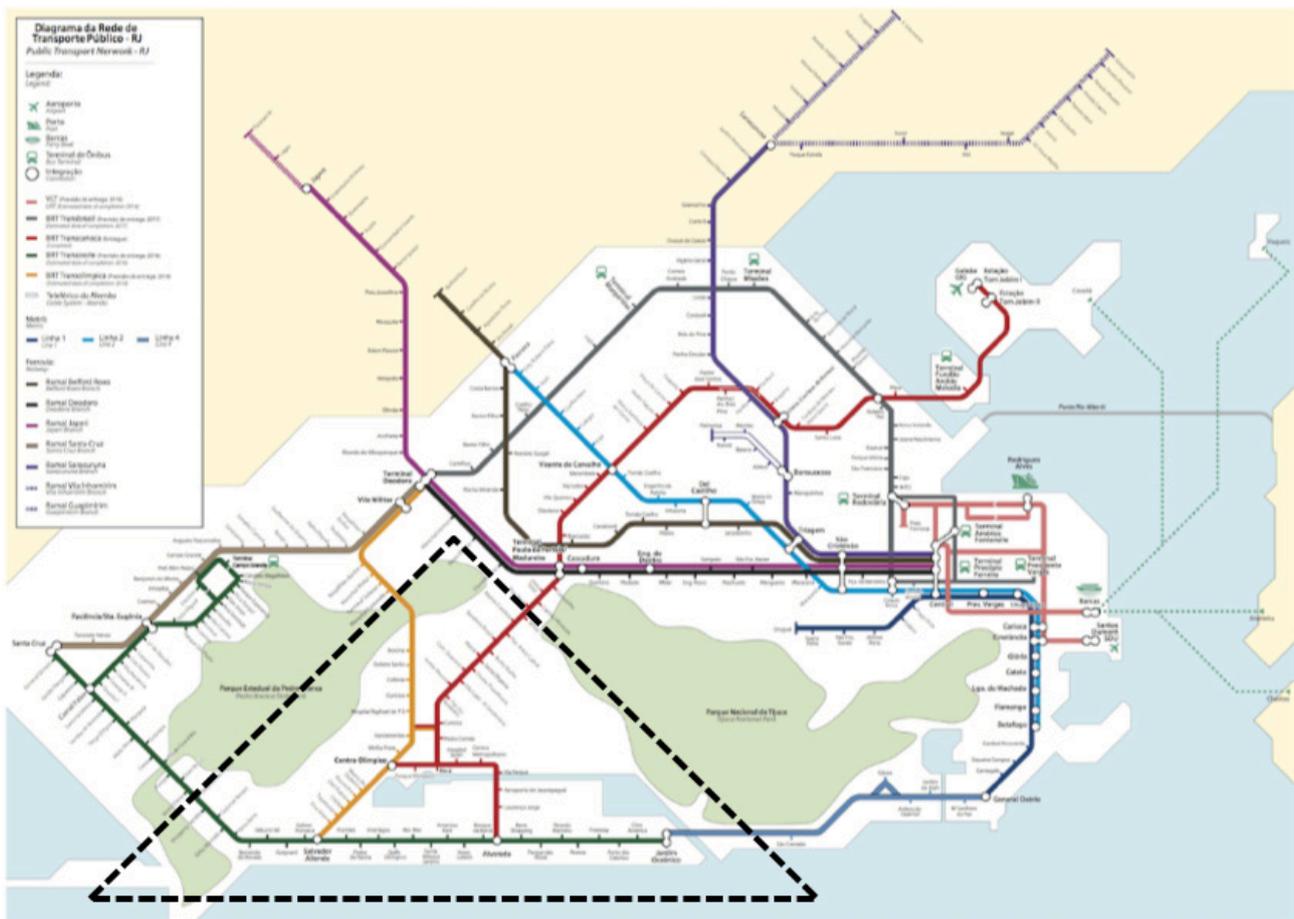


Figura 3. Primeiro bairro cuja ocupação se inicia no modelo rodoviarista, a Barra da Tijuca hoje tem a estação final de uma linha de metrô (azul) e três linhas de BRT: Transoeste (verde), Transcarioca (vermelho) e Transolímpica (amarelo). Em tracejado preto, a área equivalente ao Plano Piloto.

Fonte: PCRJ, Plano de mobilidade urbana sustentável (PMUS).

Restauração, retificação e reconfiguração

Em seu recente livro *Construir e habitar*: ética para uma cidade aberta, o historiador e sociólogo norte-americano Richard Sennett aponta três estratégias que uma cidade pode utilizar para se recuperar de rupturas internas: a restauração, a retificação e a reconfiguração. De acordo com Sennett, na restauração, o trabalho do restaurador deve ficar imperceptível e o tempo “suspense”. Na retificação, aquilo que foi retificado torna-se melhor que o original, o trabalho aparece, mas a função original permanece. Já na reconfiguração, “o original serve de material para algo que segue no tempo”, diferente tanto na forma quanto na função e “a cidade fica livre para evoluir” (SENNETT, 2018). Se aplicássemos estas três estratégias ao caso da Barra, poderíamos trabalhar com algumas possibilidades. A abordagem da restauração implicaria em restaurar as partes não realizadas do Plano. Seria preciso concluir as vias inacabadas, construir pontes e acessos secundários nunca realizados e atribuir um caráter expresso à Avenida das Américas, principal via da região. Esta estratégia, se aplicada isoladamente, poderia dar

mais fluidez e velocidade ao trânsito, porém terminaria por resgatar também o caráter rodoviarista do projeto porquanto iria estimular a utilização do automóvel particular. Por sua vez, a retificação, nos moldes descritos por Sennett, já está em curso. As três linhas de BRT substituíram grande parte das linhas de ônibus tradicionais e subtraíram faixas de rolamento das vias arteriais da região. A chegada do metrô associada ao transporte por aplicativo e as bicicletas compartilhadas parece ter tido efeitos complementares significativos. Este avanço poderia ser ainda maior se forem oferecidos na região os aplicativos de carro compartilhado (*car sharing*) já disponíveis em outras capitais do país. Por último, a abordagem da reconfiguração deveria incluir mudanças muito além da abertura de vias de tráfego e da transformação dos modais de transporte, tocando em pontos essenciais como o uso do solo – do zoneamento funcional para o uso misto – e a questão da habitação, em especial, aquela denominada de interesse social. Estas es-

2- Cidade dispersa: nos moldes dos subúrbios residenciais norte-americanos (REIS, 2007). Cidade genérica: sem identidade própria e produzida pela globalização do século XXI, de acordo com a definição de Rem Koolhaas (KOOLHAAS 2001).

tratégias, combinadas de acordo com cada situação específica dentro da enorme região, seriam capazes de incorporar as vantagens da compactação das cidades ao modelo atual de ocupação da Barra da Tijuca, originalmente moderno e parcialmente disperso?

Barra da Tijuca e o paradoxo da intensificação urbana

No livro *Barra da Tijuca: o presente do futuro*, eu descrevo as diferentes camadas do tecido urbano da região: a cidade moderna, a cidade dispersa e a cidade genérica (NUNES-FERREIRA, 2014).² O melhor caminho para a Barra nos próximos 50 anos pode estar exatamente na incorporação de uma quarta camada: a cidade compacta. Além disso, a superposição dos quatro modelos, aparentemente contraditórios entre si, poderia levar à solução do chamado paradoxo da intensificação. De acordo com um estudo da University of West of England, a maior densidade populacional reduz a utilização do automóvel per capita, o que traz benefícios para o ambiente global, mas aumenta a concentração de tráfego e a poluição locais. O paradoxo da intensificação só pode ser mitigado por uma combinação radical de medidas relacionadas ao uso do solo, ao transporte público, à caminhabilidade, ao incentivo ao ciclismo e à restrição de tráfego. Estas últimas podem incluir: o fechamento de vias ao transporte automotivo, a redução de áreas de estacionamento e garagens residenciais e, quando viável, a previsão de zonas carfree relativamente extensas (MELIA, PARKHURST e BARTON, 2011). Mas o que poderia ser feito efetivamente para transformar a Barra da Tijuca do século XXI, simultaneamente, em uma renovação do urbanismo moderno e uma resposta ao paradoxo da intensificação urbana?

A conclusão dos projetos não-executados das vias secundárias e pontes previstas por Lucio Costa restaurariam o traçado original do Plano, mas agora incluiriam a previsão de linhas alimentadoras de veículos leves sobre trilhos e ônibus, além de passarelas e ciclovias. O mesmo se aplicaria à retificação do caráter expresso da Avenida das Américas, desde que incluísse o metrô de superfície e conexões muito bem planejadas com linhas de BRT, VLT e uma rede mais capilar de transporte cicloviário e, até, hidroviário.³ Esta reconfiguração poderia lograr um feito inédito: a Barra da Tijuca, de matriz moderna e ocupação dispersa, deixaria de ser predominantemente rodoviarista.

2- Cidade dispersa: nos moldes dos subúrbios residenciais norte-americanos (REIS, 2007). Cidade genérica: sem identidade própria e produzida pela globalização do século XXI, de acordo com a definição de Rem Koolhaas (KOOLHAAS 2001).

3- O transporte hidroviário já é realizado em alguns canais e lagoas de região, mas em uma escala ainda muito pequena.

Cidade reparada e cidade inclusiva

Evidentemente, a partir de uma perspectiva de cidade para pessoas ou cidade para pedestres stricto sensu, tal abordagem, isoladamente, teria um alcance que poderia ser considerado apenas relativo. A fim de atingir uma caminhabilidade efetiva, seria preciso encurtar distâncias, o que passaria a incluir mudanças significativas de forma e função. Para isso, o uso do solo também poderia ser reconfigurado por meio da revisão do zoneamento, especialmente dos usos residencial e comercial para o uso misto, sempre que fosse compatível. Os instrumentos previstos no Estatuto da Cidade, como o IPTU progressivo, a operação urbana consorciada e a outorga onerosa, também poderiam ser aplicados na região com grande eficácia. Por meio desta última, as taxas de ocupação e os coeficientes de aproveitamento poderiam ser revistos, equilibradamente, de modo a gerar recursos para que o poder público possa realizar as melhorias estruturais necessárias e preservar, ao mesmo tempo, as presentes características ambientais da região. Podemos recorrer, neste aspecto, às instigantes propostas do *Manual de revisão da cidade dispersa* da urbanista Galina Tachieva, expoente do Novo Urbanismo norte-americano. Em seu manual, Tachieva ilustra a ocupação das grandes áreas de estacionamento que circundam os inúmeros centros comerciais dos subúrbios norte-americanos, com a implantação de comunidades completas (TACHIEVA, 2010). Isto permitiria, no nosso estudo de caso, um sem-número de possibilidades para a ocupação ativa do entorno de diversos hipermercados e shopping centers da região da Barra. O ambiente urbano se tornaria mais aprazível pela complementariedade do tecido, pela continuidade dos caminhos para pedestres e pela eliminação de extensivas ilhas de calor.



Figuras 4 e 5. No Manual de revisão da cidade dispersa, Galina Tachieva reúne ilustrações de possíveis ocupações das áreas de entorno dos grandes centros comerciais dos subúrbios norte-americanos (imagem 4, acima), como poderia ser feito, por exemplo, no estacionamento do Barrashopping (imagem 5, na página ao lado). Fonte: Google Earth e Sprawl Repair Manual (TACHIEVA, 2010).



Em pontos estratégicos da região, a implantação de condomínios populares poderia ser incentivada. Um recurso legal poderia ser a vinculação do aumento de coeficientes de aproveitamento à construção de unidades habitacionais de menor dimensionamento. Nesta alternativa, a maior oferta regularia o próprio mercado. Outro recurso seria a cota de solidariedade, que já é prevista em cidades como São Paulo e Nova York. A cota de solidariedade prevê a construção de um percentual de unidades populares para cada novo empreendimento voltado às classes média ou alta⁴. Estes instrumentos urbanísticos poderiam melhorar a qualidade de vida de parte dos trabalhadores, aliviar o transporte público e evitar, indiretamente, o surgimento de assentamentos irregulares. É importante lembrar que a Barra da Tijuca disputa, atualmente, com Campo Grande e Madureira, o posto de segunda centralidade do município do Rio de Janeiro (Fonte: Modelar a metrópole) e rivaliza com Botafogo, a segunda posição em arrecadação municipal do Imposto Sobre Serviços (Fonte: IPP). Isto indica que a região já deixou de ser uma área estritamente residencial e reúne uma variada oferta de postos de trabalho. Estas são iniciativas que, em menor ou maior grau, já poderiam conferir, à região, três características básicas da cidade compacta: a diversidade, a mobilidade e a sustentabilidade.

Cidade criativa e cidade conectada

Com maior conectividade e inclusão social, a Barra da Tijuca passaria a reunir, ainda, as características fundamentais para a promoção da economia criativa como propulsora de desenvolvimento econômico e social (REIS, 2011). A região já concentra uma dezena de instituições de ensino superior de graduação e pós-graduação e o maior índice

4- No Plano Diretor de São Paulo, a regra é que empreendimentos acima de 20.000 m² destinem 10% do próprio imóvel ou de uma área na mesma região para a implantação de moradias de interesse social.

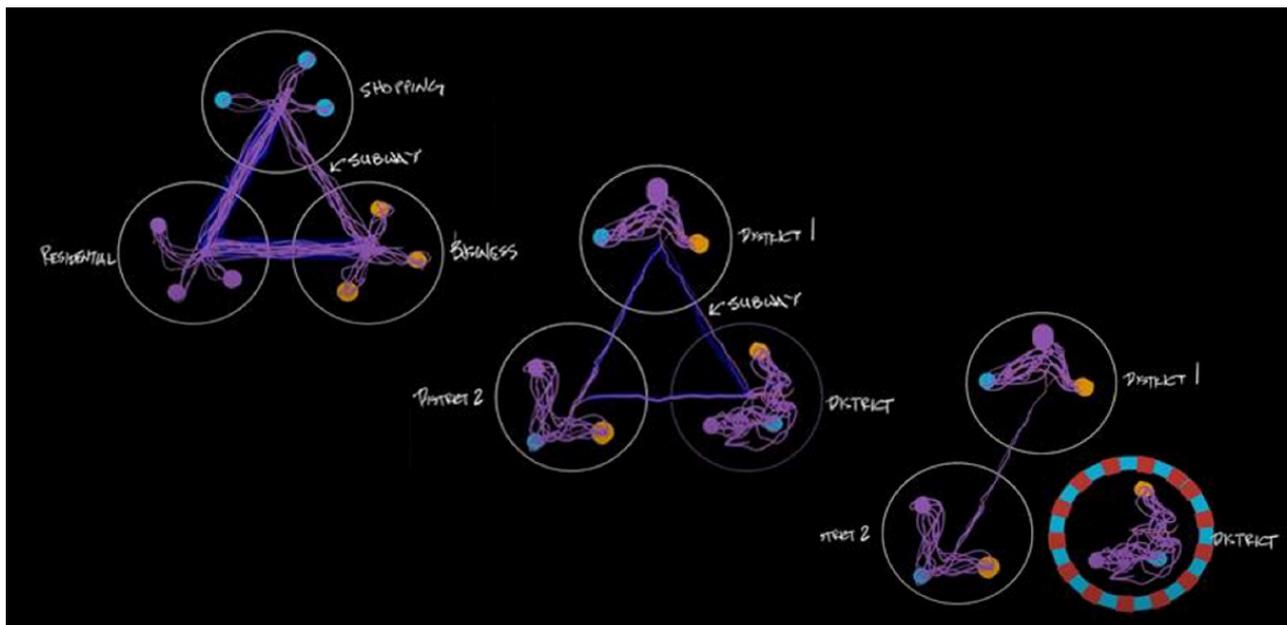
de educação (IDH-E=0,996) da cidade, idêntico ao da região da Lagoa, na zona sul do Rio de Janeiro (Fonte: IPP). Poderíamos, assim, acrescentar à nossa proposta para o futuro da Barra da Tijuca, uma quinta camada: a cidade criativa. De acordo com a definição estabelecida pela Rede de Cidades Criativas da UNESCO, um território criativo é aquele que investe na criatividade como um fator estratégico para o seu desenvolvimento sustentável, no âmbito de parcerias, incluindo os setores público e privado, organizações profissionais, comunidades, sociedade civil e instituições culturais. Já a definição de indústria criativa estabelecida pela Federação das Indústrias do Rio de Janeiro (FIRJAN, 2019) é dividida em quatro núcleos: consumo, cultura, mídias e tecnologia. A Barra da Tijuca já reúne, atualmente, grandes empresas nestes quatro núcleos: um polo de arquitetura e design como o Casa Shopping (consumo), um centro cultural de abrangência regional como a Cidade das Artes (cultura), grandes produtoras de conteúdo audiovisual como o Projac e a Globosat, da Rede Globo, e o RecNov da Rede Record (mídias) e sedes de importantes empresas de tecnologia da informação e da comunicação (TIC) como a Net/Claro e a Vivo (tecnologia). Estas últimas características também aproximam a Barra da Tijuca do conceito de cidade conectada descrito na Carta Europeia do Urbanismo de 2013, apenas adaptado à realidade local.

A cidade resiliente a pandemias

O dia 11 de janeiro de 2020 ficará marcado como o dia do anúncio da primeira morte causada pelo novo corona vírus no mundo. No final daquele mês, a Organização Mundial da Saúde emite um alerta internacional de saúde pública global. Desde Wuhan, cidade da China Central em que, salvo estudos mais avançados, a nova pandemia teve início, chegam imagens de ruas vazias, pessoas confinadas em suas residências e conurbações inteiras bloqueadas. O distanciamento social imposto pela alta taxa de contágio do COVID-19 faz tremer os teóricos da cidade compacta. Todas as conquistas recentes da pedestrianização e da valorização dos espaços públicos de encontro podem estar sob-risco. Assim como a construção de cidades no século XIX foi obrigada a incorporar estratégias de saneamento e salubridade à sua visão da cidade como obra de arte, em virtude dos surtos de cólera, tifo e varíola, e o século XX criou o modelo de urbanismo moderno a partir dos benefícios das extensas áreas verdes para a saúde humana, um novo desafio sanitário se impõe ao urbanismo da nossa época a partir das sucessivas pandemias do século XXI. Neste contexto, um estudo do Massachusetts Institute of Technology (M.I.T.) pode trazer alguma luz sobre este aspecto a partir do conceito da resiliência urbana, originalmente concebido sob o ponto de vista das mudanças climáticas. O modelo se baseia na

ideia de cidade como uma rede de comunidades e faz uma analogia entre o espraiamento urbano e o padrão de contágio do novo corona vírus. Por este modelo, uma comunidade com autonomia funcional, responderia mais adequadamente a uma quarentena ou a um eventual lockdown. Uma ocupação exclusivamente residencial ou estritamente comercial obriga a população a um deslocamento dispendioso, do ponto de vista energético, e perigoso do ponto de vista epidemiológico. Já um bairro com diversidade de usos, funções e serviços, com farmácias e supermercados, por exemplo, que possam ser alcançadas em uma caminhada

do urbanismo estão nas quatro funções: habitar, trabalhar, recrear-se (nas horas livres), circular” (Fonte: IPHAN). Entretanto, esta convergência é possível porquanto a estrutura proposta por Costa para a Barra define múltiplas centralidades, cujos núcleos estão distantes um quilômetro entre si. E, em cada sub-bairro, foram propostas tipologias que podem facilmente abrigar habitação, comércio e trabalho em um raio de cerca de 500 metros. Se aplicada a mudança de ocupação do solo para uso predominantemente misto e concluída a alteração do padrão de mobilidade urbana de individual para coletivo, característicos da cidade



Modelo de zoneamento funcional | Modelo de autonomia funcional | Quarentena com recursos locais

Figura 6. No **modelo de zoneamento funcional**, há uma separação territorial entre os setores residencial, comercial e empresarial. Portanto há mais deslocamentos, maior consumo de energia e emissão de carbono, assim como espalhamento do vírus. No **modelo de autonomia funcional**, habitação, comércio e trabalho estão próximos. Os deslocamentos são muito menos intensos, assim como são menores as possibilidades de contágio por pessoas de diferentes regiões. Comunidades ou distritos autônomos podem ser isolados mais facilmente no caso de epidemia ou pandemia de acordo com o modelo do grupo de pesquisa do antropólogo e arquiteto Kent Larson.

Fonte: MIT Media Lab.

da de 20 minutos, evitaria grandes deslocamentos de pessoas e, conseqüentemente, traria uma economia de combustível, em condições normais, e um isolamento mais eficaz e menos traumático no caso de alguma epidemia (LARSON, 2020).

Conclusão

Cinquenta anos separam as teorias do Prof. Kent Larson⁵ e a concepção do Plano Piloto da Barra da Tijuca do Prof. Lucio Costa. Mas elas parecem surpreendentemente convergentes. Mais ainda se lembrarmos que o urbanismo moderno concebido nos CIAM, que inspirou Lucio Costa em Brasília, se aproxima, na verdade, do modelo de zoneamento funcional do diagrama acima reproduzido. Na Carta de Atenas, lê-se, inclusive, que “as chaves

compacta, a Barra da Tijuca poderia tornar-se uma rede de comunidades relativamente autônomas do ponto de vista funcional.

O futuro da Barra da Tijuca parece residir na reconfiguração da cidade moderna pela superposição das estratégias de proximidade, diversidade e sustentabilidade ambiental, financeira e social da cidade compacta, além da promoção das premissas estruturantes da cidade criativa e da cidade conectada. Tudo isso associado à permanência das qualidades de salubridade do plano corbusiano de sol, verde e espaços livres para a boa ventilação, agora alimentados por um sistema integrado de modais de transporte público de alta qualidade e baixa emissão de carbono, além de distâncias menores e agradavelmente caminháveis. Será este o paradigma do novo urbanismo contemporâneo: uma cidade modernamente saudável, compactamente inclusiva e criativamente conectada?

5- Kent Larson é diretor do grupo de pesquisa da City Science no MIT Media Lab.

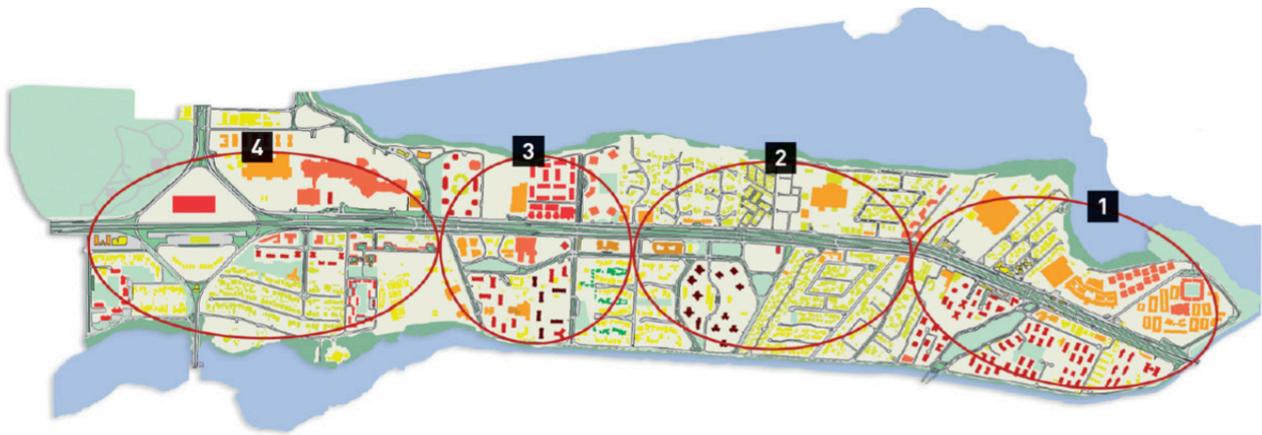


Figura 7. Embora a Carta de Atenas preconize o **modelo de zoneamento funcional**, com a separação dos setores residencial, comercial e empresarial, na Barra da Tijuca, Lucio Costa criou múltiplas centralidades, marcadas por núcleos de torres residenciais a cada 1Km. Como estes núcleos são circundados por tipologias que permitem facilmente a proximidade entre habitação, comércio e trabalho, com as reconfigurações propostas neste trabalho, estas centralidades poderiam converter-se em uma sequência de comunidades mais próximas do **modelo de autonomia funcional**. **1.** Associação Bosque Marapendi (ABM) e shopping Downtown, Città America, Conviva e Extra. **2.** Condomínios Riviera dei Fiori e Mediterrâneo com os centros comerciais Freeway, Barra Garden e Guanabara. **3.** Parque das Rosas com Rosa shopping, Barra Square, Le Monde e Village Mall. **4.** Nova Ipanema, Barrashopping e hipermercado Carrefour.

Referências

COSTA, Lucio. *Registro de uma vivência*. São Paulo: Empresa das Artes, 1995.

_____, 1969. *Plano-Piloto para a urbanização da baixada compreendida entre a Barra da Tijuca, o Pontal de Sernambetiba e Jacarepaguá*. Rio de Janeiro: Agência Jornalística Image LTDA, 1969.

DANTZIG, George e SAATY, Thomas. *Compact City: A Plan for a Liveable Urban Environment*. Nova York: W. H. Freeman, 1973.

ECTP. *The charter of European planning*, 2013.

_____, *New charter of Athens*, 1998.

FIRJAN/SENAI. *Mapeamento da indústria criativa no Brasil*. Fev. 2019. Disponível em: <<http://www.firjan.com.br/EconomiaCriativa/downloads/MapeamentoIndustriaCriativa.pdf>>.

GEHL, Jan. *Cidade para pessoas*. Tradução Anita di Marco. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.

GOVERNO DO RIO DE JANEIRO. *Modelar a metrópole*. Plano Estratégico de Desenvolvimento Urbano Integrado da Região Metropolitana do Rio de Janeiro 2018.

HOLSTON, James. *A cidade modernista: uma crítica de Brasília e sua utopia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

IPHAN. *Carta de Atenas de novembro de 1933*, Assembléia CIAM. Disponível em: <<http://www.iphan.gov.br>>.

JACOBS, Jane. *Morte e vida de grandes cidades*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. Primeira edição – Nova York: Random House, 1961.

KANASHIRO Milena. *Da antiga à nova Carta de Atenas: em busca de um paradigma espacial de sustentabilidade*. *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, n. 9, p. 33-37, jan./jun. 2004. Curitiba: Editora UFPR, 2004.

KOOLHAAS, Rem et. al. *Great Leap Forward: Harvard Design School Project on the City 1*. Colônia: Taschen, 2001.

LARSON, Kent. *Planning the future after COVID-19*. MIT Media Lab, 2020. Disponível em: <<https://youtu.be/3V42smsrDnQ>>

LE CORBUSIER. *Urbanismo*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

MELIA, Steven, PARKHURST, Graham e BARTON, Hugh. *The paradox of intensification*. Transport Policy. Bristol: The University of the West of England, 2011.

NUNES-FERREIRA, Carlos. *Barra da Tijuca: o presente do futuro*. Rio de Janeiro: E-papers, 2014.

_____, *Data.Rio: arrecadação do Imposto sobre Serviço (ISS) por Regiões Administrativas (RA) no Município do Rio de Janeiro entre 2001-2007*.

REIS, Ana. *Cidades criativas*. Tese (Doutorado). FAU-USP, 2011.

REIS FILHO, Nestor Goulart. *Brasil: estudos sobre dispersão urbana*. São Paulo: FAU-USP, 2007.

SENNETT, Richard. *Construir e habitar: ética para uma cidade aberta*/Richard Sennett; tradução de Clóvis Marques – 1^ª ed. – Rio de Janeiro: Record, 2018.

TACHIEVA, Galina. *Sprawl Repair Manual*. Washington DC: Island Press, 2010.

W Imóveis: *index Brasília e Distrito Federal* – Relatório de mercado de dezembro de 2017. Disponível em: <<http://produto.imovelweb.com.br/2018/index/index-df-relatorio-2017-12.pdf>>

Os edifícios de escritórios dos irmãos MMM Roberto no Centro do Rio de Janeiro – ou toda arquitetura leva a um urbanismo

IZAGA, Fabiana Generoso de, Os edifícios de escritórios dos irmãos MMM Roberto no Centro do Rio de Janeiro – ou toda arquitetura leva a um urbanismo, *Revista Docomomo Brasil*, Rio de Janeiro, n. 5, p. 21-30, fev. 2022

data de submissão: 19/06/2020

data de aceite: 25/03/2021

Fabiana Generoso de Izaga

Professora Associada - Universidade Federal do Rio de Janeiro

fabizaga@fau.ufrj.br

Resumo

Os arquitetos irmãos MMM Roberto integram o núcleo de produção engajada da arquitetura moderna brasileira, elaborada a partir de 1930, no Rio de Janeiro. A trajetória de Marcelo, Milton e Mauricio é marcada pela extensa produção do edifício em altura, em que se destaca a realização dos edifícios de escritórios. A série de edifícios realizados no Centro do Rio de Janeiro estabelecem uma pesquisa que evidencia o aprofundamento de questões sobre a interpretação da doutrina do edifício moderno relacionada à cidade pré-existente. Em conjunto, os aspectos que dizem respeito à articulação do nível térreo do edifício com o espaço público da rua, e a engenhosidade e apuro na definição dos elementos da fachada, em especial os *brise-soleil*, destacam-se como particularidades da pesquisa empreendida pelos arquitetos. Os edifícios da Associação Brasileira de Imprensa, do Instituto de Resseguros do Brasil, Seguradoras e Marquês do Herval constituem a linha narrativa destas dimensões.

Palavras-chave: MMM Roberto, edifícios de escritórios, arquitetura moderna brasileira

Abstract

The brother architects MMM Roberto are part of the core of engaged production of modern Brazilian architecture, elaborated from the 1930s, in Rio de Janeiro. The trajectory of Marcelo, Milton and Mauricio is marked by the extensive production of tall buildings, where the office buildings stands out. The series of buildings made in downtown Rio de Janeiro establishes a research that highlights the deepening of issues on the interpretation of the doctrine of the modern building in relation to the pre-existing city. Together, aspects related to the articulation of the building's ground level with the public space, and the ingenuity and accuracy in defining the elements

* As reflexões deste artigo são fruto da dissertação *O Sentido da Pele: uma abordagem da arquitetura dos Irmãos Roberto*, Mestrado Acadêmico em História (EBA-UFRJ), 2002. Agradeço a Luiz Felipe Machado Coelho de Souza pela disponibilização para consulta de fontes primárias sobre os MMM Roberto, que possibilitaram valiosos e oportunos suplementos às questões discutidas na dissertação

of the facade, especially the brise-soleil, stand out as particularities of the research undertaken by the architects. The buildings for the Brazilian Press Association, the Brazilian Reinsurance Institute, Seguradoras and Marquês do Herval, constitute the narrative line of these dimensions.

Keywords: MMM Roberto, office buildings, modern Brazilian architecture

Resumen

Los arquitectos hermanos MMM Roberto son parte del núcleo de la producción comprometida de la arquitectura moderna brasileña, elaborada a partir de 1930, en Río de Janeiro. La trayectoria de Marcelo, Milton y Mauricio está marcada por la extensa producción del edificio en altura, donde se destaca los edificios de oficinas. La serie de edificios en el centro de Río de Janeiro establece una investigación que destaca la profundización de los problemas sobre la interpretación de la doctrina del edificio moderno relacionada a la ciudad preexistente. Juntos, los aspectos de la articulación del nivel del suelo del edificio con el espacio público, y el ingenio en la definición de los elementos de la fachada, especialmente el brise-soleil, se destacan como particularidades. Los edificios de la Asociación Brasileña de Prensa, del Instituto Brasileño de Resseguros, Seguradoras y Marquês do Herval constituyen la línea narrativa de estas dimensiones.

Palabras clave: MMM Roberto, edificios de oficinas, arquitectura moderna brasileña

Introdução

Em uma célebre entrevista concedida a Jayme Mauricio no jornal *Correio da Manhã*, em 1955, e depois reproduzida na *Revista Arquitetura*, do Instituto de Arquitetos do Brasil, em 1964, sob o título de “O pensamento de Marcelo Roberto”, encontra-se um importante balanço da trajetória do escritório MMM Roberto Arquitetos. Nela evidenciam-se algumas importantes singularidades dos Roberto, como integrantes de um núcleo de produção engajada da arquitetura moderna brasileira, elaborada a partir da década de 1930 no Rio de Janeiro. Ao ser perguntado sobre qual seria “a virtude e o grande defeito da Arquitetura no Brasil”, Marcelo Roberto reconheceria que o Brasil até aquele momento havia alcançado maturidade em determinadas realizações arquitetônicas, sendo esta portanto a virtude. Ressalta o fato, entretanto, que esses feitos não haviam alcançado “criar em grande”, devido a outras razões. O que teria conduzido ao que identifica como defeito, que é explicado com a frase “... toda arquitetura leva a um urbanismo, e a nossa levou” (ARQUITETURA, 1964, p.8). Marcelo Roberto discorrerá sobre como os arquitetos, tal como “marginais impotentes” haviam assistido à “... especulação imediatista e corruptora hipertrofiar o organismo urbano... tornando caóticas as cidades”. Realizada em um momento

de maturidade profissional, a entrevista explicita a visão de alguns temas que seriam caros a Marcelo Roberto, e que ele imprimiria na produção do escritório MMM Roberto.

O primeiro tema diz respeito à lucidez com que reconhece o papel histórico e pioneiro dos importantes feitos que a arquitetura moderna brasileira, elaborada por sua geração, havia alcançado desenvolver naqueles últimos 20 anos. Outro tema presente, e que é recorrente em declarações e artigos de Marcelo, e incomum entre seus contemporâneos, é acerca da atuação profissional. Ele discorre sobre a importância da relação do arquiteto com o cliente, dos custos de um bom projeto, e da necessidade de o arquiteto ser o grande orquestrador de profissionais que colaboram entre si e acompanham as obras. A alusão a um mercado imobiliário voraz, com agentes ávidos por extrair o máximo dos condicionantes legais, no qual o projeto de arquitetura é secundário, é coetâneo à grande transformação urbana pela qual passaria a cidade do Rio de Janeiro a partir de meados do século XX. Cidade da bossa nova, balneário cosmopolita, e ainda capital do Brasil até 1960, o Rio de Janeiro entre as décadas de 1950 e finais de 1970 atravessaria um rápido processo de verticalização, que é acompanhado por consideráveis investimentos na infraestrutura viária, com a construção de “parkways”, túneis e viadutos, em especial na cantada zona sul da cidade e em seu histórico centro. São nestas localizações onde os MMM Roberto mais projetam e constroem edifícios residenciais, de escritórios e institucionais.

Contudo, o assunto que subjaz nesta declaração e talvez de maior repercussão conceitual em sua obra, seria o entendimento de que os edifícios não são objetos isolados e soltos, tendo como pano de fundo a vegetação, como determinava a doutrina do urbanismo do mestre Le Corbusier (1925, 1943). Pode-se inferir neste depoimento de Marcelo a sua visão de que a cidade é construída pelo conjunto de edifícios, e de modo inverso, o entendimento de que os edifícios são também peças urbanísticas.

Para validarem o projeto de substituição de uma linguagem relacionada a um tema determinado, por outra abstrata autorreferenciada, os arquitetos modernos se obrigariam a negar por completo a sua formação e os procedimentos nela ensinados. A grande mudança que é inequivocamente a da expressão da forma, é assumida estrategicamente como sendo estritamente relacionada ao seu caráter funcional e técnico. Esta é sem dúvida uma das maiores ambiguidades da Arquitetura Moderna, conciliadas no caso brasileiro pelo habilidoso discurso de encadeamento com a tradição, construído por Lúcio Costa (1962, 1995), guia teórico e crítico, e amplamente debatida nos últimos anos (CZAJKOWSKI, 1985; WISNIK, 2004).

Desmistificar o pragmatismo do discurso funcionalista e chamar atenção para a importância do método de composição e caracterização discutidos e formulados pela didática Beaux-Arts, é fundamental para a compreensão do treinamento por que passaram os arquitetos modernos antes de adotarem o funcionalismo como doutrina. Valiosas análises (ROWE, 1982; COMAS, 1993) já apontaram para a maneira como o discurso moderno resume a arquitetura a uma racionalização de fatos objetivos, deixando de lado os princípios acadêmicos sobre os quais se estrutura, por considerá-los tanto duvidosos como irrelevantes. A nossa abordagem se alinha, desta forma, com aqueles que buscam reconhecer a Arquitetura Moderna em um tempo histórico longo, em que se argumentam e questionam sobre os postulados defendidos por ela mesma com relação ao estabelecimento de um grau zero. O que os modernos repudiam na geração imediatamente anterior é a utilização de determinados estilos para edifícios específicos, para os quais são deduzidos esquemas formais simplificadores, com base na simples interpretação histórica de seu significado. Mas, em última análise, poder-se-ia dizer que estes mesmos princípios, sob os quais os arquitetos modernos haviam sido treinados, apesar de implicitamente rejeitados, estavam sendo utilizados sob uma nova linguagem abstrata e autorreferenciada.

Estudos abrangentes foram publicados sobre a obra dos irmãos Roberto (BRITO, 1994; SOUZA, 2014) e que cumprem papel relevante de colocar em perspectiva a sua extensa produção arquitetônica e urbanística, em suas diversas fases. A trajetória dos irmãos Marcelo, Milton e Maurício é marcada pela extensa produção do edifício em altura, na qual se destaca a realização dos edifícios de escritórios. Nossa proposta enfoca estes edifícios dentro de um recorte urbano específico que é a área central e histórica do Rio de Janeiro. São sete os edifícios de escritórios construídos no intervalo de quase trinta anos, desde 1935, até 1964, ano marcado pelo prematuro falecimento de Marcelo. São eles a Associação Brasileira de Imprensa ABI (1936), o Edifício Valparaíso da Liga Brasileira Contra a Tuberculose (1937), o Edifício Plínio Catanhede – Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Industriários IAPI (1938), o Instituto de Resseguros do Brasil IRB (1941), o Edifício Seguradoras (1949), o Edifício Marquês do Herval (1952), o Edifício sede da Cia. Souza Cruz (1958) (SOUZA, 2014; XAVIER et al, 1991).

Estes edifícios buscam desenvolver e aperfeiçoar os conceitos de espaço moderno, visando ajustar a disposição do programa dentro de critérios espaciais de flexibilidade, amparados pelo concreto armado e por outras novas técnicas. Todavia, o problema incontornável se concentra na definição de um caráter brasileiro – ou melhor dizendo, carioca – para conduzir aos melhores encaixes com o meio urbano. Essas relações são operacionaliza-

das sobretudo por meio de dispositivos que regulam a relação dos fechamentos e das aberturas no nível do chão e na tensão entre transparência e opacidade, expressão e neutralidade na pele dos edifícios. O repertório de *brise-soleil* verticais, horizontais, muros pictóricos curvos ou segmentados adquirem refinamento e inventividade a cada projeto, nos quais se questiona e se busca responder aos condicionantes urbanísticos de cada localização. Os edifícios da Associação Brasileira de Imprensa, do Instituto de Resseguros do Brasil, Seguradoras e Marquês do Herval se destacam nessa produção e constituem a linha narrativa da discussão dessas dimensões neste artigo.

Associação Brasileira de Imprensa ABI (1936)

O projeto dos Roberto para a o edifício ABI, escolhido por concurso, resulta em um fato marcante tanto para os seus autores, que se projetam no cenário arquitetônico daquele momento, como também para os arquitetos modernos em geral, que se beneficiam da polêmica quanto à aceitação da nova linguagem moderna. O momento de eclosão e o de transcurso da arquitetura moderna brasileira nas décadas de 1930 a 1950, vem a reboque de um movimento intelectual e a discussão sobre uma identidade nacional.

É significativo o caráter institucional do edifício, que representa uma entidade de classe, composta por personalidades bastante ativas no panorama político brasileiro. Os jornalistas, além de formadores de opinião, representam provavelmente a classe mais influente nesse momento na política brasileira. A atuação de Herbert Moses – que assume a presidência da entidade no período de 1932 a 1940 – é crucial para a realização do projeto.

O terreno doado pela Prefeitura do Distrito Federal na Esplanada do Castelo, situa-se na esquina da Rua México com a Rua Araújo Porto Alegre, no Centro do Rio de Janeiro. Trata-se de uma área de transição entre a imponente Avenida Rio Branco e o vazio da Esplanada do Castelo, originado da demolição do morro do mesmo nome, e destinado a abrigar o novo centro financeiro e de negócios da cidade. Essa área tem proximidade a dois importantes equipamentos localizados na Av. Rio Branco: a Sede da Escola de Belas Artes e a Biblioteca Nacional, ambos projetos de linguagem eclética de autoria do arquiteto espanhol radicado no Brasil, Adolfo Morales de los Rios. O terreno apresenta uma situação desfavorável de insolação, com alinhamentos voltados para norte e oeste. O alinhamento da edificação sobre as testadas do terreno e o acesso obrigatório ao miolo da quadra fazem parte dos parâmetros urbanísticos da cidade, herdeiras do Plano Agache.

O programa para abrigar a Casa do Jornalista, criada em 1908 (REVISTA ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA, 1940, p.9), é composto majoritariamente por escritórios, com instalações para recreação e assistência social. Além dos Roberto, apresentam-se no concurso equipes compostas por Jorge Moreira com Ernani Vasconcellos e de Oscar Niemeyer com Fernando Saturnino de Britto e Cassio Veiga Sá (ARQUITETURA, 1936). Os jovens arquitetos Marcelo e Milton, o mais novo recém-formado, saem-se vencedores com um projeto que se diferencia dos demais pela fluidez da organização em planta e pelo maior domínio expressivo de uma linguagem formal moderna. A solução dos Roberto de aproximar os acessos social e de estacionamento ao miolo da quadra, permite a criação de um saguão de entrada amplo, que se coloca em continuidade à calçada da Rua Araújo Porto Alegre. A pele da fachada é exemplarmente trabalhada, com lâminas verticais que marcam o ritmo dos *brise-soleil*, e que se contrapõem às linhas das vigas. No transcurso das obras o projeto sofre alterações, e uma grande moldura passa a se projetar do plano da fachada contendo os *brise-soleil* verticais, coroados pelo plano cego da parede lateral do auditório. O mesmo acontece sobre a Rua Araújo Porto Alegre. Estas molduras substituem as linhas horizontais contínuas propostas no desenho original para o concurso. As consequências dessas alterações, não passam, entretanto, sem preocupa-



Edifício ABI – Associação Brasileira de Imprensa (1936)

ção pelos jovens arquitetos, que admitem que "... Não tínhamos nenhuma obra grande que servisse de título. Apenas, vencêramos um grande concurso de arquitetura e argumentávamos com entusiasmo e sinceridade" (ARQUITETURA E URBANISMO, 1940, p. 16). Ainda, ao comentar sobre as dificuldades construtivas, Marcelo Roberto mencionará um dado de humor que é incorporado pelos autores, quando a população passa a chamar o edifício de "Fortaleza do Silêncio". "Essa graça, reforçada com outras de rua – casa de prego do judeu, mictório de gigante, chamou a atenção, provou que o lado publicitário, importante para o edifício em questão, estava perfeito." (ARQUITETURA E URBANISMO, 1940, p.16). Assim, seria através do humor e da interação com as expressões populares que as polêmicas em relação a um edifício sem janelas seriam diluídas. A partir daí, abre-se espaço para que o edifício se coloque como um campo aberto para as questões de inserção da linguagem moderna da arquitetura no Rio de Janeiro. Vencidas as primeiras polêmicas, a ABI é um edifício amplamente publicado nas revistas brasileiras, sendo publicado na também na revista americana *Architectural Record* com comentário sobre sua relevância "their straightforward solution, their logical plans, and their use of advanced techniques make the ABI unusually interesting to American readers" (ARCHITECTURAL RECORD, 1940; p.73).

Os andares recuados na cobertura, presentes também no edifício da Liga Contra a Tuberculose, reforçam a ideia do edifício corbuseano e do terraço jardim, com volumes expressivos que demarcam o skyline urbano. Por fim, talvez a ambiguidade entre a robustez do corpo do edifício e a organização simples e fluida dos espaços – que integra o espaço da rua quase que diretamente aos andares superiores – defina o caráter principal do edifício da ABI. São essas tensões que afirmam a curiosa presença deste que consideramos um edifício manifesto da Arquitetura Moderna Brasileira no Rio de Janeiro, por toda a sua carga de pioneirismo e singularidade de soluções.

Instituto de Resseguros do Brasil IRB (1941)

Assim como a ABI, o IRB está localizado na Esplanada do Castelo, que é fruto do desmonte, realizado em 1922, do Morro de mesmo nome que ali existia, e que havia deixado livre uma imensa área que só agora adquiria ocupações de caráter mais permanente, após ter recebido a Exposição Internacional das Comemorações do Centenário da Independência do Brasil. O Plano de Alfred Agache (1928-1930) para a área da Esplanada do Castelo (PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO, 2009; p.95), no Centro do Rio de Janeiro, estabelece uma proposta de construções homogêneas – com altura e volumetria determinadas – sobre os limites da quadra e com pé-direito duplo recuado nos dois primeiros níveis, formando galerias cobertas sobre

as calçadas. Apesar de o plano não ter sido implementado em seu todo, a ideia do urbanista francês de criação de uma ambiência de cidade jardim, na qual construções e praças são interligadas por eixos viários principais e secundários, é mantida como critério estruturador desse trecho da cidade. O terreno definido para o IRB ocupa o topo da quadra formada pelas avenidas Franklin Roosevelt e Winston Churchill, e a perpendicular Marechal Câmara, onde incide a legislação para estabelecimento de uma galeria em pilotis.

O edifício do IRB se identifica como um volume prismático regular sobre pilotis, que circunda o limite de toda a quadra. É construído especialmente para



Edifício do IRB – Instituto de Resseguros do Brasil (1941)

abrigar o Instituto de Resseguros do Brasil, uma organização criada pelo Governo Federal, em 1939, com capital majoritário das caixas de previdência governamentais e com a contribuição em menor escala das companhias de seguro privadas.

O programa compreende, além do espaço destinado a escritórios, e a sede da direção, instalações para formação de pessoal, assistência social e recreação dos seus membros. Possui dois acessos, um social localizado no topo do volume sobre a Av. Marechal Câmara e outro de serviços e garagem sobre a Av. Presidente Roosevelt.

O saguão aberto, como o da ABI, ganha agora toda a esquina da quadra, debruçando-se sobre a calçada e reforçando a normativa da galeria em pé direito duplo. Os Roberto optam por elevar toda a caixa do edifício a essa altura, que determina o nível dos pilotis. Este espaço é ocupado pela presença diáfana de volumes em vidro destinados às lojas comerciais. O espaço do saguão de acesso consiste em uma placa de granito, com diferença de um degrau em relação ao nível da calçada. Esta diferenciação é o dispositivo para restringir espacialmente espaços integrados visualmente, estabelecendo gradações entre a ambiência da rua e o interior do edifício.

O edifício possui oito andares tipo e um terraço no último nível, com limitações de altura determinadas pela proximidade com o Aeroporto Santos Dumont. No espaço da cobertura a presença da vista da cidade reforça a ideia de recriação de uma paisagem que é realizada através da proposta dos jardins desenhados por Burle Marx e do painel de azulejos de Paulo Werneck.

Há vários aspectos inovadores neste edifício. A localização do núcleo de circulação vertical na parte central e a concepção que se apoia na fatura industrializada de suas partes, introduz tanto novos materiais para as vedações, como permite uma maior leveza do conjunto. As paredes externas das fachadas sul e leste são estruturadas em perfis de madeira e painéis de fibrocimento, que foram pré-fabricadas e montadas em módulos de concreto armado em somente dezenove dias (ROBERTO, M, 1964; p. 24), prazo recorde para a época. Assim também todas as divisões internas foram pré-fabricadas, existindo paredes tradicionais somente na definição nos compartimentos para serviço. A fachada norte é recoberta por *brise-soleil* verticais fixos, elaborados em placas pré-moldadas de concreto esponjoso com seção em S, para aumentar a reflexão da luz para o interior. Aqui a varanda existente no edifício da ABI como lugar de difusão e dissipação do calor foi extinta. Esta caixa se projeta da superfície da fachada e cobre toda a lateral dos espaços de estar direcionados para o lado norte. A marcação das escadas – são duas localizadas ao longo da fachada – é feita no térreo pela utilização de vedação com blocos de tijolo de vidro e prossegue no corpo do edifício com o mesmo fechamento em painéis de fibrocimento. Os *brise-soleil* são trabalhados para não bloquear a visão para o exterior, e o formato em curva marca a divisão entre luz e sombra.

Mais uma vez enfatizamos que este edifício possui toda a leveza construtiva inicialmente planejada para a ABI, que fora comprometida pelas restrições técnicas. A marcação de um ritmo, entre os 'mais clássicos', segundo Marcelo, ditados pelo triângulo perfeito – triângulo retângulo com lados na proporção de 3-4-5 –, e a seção de ouro para

os planos na progressão de 2:4:6, para as elevações, escolhendo a razão dois como módulo de composição. Os fechamentos em grandes planos e massas da ABI, que intuitivamente destacam luz e sombra, são substituídos no IRB pela razão do traçado. A construção da pele do edifício é cuidadosamente ordenada em consonância com os espaços internos, obtida pela síntese dos seus elementos essenciais.

Edifício Seguradoras (1949)



Edifício Seguradoras (1949)

Quando cotejado à ABI e ao IRB, o edifício Seguradoras representa para os MMM Roberto maturidade construtiva e busca por descontração plástica, em um movimento de ampliação de repertório de soluções para as questões anteriormente colocadas. O saguão é aberto para o espaço público, ladeado por muro ondulado, como na ABI. O elemento do *brise-soleil* ganha autonomia como elemento independente tanto no que se refere a seu funcionamento como à sua independência com relação à fachada. A novidade fica por conta do plano ondulado da esquina, que se emancipa ganhando a dimensão vertical de todo o edifício. Como nos casos anteriores, trata-se de um terreno de esquina urbano, com a particularidade de possuir um formato irregular que converge em ângulo agudo.

O edifício está localizado no cruzamento de dois importantes eixos de ligação do lado oeste da Av. Rio Branco, no centro da Cidade do Rio de Janeiro. A Rua Evaristo da Veiga efetua a ligação entre a Cinelândia, o Teatro Municipal e o bairro da Lapa, enquanto a Senador Dantas, paralela à Av. Rio Branco, estabelece a conexão norte-sul entre o Largo da Carioca e o Passeio Público. O programa é o de um edifício de escritórios para empresas de seguros, distribuído em dezesseis pavimentos, com espaço destinado a lojas comerciais no térreo e um restaurante no último andar.

O direcionamento da fachada da Senador Dantas para sudoeste conduziu à solução conjugada de *brise-soleil* horizontais e verticais, em vista da insolação excessiva se dar mais na parte da tarde, e seu ângulo de incidência ser tanto vertical como horizontal. O mecanismo duplo idealizado pelos Roberto é composto horizontalmente por venezianas articuladas encaixadas dentro de trechos vazados da laje em balanço, com painéis de veneziana pivotantes horizontalmente alinhados com o bordo externo da caixa que o circunda. Estes elementos conferem à pele do edifício movimento e tutilidade, marcando aleatoriamente as superfícies iluminadas e sombreadas.

O saguão aberto eleva-se cinquenta centímetros acima do nível da rua, tem piso em pedra portuguesa, e concentra a distribuição para o primeiro andar – que tem acesso independente – e para núcleo de circulação vertical, que dá acesso aos demais pavimentos. A visão do acesso ao primeiro andar é obtida diretamente do espaço da calçada, enquanto a do outro é alcançada diagonalmente, pois se oculta atrás do plano curvo em ‘s’ invertido, revestido com mosaico cerâmico de autoria de Paulo Werneck. A disposição da área de lojas na esquina tira partido dos fluxos de passagem de ambas as ruas. A disposição do núcleo principal de circulação vertical favorece a distribuição interna dos espaços, possibilitando a otimização da área útil para os andares corridos de escritórios.

Como nos edifícios anteriores, o Seguradoras é levantado em pilotis, o que é reforçado pelo cone da perspectiva fornecido pelo ângulo agudo do terreno. A laje que demarca a sobreloja se projeta sobre a rua Senador Dantas, construindo a marquise de acesso. Esse plano intermediário flutua por entre os pilares dos pilotis, recortando-o ora por dentro, ora pelo limite externo. Como no IRB, os fechamentos no nível térreo são realizados com planos envidraçados, permitindo a visibilidade da estrutura que sobe para os pavimentos superiores, estabelecendo o efeito de suspensão em relação ao lote, e às construções vizinhas.

O corpo do edifício se ergue com elegância enfatizado pelo plano cego ondulado da esquina, que é recoberto até o décimo quarto pavimento por pai-

nel em mosaico cerâmico fosco nas cores marrom, rosa e ocre, idealizado por Paulo Werneck. Esse plano em ‘s’ concentra dois aspectos plásticos fundamentais, identificando-se como ponto de convergência e dispersão do olhar. Os Roberto furtam-se à obviedade de localização do acesso principal, no térreo, nesse ponto, centrando sobre ele um truque para o olhar, que brinca com as linhas que montam o ângulo da perspectiva. A esquina ondulada do Edifício Seguradoras adquire importância e naturalidade de expressão, pouco vista em outros projetos dos Roberto.

Edifício Marquês do Herval (1952)



Edifício Marquês do Herval (1952)

Localizado sobre o lado ímpar da Av. Rio Branco na esquina com a avenida Almirante Barroso, o Edifício Marquês do Herval foi erguido no terreno onde havia o Palace Hotel, um dos principais centros sociais, e de vanguarda, da cidade do Rio de Janeiro entre as décadas de 20 e 50, quando é demolido. O Palace era uma referência no circuito cultural da cidade ‘monopolizando visitantes ilustres, bailes, banquetes, recepções e os célebres chás dançantes’ (MEIRA LIMA, 2001, p. 96). Sobre a sua esquina localizava-se a principal concentração dos ‘cursos’, tradicionais desfiles de carros abertos no carnaval carioca.

A incorporação no edifício de um perfil que marca ritmos imprevistos e que lhe dá dinamismo espacial inusitado remete à importância, mencionada por Marcelo Roberto, de salvaguardar a visada para a avenida Rio Branco: "... Inclinações os peitoris porque era imprescindível que a Avenida fosse vista das janelas – a Avenida, por onde passam os cortejos, os préstitos de carnaval, a Avenida das sacadas tradicionais" (ROBERTO, M., 1964, p.9). Com efeito, o desenho do peitoril é determinado a partir de um gráfico de visibilidade, reforçando uma pesquisa que vinha sendo desenvolvida pelos Roberto, na mesma época, em outros edifícios residenciais, como o Guarabira na Praia do Flamengo, Finúzia e D. Fátima em Copacabana, e o Ed. Sambaíba no Alto Leblon, entre outros. De fato, observa-se nestes edifícios de alinhamento retorcido a proposta dos Roberto de dobrar a grelha da fachada em vários planos que, ao se encadear em ângulos distintos, operam a montagem de uma superfície que se quer contínua, produzindo efeito ondulado.

Este edifício ganha, tal como a ABL, pela estranheza que impõe à avenida mais prestigiosa da cidade, o apelido de "tem nêgo bebo aí" (ROBERTO, M., 1964; p.9), em referência a uma expressão muito popular de um programa radiofônico de humor da época. Mais uma vez, os Roberto incorporam a brincadeira, vendo-a como um modo de apropriação da proposta. "[...] Essa ideia de movimento era uma das coisas que buscávamos, e que sentimos ter conseguido no dia que nos contaram o apelido do prédio [...]" (ROBERTO, M., 1964; p.9).

Talvez os Irmãos Roberto estivessem realizando experiências em consonância com as da arte concreta e extraído dela o interesse sobre o aprofundamento das relações espaço-temporais. A proposta destes planos poderia remeter às pesquisas ligadas às superfícies sem fim e das formas derivadas da fita de Moebius, como por exemplo, no trabalho das esculturas do contemporâneo Amílcar de Castro (FERREIRA, G., 1988, p.3). Marcelo, entretanto, menciona Borromoni, numa clara referência às formas do barroco. Nesse sentido, lembremos que a Arquitetura Moderna Brasileira nos anos 50 assume definitivamente como discurso a sua filiação histórica às construções barrocas coloniais, e a referência de Marcelo poderia ter alguma relação com os escritos dessa época. Ademais, internacionalmente, *Espaço, Tempo e Arquitetura*, de Sigfried Gideon, e *Saber ver a Arquitetura*, de Bruno Zevi são publicados na década de 1950, e tecem um encadeamento entre o barroco e a nova Arquitetura Moderna.

A superfície da fachada oeste do edifício Marquês do Herval, sobre a Av. Rio Branco, é constituída pela conjugação de dois perfis retorcidos, um horizontal e outro vertical: pela linha definida em plan-

ta, em três segmentos sobre o alinhamento da rua e pela seção vertical da inclinação dos peitoris. A essa geometria definida pelo corte e pela dobra é superposta uma camada de *brise-soleil* articulados, que conferem um aspecto móvel e virtual ao volume.

O acesso principal, sobre a Av. Rio Branco, é realizado exclusivamente através de rampa helicoidal que desce para o subsolo, liberando os espaços do térreo para a localização de lojas comerciais. É bastante inovadora a proposta de aceder aos pavimentos superiores através do subsolo, pois ao mesmo tempo que inverte e surpreende uma lógica de acesso, valoriza os espaços comerciais enterrados que são colocados dentro de um percurso obrigatório.

O material do piso da rampa é da mesma pedra portuguesa da calçada. Nas paredes que a envolvem, um painel em mosaico de Paulo Werneck está localizado no plano que faz limite com a Av. Rio Branco. A inclinação da rampa é um pouco forçada o que talvez tenha comprometido a consolidação da ideia de encaminhamento fluido em "promenade". Mas, por outro lado, evidencia o esforço dos arquitetos em encaixar um elemento de percurso contemplativo, existente em inúmeros edifícios do mestre franco-suíço.

O Marquês do Herval possui vinte e quatro andares – considerado em sua época um arranha-céu – e segue o gabarito da segunda geração de edifícios da Av. Rio Branco. O programa de salas comerciais se organiza no pavimento-tipo por meio da disposição do núcleo de circulações verticais na esquina interna do "L" do terreno. Ao dar protagonismo ao plano sobre a Av. Rio Branco identifica-se entre os edifícios comerciais dos Roberto, como aquele que menos explora a esquina, e também o de menor permeabilidade e transparência no nível do chão. A marquise que se projeta sobre a Av. Rio Branco, e que termina antes da esquina, interfere pouco na predominância horizontal do volume. Ao concentrar a proposta do edifício sobre o ângulo de visada da Av. Rio Branco, os arquitetos afirmam a moldura e a contundência da caixa, que contém a dramaticidade dos *brise-soleil*.

Por fim, o 'indescritível tumulto' (SANTOS, 1965; P.22) presente na fachada do Marquês do Herval fecharia um ciclo de pesquisa na arquitetura dos Roberto do edifício como filtro multidirecional. Ou seja, não se pode estabelecer se os vetores constituintes da pele sobre a Av. Rio Branco acontecem do interior para o exterior ou, inversamente, de fora para dentro. É nesta tensão entre fora e dentro, e na elaboração dos elementos que filtram e estabelecem essa relação, que o edifício extrai sua força expressiva e presença incontornável na avenida comercial

mais importante da área central do Rio de Janeiro. Infelizmente, os *brise-soleil* foram removidos na década de 1970 em virtude da sua frágil configuração, o que dificultava a sua conservação, ocasionando a perda da expressão de movimento, que, no entanto, permanece, em parte, no corpo ondulado.

Considerações Finais

Os MMM Roberto, nos edifícios de escritórios na área central do Rio de Janeiro, parecem desenvolver procedimentos que implicam na aderência aos princípios do espaço moderno conjugados ao estudo do terreno e dos condicionantes urbanísticos. Os edifícios da ABI, do IRB, Seguradoras e Marquês do Herval permitem-nos constituir uma linha

narrativa que permite melhor compreender o aperfeiçoamento de dois aspectos em particular, relacionados à articulação do nível térreo do edifício com o espaço público da rua, e a engenhosidade e apuro na definição dos elementos da fachada, em especial os *brise-soleil*, que se destacam como particularidades da pesquisa empreendida pelos arquitetos para o estabelecimento de superfícies de diálogo com o meio urbano.

Um processo criterioso se pauta na escolha dos alinhamentos mais favoráveis para a definição dos acessos e a busca de correspondência entre as superfícies que definem o corpo do edifício com os vizinhos e com a cidade. O nível térreo é concebido como lugar de passagem qualificada entre



- 1- Edifício ABI – Associação Brasileira de Imprensa (1936),
- 2- Edifício Vaparaíso da Liga Brasileira Contra a Tuberculose (1937)
- 3- Aposentadorias e Pensões dos Industriários IAPI (1938)

- 4- Instituto de Resseguros do Brasil (1941)
- 5- Edifício Seguradoras (1949)
- 6- Edifício Marquês do Herval (1952)
- 7- Edifício sede da Cia. Souza Cruz (1958)

o espaço da rua e as dependências internas do edifício, por meio de uma operação efetivada pelo jogo que direciona e regula os fluxos e o olhar. Os saguões abertos para a rua estabelecem um ritual de aproximação que conduzem os tempos das paradas e dos prosseguimentos do percurso. As superfícies que envolvem o corpo do edifício fazem uso da grelha, à qual são incorporados originais elementos de proteção contra o sol, que se apresentam em diferentes configurações.

A proposta para proteção contra insolação sobre as fachadas dos edifícios é lançada por Le Corbusier nas edificações residenciais de um projeto para urbanização de uma área, (Projeto Durand), na Argélia (1933-34). Le Corbusier propõe a adição de “dispositivos especiais para impedir que os raios solares entrem nos apartamentos” (LE CORBUSIER, 1946, p. 16). Com esta proposta, conceitua o desenvolvimento de um elemento em forma de grade ou retícula, que ao mesmo tempo em que atende à função de proteção de uma variável do clima, promovendo o conforto interno dos espaços, incorpora em si um fato plástico independente. Esses elementos se colocariam como dispositivos que concentram e sobrepõem as dimensões de tempo e espaço aos planos das fachadas. Especialmente, a retícula define uma ordem própria e particular, ocupando o lugar de uma ordem ditada anteriormente pela representação de objetos naturais. Na esfera temporal, a retícula se identificaria como uma “forma ubíqua” (KRAUSS, 1986), ao tomar o lugar da perspectiva como forma de conhecimento do real, ao projetar uma superfície sobre si mesma. No caso dos edifícios de escritórios dos Roberto para além do simples envoltório portador de uma ordem racionalmente organizada, as superfícies externas se caracterizam por exibir uma pele espessa, com variadas nuances e tensões entre opacidade e transparência, ritmos e contra-ritmos.

É notável a interpretação do conceito do edifício moderno – sistema dom-ino – que é central à ideia corbuseana de espaço, para uma realidade urbana da cidade em grelha, e herdeira de uma urbanização colonial. A ideia do edifício solto no terreno, cercado por vasta vegetação, e de onde se pode ter amplas e distintas visadas, é criteriosamente adaptada a uma realidade de lote urbano, que tem frente e fundos, cercado por outros edifícios e que faz parte de uma quadra. O estabelecimento da malha estrutural e a determinação da localização do núcleo de circulações verticais, coordenam o aproveitamento do pavimento tipo, definindo a organização interna do edifício. O recuo dos pilares, junto ao bordo da laje nos alinhamentos frontais, libera a superfície da fachada. Nos últimos níveis e na cobertura, fechamentos diferenciados, recuados do volume principal, marcam o coroamento do edifício e sua relação com o *skyline* da cidade. Ao longo do pro-

cesso identifica-se a afirmação da construção em uma lógica moderna, mas sobretudo, encontramos uma preocupação de regulação dos espaços de integração, no nível do chão, na pele do corpo edifício, nos terraços e coroamentos, em que cada elemento possui um papel importante no todo.

A relação instituída com o meio urbano pré-existente no nível do chão é a de eliminação das barreiras, integrando esfera pública e espaço interno. A pele espessa externa é dotada de diversas engrenagens. A relação com o céu e a paisagem é um dado a ser explorado através dos coroamentos e dos terraços destinados aos espaços de relaxamento e lazer. A operação de troca de materiais, inserção e recortes de planos, intencionam reforçar um caráter próprio à caixa neutra e funcional do volume do edifício. A genuína produção arquitetônica dos Irmãos Roberto representa uma pesquisa de intenso rigor metodológico, impregnada de singular expressão e caráter na extensa e singular produção de que é composta a Arquitetura Moderna no Brasil.

Bibliografia

BRITO, Alfredo. M.M. Roberto. In: *Arquitetura e Urbanismo* n. 52. São Paulo: Editora Pini, 1994

COLQUHOUN, Alan. La Composition et le problème du contexte urbain. In: *Le Corbusier, une encyclopédie*. Paris: Centre Georges Pompidou, 1987

COMAS, Carlos Eduardo Dias. Teoria Acadêmica, Arquitetura Moderna, Corolário Brasileiro. In: *Gávea* n.11. Rio de Janeiro:, Curso de Especialização da Arte e da Arquitetura no Brasil, 1993.

COSTA, Lúcio. *Registro de uma vivência*. São Paulo: Empresa das Artes, 1995.

CZAJKOWSKI, Jorge. Arquitetura Brasileira: Produção e crítica. In *Gávea* n. 2. Rio de Janeiro: PUC-Rio, Curso de Especialização da Arte e da Arquitetura no Brasil, 1985.

_____, A Arquitetura racionalista e a Tradição Brasileira. In: *Gávea* n. 10. Rio de Janeiro: PUC-Rio, Curso de Especialização da Arte e da Arquitetura no Brasil, 1993.

FERREIRA, Glória. Abordagem Crítica da Escultura de Amílcar de Castro. In: *Gávea* n. 6. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 1988.

GOODWIN, Philip. *Brazil Builds*. New York: MOMA, 1943.

PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO. *Planos urbanos do Rio de Janeiro: Plano Agache*. Rio de Janeiro: Centro de Arquitetura do Rio de Janeiro, 2009.

KRAUSS, Rosalind. Grids. In: *The Originality of the Avant-Garde and Other Myths*, Cambridge: The MIT Press, 1986.

LE CORBUSIER. *Urbanisme*. Paris: Les éditions G Crès & Cie, 1925.

_____. *Le Corbusier, une encyclopédie*. Paris: Centre Georges Pompidou, 1987.

_____. *Obras Completas*. Vol 2, Zurich: Boesiger Editor, 1946.

MEIRA LIMA, Lucia. O Palace Hotel – um espaço de vanguarda no Rio de Janeiro. In: CAVALCANTI, Lauro. *Quando o Brasil era moderno*. Guia de Arquitetura 1928-1960. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 2001.

ROWE, Collin. *The Mathematics of the Ideal Villa and other Essays*. Massachusetts: The MIT Press, 1985

SANTOS, Paulo. Marcelo Roberto. In: *Revista Arquitetura* n. 36. Rio de Janeiro: IAB-RJ, Junho de 1965.

SOUZA, Luiz Felipe Machado Coelho. *Irmãos Roberto, arquitetos*. Rio de Janeiro: Rio Books, 2014.

WISNIK, Guilherme. Modernidade Congênita. In: ANDREOLI & FORTY. *Arquitetura Moderna Brasileira*. London & New York: Phaidon, 2004.

XAVIER, Alberto et. al. *Arquitetura Moderna no Rio de Janeiro*. São Paulo e Rio de Janeiro: Ed. Pini e RIOARTE, 1991.

Revistas de Arquitetura

Architectural Record. ABI – Brazilian Press Association. Vol. 88, n. 6, dezembro 1940.

Arquitetura. Rio de Janeiro: Órgão Oficial do Diretório da Escola Nacional de Belas Artes, n. 23, setembro de 1936.

_____. Rio de Janeiro: Órgão Oficial do Diretório da Escola Nacional de Belas Artes, n. 28, outubro de 1964.

_____. Rio de Janeiro: Órgão Oficial do Diretório da Escola Nacional de Belas Artes, n. 36, junho de 1965.

Arquitetura e Urbanismo. Rio de Janeiro, setembro e outubro de 1939.

Ilustração Brasileira. Rio de Janeiro, n. 65, setembro de 1940.

Fachadas que respiram

MOREIRA, Fernando Diniz. *Fachadas que respiram*. Revista *Docomomo Brasil*, Rio de Janeiro, n. 5, p. 31-40, jun. 2021

data de submissão: 12/05/2020
data de aceite: 25/03/2021

Fernando Diniz Moreira

Professor Titular - Universidade Federal de Pernambuco
fernando.diniz.moreira@gmail.com

Resumo:

A arquitetura moderna brasileira ofereceu um território fértil para a experimentação das mais variadas formas de mediação entre exterior e interior, como *brises*, venezianas, treliças de madeira, elementos vazados e amplos beirais. A aplicação destes elementos nas fachadas dos edifícios em altura provocou questionamentos sobre a própria natureza da fachada na era moderna. As fachadas desses edifícios passaram a desempenhar três funções simultaneamente: 1) uma função prática, delimitando e oferecendo condições básicas para a realização das atividades para as quais os edifícios se destinam; 2) uma função operativa, reduzindo a temperatura interna e 3) uma função simbólica, conferindo uma face à instituição ou à função que ali é desenvolvida. Este artigo busca desenvolver este argumento, por meio de um olhar mais atento para dois exemplares da Escola Carioca, a sede da Associação Brasileira de Imprensa (ABI) (1936-1938), de MM Roberto, e o Parque Guinle (1948-1954) de Lucio Costa.

Palavras-chave: arquitetura moderna, elementos de fachada, Rio de Janeiro

Abstract:

Modern Brazilian architecture offered fertile territory for experimenting with the most varied forms of mediation between exterior and interior, such as brises, shutters, wooden trusses, hollow elements and wide eaves. The application of these elements on the façades of tall buildings caused questions about the very nature of the facade in the modern era. The facades of these buildings started to perform three functions simultaneously: 1) a practical function, defining and offering basic conditions for carrying out the activities for which the buildings are intended; 2) an operative function, reducing the internal temperature and 3) a symbolic function, giving a face to the institution or the function that is developed there. This article seeks to develop this argument, through a closer look at two buildings of the Escola Carioca, the headquarters of the Brazilian Press Association (ABI) (1936-1938), by MM Roberto, and Parque Guinle (1948-1954) by Lucio Costa.

Keywords: modern architecture, façade elements, Rio de Janeiro

Resumen:

La arquitectura brasileña moderna ofreció un territorio fértil para experimentar con las más variadas formas de mediación entre el exterior y el interior, como brises, persianas, cerchas de madera, elementos huecos y aleros anchos. La aplicación de estos elementos en las fachadas de los edificios altos provocó preguntas sobre la naturaleza misma de la fachada en la era moderna. Las fachadas de estos edificios comenzaron a realizar tres funciones simultáneamente: 1) una función práctica, que define y ofrece condiciones básicas para llevar a cabo las actividades a las que están destinados los edificios; 2) una función operativa, reduciendo la temperatura interna y 3) una función simbólica, dando una cara a la institución o la función que allí se desarrolla. Este artículo busca desarrollar este argumento, a través de una mirada más cercana a dos edificios de la Escola Carioca, la sede de la Asociación Brasileña de la Prensa (ABI) (1936-1938), por MM Roberto, y Parque Guinle (1948-1954) por Lucio Costa.

Palabras clave: arquitectura moderna, elementos de fachada, Rio de Janeiro

Nas várias publicações sobre arquitetura moderna brasileira nas revistas internacionais, entre meados da década de 1940 e início da década de 1960, os exemplares da Escola Carioca tiveram um peso marcante. Em geral, as publicações ressaltaram a plasticidade, as formas elegantes, a leveza, assim como o êxito alcançado pela integração das artes e a atenção dispensada aos elementos de proteção climática.

Este interesse pela arquitetura moderna brasileira deveu-se ao fato de ela ter sinalizado caminhos para alguns temores que a crítica internacional tinha, em meados do século XX, em relação à ortodoxia do funcionalismo da arquitetura moderna e à suposta incapacidade desta em lidar com os aspectos culturais e climáticos das diferentes regiões, além de temas como a monumentalidade. Se nos anos 1920, a arquitetura moderna parecia ser um projeto universal, fruto da razão e da tecnologia, pronto para ser implantado nos mais distantes cantos do mundo, ela logo se expandiu para regiões que ainda não eram industriais, nem totalmente urbanizadas, e que possuíam características climáticas e culturais bem diferentes daquelas dos poucos países europeus onde foi gestada. Ela teve de lidar com a diversidade, diversidade de lugares e de culturas. Seus aspectos supostamente universais tiveram de dialogar com heranças históricas, materiais e práticas tradicionais de construção e continuidades clássicas (CURTIS, 1996, p.371). Neste processo, ela assumiu expressões individuais e desenvolveu uma série de particularidades influenciadas pelas condições dos diferentes locais.

Essa diversidade de expressões da arquitetura moderna foi também resultado dos esforços de arquitetos de adaptarem suas criações aos diferentes climas dos lugares onde construíram. Os trabalhos de Richard Neutra na Califórnia e em Porto Rico, Lucio Costa no Brasil, Hassan Fathy no Egito, Maxwell Fry & Jane Drew em Gana e na Nigéria e Jose Luis Sert em distintos países (Estados Unidos, Espanha e Iraque) mostraram que a arquitetura moderna foi capaz de encontrar formas mais adequadas de se relacionar com o meio ambiente, por meio de artifícios de adaptação climática, que quase sempre encontravam raízes na tradição construtiva de cada região.

De fato, não foram os arquitetos modernos brasileiros os primeiros a se preocuparem com tais aspectos. A observação da orientação solar e do regime de ventos, a prevenção do calor ou do frio excessivos e o melhor aproveitamento dos materiais e dos recursos disponíveis estão presentes há milênios, particularmente nas sociedades tradicionais. Entretanto, com o surgimento da arquitetura moderna no início do século XX, os meios para compreender essa relação do edifício com o clima passaram por uma transformação significativa, por meio do conhecimento científico e dos novos materiais disponíveis.

Para lidar com um clima marcado pela forte insolação, que aporta calor e luminosidade em excesso, os arquitetos brasileiros estiveram atentos à adequação ao clima, utilizando *brises*, venezianas, treliças de madeira, elementos vazados e amplos beirais e varandas. O Brasil ofereceu um território fértil para a experimentação das mais variadas técnicas de mediação entre exterior e interior.

Estes desafios foram ainda maiores quando eles tiveram de lidar com as fachadas dos edifícios em altura. A aplicação em larga escala do *brise-soleil*, particularmente na sede da Associação Brasileira de Imprensa (ABI) dos Irmãos Roberto (1936-1938) e no Ministério de Educação e Saúde Pública (MESP) (1936-1943), contribuiu para colocar em evidência a arquitetura brasileira no cenário internacional. Estes dois edifícios foram destaque nas muitas publicações dedicadas à arquitetura brasileira, que sempre incluíam croquis e desenhos dos elementos de proteção solar.¹

Um dos primeiros artigos sobre a arquitetura moderna brasileira, em 1940, já ressaltava os *brise-soleil* da ABI como uma solução engenhosa para resolver o problema dos trópicos e, curiosamente, também

1- Tanto a ABI como o MESP foram reportados nas revistas: Brazilian architecture: living and building below the equator in *New Pencil Points*, Jan. 1943, p.59,60,62; Modern Buildings/Offices, *Architectural Review*, n.567,v.95 Mar. 1944, p.69-71, 75-77; Le Ministère de L'Education et de la Santé Publique à Rio de Janeiro (p.13-19); Building ABI (p.60-61) in *L'Architecture D'Aujourd'hui. Brésil*, n.13-14, Sept. 1947. O MESP foi detalhadamente apresentado em: Office Building for Ministry of Education and Health. Rio de Janeiro, Brazil, in *Architectural Forum*, February, 1943; p.37-44. Por sua vez, a sede da ABI aparece em: ABI: from new techniques spring new forms in *Architectural Record* n.88, Dec. 1940, p.74-79; ABI Building in *The Architectural Record*, Jan. 1943, p.49.

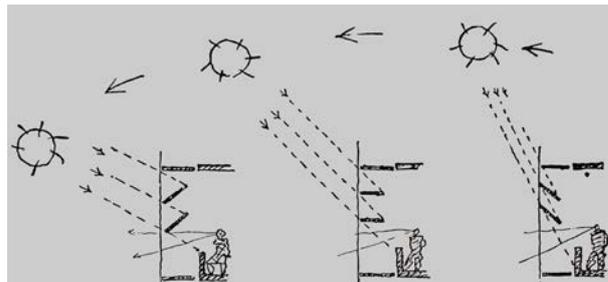


Figura 1 | Croquis do funcionamento do sistema de *brise-soleil* do Ministério da Educação e Saúde Pública. Fonte: Kidder Smith, G.E. The Architects and the Modern Scene in *Architectural Review*, n. 567, mar. 1944, p.78

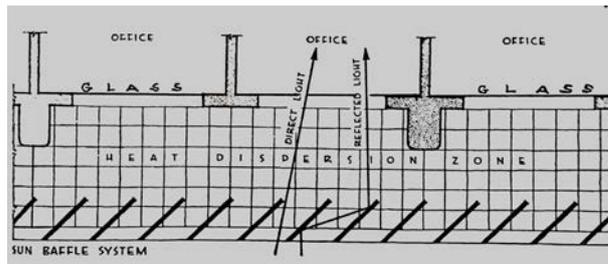


Figura 2 | Detalhe da planta baixa da Associação Brasileira de Imprensa (ABI) Fonte: ABI Building. In *Architectural Record*, jan. 1943, p.49

afirmava que a membrana de *brise-soleil* conferia “ao exterior sua forma e ornamento” (ABI, 1940, p.115). Esta aparentemente desprezível observação merece atenção porque lembra-nos que uma fachada não apenas define o que está dentro e fora, mas deve estabelecer uma relação entre o meio exterior e o interior do edifício e representar aquilo que ocorre dentro dele.

Podemos afirmar que as fachadas destes edifícios cariocas desempenham três funções simultaneamente: 1) uma função *prática*, pois delimita o espaço e oferece condições básicas para a realização das atividades para as quais os edifícios se destinam; 2) uma função *operativa*, na medida em que reduz a temperatura interna e 3) uma função *simbólica*, já que confere uma face à instituição ou à função que ali é desenvolvida.²

Este artigo busca desenvolver este argumento, por meio de um olhar mais atento para as fachadas de dois edifícios da Escola Carioca, a sede da Associação Brasileira de Imprensa (ABI) (1936-1938), de autoria de MM Roberto, e o Parque Guinle (1948-1954), de autoria de Lucio Costa, dois marcos da escola, que representam, respectivamente, a fase inicial e a fase madura da Escola Carioca. Após um aprofundamento sobre a redefinição da fachada na era moderna, é feita uma breve contextualização sobre a maneira como os arquitetos cariocas enfrentaram este desafio e, em seguida, um olhar mais atento sobre duas fachadas.

2- Este argumento pode ser em parte debitado da análise que David Leatherbarrow conduziu da igreja de Igreja de San Martin de Porres em Porto Rico, de autoria de Henry Klumb, que tem suas fachadas laterais compostas inteiramente por septos que permitem ventilação e vistas para o jardim (Leatherbarrow, 2010, p. 23) e no argumento exposto no primeiro de *Surface Architecture*, em co-autoria com Mohsen Mostafavi (Leatherbarrow, Mostafavi, 2002).

Fachadas mais porosas, finas e transparentes

Estes exemplares cariocas remetem-nos a um problema mais antigo da disciplina da arquitetura na era da modernidade, que foi a própria ideia da dissolução da fachada. O espaço contínuo moderno tornou as paredes mais porosas, finas, transparentes, reduzidas a quase nada, mas nunca reduzidas a nada. Hoje, essa transformação na forma de pensar e definir uma fachada parece ser simplesmente uma consequência lógica da modernidade, mas foi um dos grandes dilemas que afetaram a disciplina arquitetônica, pois desafiava as convenções arquitetônicas em voga na virada do século XIX para o século XX.

Este desafio pode ser visto nos primeiros arranha-céus norte-americanos, que transformaram a habitual relação entre cheios e vazios, vedação e estrutura, afetando a própria forma de se pensar a arquitetura. Como mostrou Colin Rowe, a estrutura em aço possibilitou o aumento das superfícies envidraçadas e a diminuição dos suportes, liberando assim as fachadas de expressarem as cargas do edifício e as tradicionais analogias antropomórficas, que por séculos estiveram associadas à concepção da fachada (ROWE, 1976, p.98-99). Com a real possibilidade de construção desses edifícios, os arquitetos se depararam com diversas questões. Até que ponto as novas tecnologias iriam determinar a fachada? Esta deveria representar intenções estéticas ou deveriam ser deixadas livres, como a expressão de uma nova tecnologia construtiva? Adotando-se esta segunda opção, seria possível produzir uma imagem apropriada à função desenvolvida no edifício? Como dispor elementos de proteção solar de maneira articulada com esta imagem desejada e com seus elementos estruturais e construtivos? Em suma, como dispor uma fachada que consiga delimitar, mediar bem com meio ambiente ao redor e criar uma imagem significativa para o edifício?

Desde Gottfried Semper estas questões afligiram alguns arquitetos e pensadores. Se muitos daqueles arranha-céus de Chicago do final do século XIX tiveram suas audaciosas estruturas revestidas com elementos ornamentais clássicos, outros arquitetos na virada do século buscaram uma expressão mais coerente com a nova era, como Otto Wagner. Junto com seus discípulos Max Fabiani e Jozse Plecnik vinha buscando uma simplificação e um novo tipo de ornamentação, reduzindo a fachada a uma única superfície, ressaltando fortemente sua



Figura 3, acima | Jozse Plecnik, Villa Langer, Viena, 1901-2.
 Foto: Fernando Diniz Moreira, 2010

Figura 4, ao centro | Max Fabiani, Artaria Haus Viena, 1900.
 Foto: Fernando Diniz Moreira, 2010

Figura 5, ao lado | Otto Wagner, Edifício Neustiftgasse 40, Viena 1909-1910.
 Fonte: Heinz Geretsegger, Max Peintner, Otto Wagner, 1841-1918. New York Rizzoli, 1979, p.128

condição planar, como em uma de suas últimas obras, o edifício Neustiftgasse 40 (1912).

O Brasil iria dar uma contribuição fundamental a este debate. A preocupação com a adaptação do edifício ao clima do lugar onde seria construído foi uma constante entre os arquitetos modernos locais, antes mesmos de serem desenvolvidos estudos mais aprofundados e cientificamente embasados, como aqueles produzidos por laboratórios de conforto ambiental do pós-Segunda Guerra³. Os cariocas conseguiram construir as primeiras fachadas todas de *brise-soleil*, uma busca incessante para a qual Le Corbusier tinha se lançado desde o final dos anos 1920. Ele se coloca como o criador do *brise-soleil*, apontando o ano de 1928, ano no qual se deparou com um projeto a distância para uma residência na Tunísia, a Villa Baizeau⁴. Advertido pelo proprietário para dispor grandes varandas na periferia do volume, Le Corbusier impôs em um volume cúbico original, grandes incisões e reentrâncias sob as lajes e pilares, fazendo as paredes ficarem bastante recuadas (SOBIN, 1994, p.188-189). Apesar da inovação e do papel central que esta casa teria na sua elaboração do seu ideal de casa moderna, não há ainda o elemento *brise-soleil* como tal.

Até então, em sua crença na tecnologia, Le Corbusier buscava resolver o problema da adaptação climática por meio de elementos mecânicos. Na *Cité du Refuge* (1929-1933), em Paris, e no *Centrosoyuz* (1928-1936), em Moscou, ele propôs fachadas hermeticamente fechadas compostas por lâminas duplas de vidro, o *mur neutralisant*, nas quais o ar quente ou frio circulariam no espaço entre as duas lâminas, aquecendo ou resfriando os ambientes. Entretanto, ambos fracassaram por dificuldades técnicas e financeiras e os interiores tornaram-se muito quentes no verão e muito frios no inverno (TAYLOR, 1987, p.111-115; BARBER, 2012, p.24-25).

Logo em seguida, no *Immeuble Clarté* (1930-1932), um edifício de apartamentos em Genebra, Le Corbusier abandonou elementos mecânicos sofisticados e utilizou dispositivos de baixo custo de proteção solar – varandas, toldos retráteis e persianas interiores- que modulam a inci-

3- Estes estudos buscavam desenvolver métodos e ferramentas para que os arquitetos pudessem melhor entender os aspectos climáticos e, assim, projetar de forma mais adequada, a exemplo do Form and Climate Research Group da Escola de Arquitetura da Universidade Columbia (BARBER, 2016) e do Architecture Laboratory da Universidade de Princeton, liderado por Victor Olgay, autor *Design with Climate: an Approach to Architectural Regionalism* (1963), uma referência fundamental na área.

4- Uma página inserida em um número especial dedicado ao Brasil na *L'Architecture D'Aujourd'hui*, mostra obras de Le Corbusier indicando os avanços neste sentido: a Villa Baizeau (1928) (pilotis, parasols, auvents) Projeto de Loteamento em Barcelona (1933) (jalousies, loggias), *Maison Locative* (1933) e a *Cité des Affaires* em Argel (1938-1942) (loggias, *brise-soleil*) e, finalmente, a *Unité de Marselha* (1945-1947) (loggias, *brise-soleil*). A *petit historique du brise-soleil* extrait de l'oeuvre de Le Corbusier in *L'Architecture D'Aujourd'hui*. n.13-14, Sept., 1947 p.10.

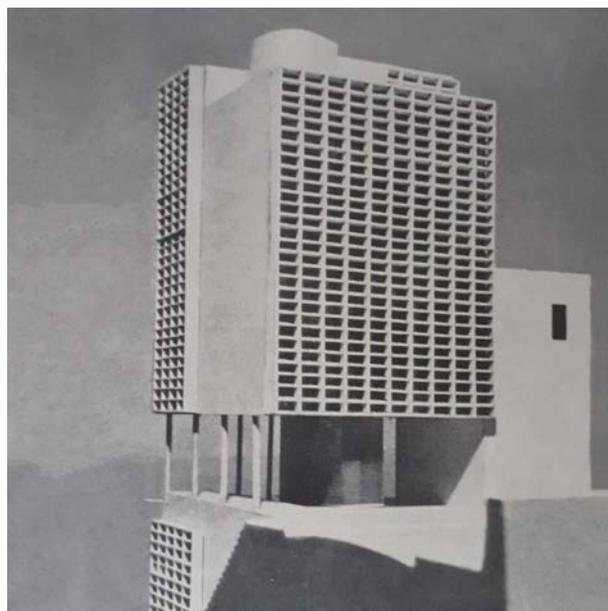


Figura 6 | Le Corbusier e Pierre Jeanneret, *Maison Locatif*, Argel, 1933
Fonte: Boesiger, Willy, *Le Corbusier et Pierre Jeanneret, Oeuvre Complete 1929-1934*. 6 ed. Zurich: Les Éditions Girsberger, p.171

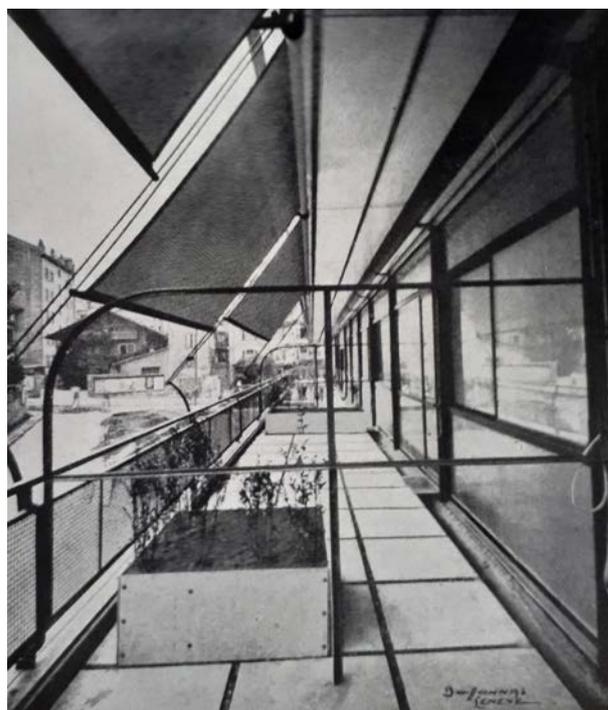


Figura 7 | Le Corbusier e Pierre Jeanneret, *Immeuble Clarté*, Genebra, 1930-1932
Fonte: Boesiger, Willy, *Le Corbusier et Pierre Jeanneret, Oeuvre Complete de 1929-1934*. 6 ed. Zurich: Les Éditions Girsberger, p.66

dência do sol de acordo com a vontade do usuário, gerando assim um dinamismo na fachada. Apenas em 1933 ele projeta a *Maison Locatif* em Argel, um edifício em altura com duas de suas fachadas totalmente compostas de elementos vazados (BOESINGER, 1935, p.170-173).

Este afastamento da fé incontestável na tecnologia mecânica está associada a uma mudança maior na obra de Le Corbusier, quando abandonando valores ligados à leveza, à matemáti-

ca, à precisão da máquina, e ao clássico, seus projetos, dos anos 1930 em diante, passaram a usar o tijolo em abóbadas ou exposto nas paredes e pisos, pedras naturais como revestimentos, pisos de cerâmica e esquadrias de madeira, como a Casa Errazuris (Chile, 1930), a *Maison Mandrot* (Le Pradet, 1932) e a *Petite Maison de Weekend* (Celle St Cloud, 1935).

Esta mudança na sua obra coincidiu com as viagens para a América do Sul em 1929 e para o Norte da África, no início e no meio de 1931. As experiências com diferentes paisagens, culturas e climas podem ter acelerado esse distanciamento do ideário mecanicista e a adoção de uma sensibilidade topográfica e regionalista e um renovado interesse pelo território e pela natureza (FRAMPTON, 1987, p.29-30; McLEOD, 1998, p.487; CURTIS, 1986, p.109-116, 162-168). Se sua obra até o final dos anos 1920 foi marcada pela obsessão em inundar seus espaços de luz, ao lidar com outras geografias, ele descobre que as sombras também produzem espaços e os *brises* passam a ser constantemente utilizados como na *Maison Currutchet* (La Plata, 1949), na *Unité* e atingem seu ápice nas suas realizações na Índia.

A tradição de lidar com ambiente

Para lidar com a forte insolação, aportando calor e luminosidade em excesso, os arquitetos cariocas priorizaram elementos que favoreciam a entrada e saída dos ventos, como *brises*, venezianas, elementos vazados e treliças de madeira. Além disso, buscaram evitar a insolação excessiva nos ambientes de maior permanência, por meio da sua orientação.

Podemos identificar as origens desta preocupação no olhar atento que Lucio Costa direcionou para a nossa arquitetura colonial no início da década de 1920 no âmbito do movimento conhecido como neocolonial. Ao responder às diatribes de seu antigo mentor, José Marianno Filho, de que sua reforma no ensino na Escola de Belas Artes estaria desalojando o vocabulário da arquitetura neocolonial e, assim, desrespeitando as tradições do país, Lucio Costa explicou que admirava tanto a arquitetura colonial que compreendia seu espírito, sua lógica e sua adequação ao seu tempo e lugar. Ao enfatizar a honestidade e clareza das construções coloniais, ele criticou a ênfase decorativa do neocolonial e afirmou que os princípios da arquitetura colonial poderiam ser incorporados à arquitetura moderna, resultando em uma arquitetura mais capaz de responder aos desafios da nova era (COSTA, 1931, COSTA 1936).

Ao longo das décadas seguintes, Costa empreendeu uma série de estudos sobre a nossa arquitetura colonial, nos quais buscou enfatizar a

continuidade entre colonial e moderno. Para ele, os antigos construtores eram guardiões de uma tradição de construir que estava desaparecendo e que deveria ser recuperada por seus colegas arquitetos. Explicitando essa relação, Costa criou a ideia de que a arquitetura moderna estava restaurando o núcleo da identidade nacional forjada, segundo ele, no período colonial.

Estes estudos também tiveram um papel chave em sua arquitetura. Após ter abandonado a estética neocolonial e realizado alguns projetos com o vocabulário abstrato da arquitetura moderna, em conjunto com Gregori Warchavchik, Costa fez os projetos das “casas sem dono”, entre 1932 e 1933, atestando que sua compreensão da tradição não se baseava apenas em materiais e formas, mas nas experiências sensoriais, nas práticas culturais do morar e nas formas de lidar com o meio ambiente (COSTA, 1937, p.93-97). Os desenhos das “casas sem dono” contêm princípios que estão na base das residências que projetou nas décadas seguintes. Neste retorno às origens, foi também necessário estudar os elementos da casa colonial, particularmente os elementos de proteção solar.

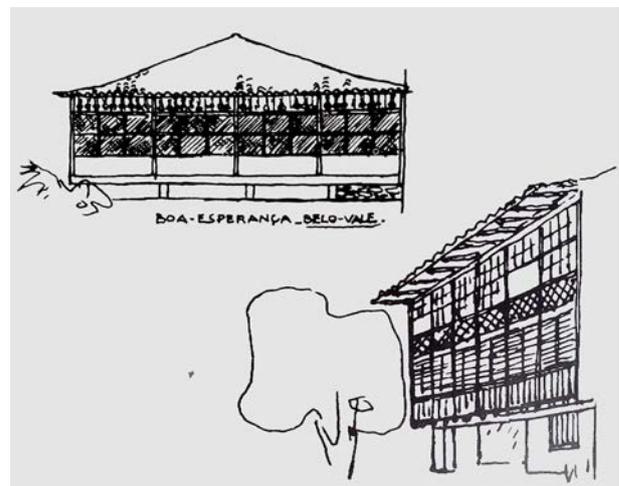


Figura 8 | Lucio Costa, Croquis de casario em São Luís.
 Fonte: *Registro de uma vivência*, São Paulo: Empresa das Artes, 1995, p.500.

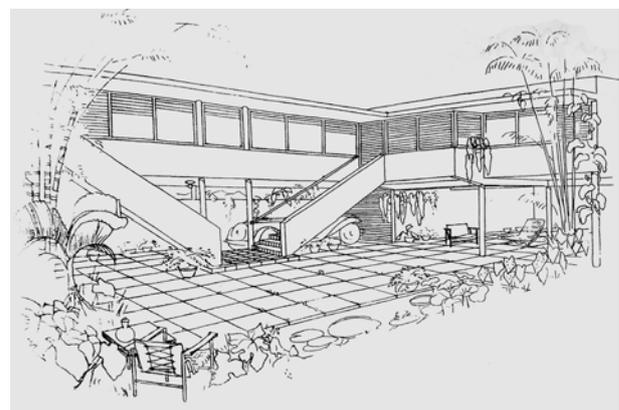


Figura 9 | Lucio Costa, Casas sem dono, 1932-1936.
 Fonte: *Registro de uma vivência*, São Paulo: Empresa das Artes, 1995, p.89

ABI: Valores institucionais, clássicos e urbanos

Estes mesmos princípios de relação com o clima poderiam também servir para projetos mais complexos como os edifícios em altura. Os arquitetos da escola carioca deram uma contribuição fundamental neste sentido, a começar pelo edifício sede da Associação Brasileira de Imprensa (ABI). O edifício foi fruto de um concurso promovido para a sede da instituição em 1936, vencido pelos irmãos Marcelo e Milton Roberto, do escritório MM Roberto (BRUAND, 1981 p.94; PEREIRA, 1993, p.23-24).

Localizado na esquina das Ruas Araújo Porto Alegre e México na Esplanada do Castelo, as duas únicas fachadas livres do edifício não gozavam de uma orientação favorável. Assim, para evitar a luz solar excessiva, os arquitetos implantaram nas duas fachadas um sistema de proteção solar composto por lâminas verticais fixas dispostas obliquamente de piso a teto. Inicialmente previstas para serem de alumínio, as lâminas foram executadas em concreto por questões financeiras. Já em 1940, uma revista norte-americana ressaltava os quebra-sóis como solução engenhosa para resolver o problema da insolação nas fachadas dos trópicos (ABI, 1940, p.115).

A sede da ABI foi o primeiro edifício alto a comportar uma fachada inteira composta de *brise-soleil*, um feito apenas idealizado mas ainda não concretizado por Le Corbusier, como visto anteriormente. Lembra-se que o edital foi lançado em janeiro de 1936 e o resultado saiu em junho, antes mesmo da segunda visita de Le Corbusier, entre julho e agosto 1936, quando ele teve um contato mais estreito com os arquitetos brasileiros e participou do projeto do MESP.

O edifício possui térreo, sobreloja e mais 11 andares, com uma divisão tripartite. A base (térreo e sobreloja)



Figura 10 | MM Roberto, Sede da ABI, Rio de Janeiro, 1936-1938
Foto: © Gonzalo Renato Núñez Melgar, 2017

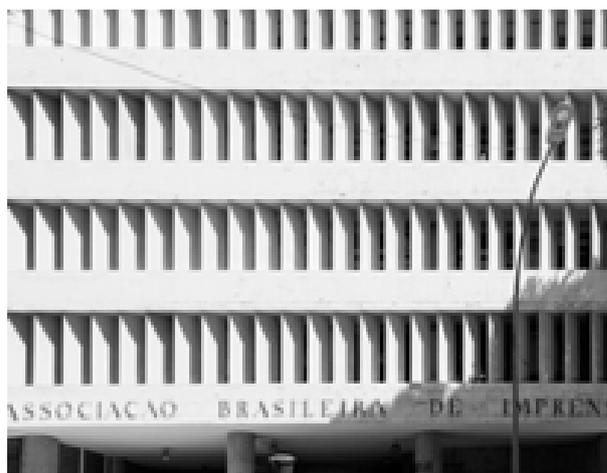


Figura 11 | MM Roberto, Sede da ABI, Rio de Janeiro, 1936-1938
Foto: © Gonzalo Renato Núñez Melgar, 2017

ja) é composta por lojas recuadas da fachada, com exceção do lobby que, surpreendentemente, abre-se totalmente para a rua dando acesso aos elevadores e ao pátio interno, em uma das maiores lições de urbanidade da arquitetura moderna. O corpo propriamente dito do edifício compreende 9 andares, contendo linhas de *brises* de ponta a ponta, com exceção do oitavo andar. Por fim, o coroamento é composto por dois andares recuados para obedecer aos requisitos urbanísticos, mas a composição revela-se mais complexa, pois como o oitavo andar do corpo principal não contém *brises*, termina por reforçar com o nono andar, o coroamento de fato do edifício.

Um olhar mais atento identifica as diferentes texturas do mármore travertino nas paredes externas e do concreto nos *brises*. Se o mármore e o granito sugerem permanência e nobreza de uma instituição, as linhas de *brises*, que não permitem fixar o olhar em um foco central na fachada, remetem a uma imagem dinâmica e moderna que a instituição buscou aludir. Por sua vez, a ordem colossal e a grande rasgo de tijolos de vidro no centro da face da Rua México reafirmam a simetria e os valores clássicos do edifício.

Este jogo entre continuidade e descontinuidade, tradição clássica e modernidade, prossegue na Inserção urbanística. Esta área foi ocupada a partir de diretrizes do Plano Agache (1930) que determinou blocos de formato quadrangular com edifícios da mesma altura ocupando o limite do lote com a rua, deixando pátios internos. A base recuada e a fenestração trazida pelos *brises* destoam da relação cheio-vazios tradicionais do contexto, mas a tripartição da fachada, a colunata no térreo e os andares recuados no topo conferem continuidade e reestabelecem a relação com os vizinhos. A ABI não compete com o contexto, mas, pelo contrário, com sua relativa mudez de linhas horizontais cria um pano de fundo adequado para valorizar os elementos ecléticos da Biblioteca Nacional do outro lado da rua, que possui volume similar, como notado por Comas (2007, p.37).

A disposição dos *brises*, entretanto, não foi muito eficiente, pois um tipo único com a mesma inclinação não atende perfeitamente as necessidades de proteção solar. Além disso, há o inconveniente de impedir a visão plena para o exterior. Embora não tenham sido bem-sucedidos em termos de um controle de temperatura eficiente, o edifício pode ser entendido como um experimento, um esforço



Figura 12 | MM Roberto, Sede da ABI, Rio de Janeiro, 1936-1938.
Foto: Fernando Diniz Moreira, 2005



Figura 13 | MM Roberto, Sede da ABI, Rio de Janeiro, 1936-1938
Foto: Fernando Diniz Moreira, 2005



Figura 14 | MM Roberto, Sede da ABI, Rio de Janeiro, 1936-1938
Foto: © Gonzalo Renato Núñez Melgar, 2017



Figura 15 | MM Roberto, Sede da ABI, Rio de Janeiro, 1936-1938
Foto: Fernando Diniz Moreira, 2005

pioneiro para empregar o *brise-soleil*. Os irmãos Roberto continuam estas pesquisas e oferecem nos anos seguintes, exemplos primorosos de tratamento plástico e proteção das fachadas.

Encontrar um equilíbrio entre o programa proposto e o rígido código urbanístico, sem abrir mão de suas intenções, foi um grande desafio para os Irmãos Roberto, cuja sensibilidade e inventividade os ajudou a conceber arquitetura de alta qualidade, que teve continuidade com outros exemplos mais maduros de tratamento plásticos e proteção solar das fachadas, como o Instituto de Resseguros do Brasil (IRB).⁵

5- O Instituto de Resseguros do Brasil (IRB) ocupou o final de um longo quarteirão, com frente para ruas em três lados, também no Bairro do Castelo. Apoiados por pilotis, os dois primeiros andares foram abertos, repetindo de alguma forma o motivo das galerias, criando uma transparência incomum no denso tecido urbano e permitindo várias vistas da esquina. Brise-soleils verticais e elementos cerâmicos proporcionavam movimento, ajudados pelas salas projetadas na fachada. A força e espontaneidade da ABI se desenvolveram no IRB com mais leveza, requinte e elegância (PEREIRA, 1993, p.54-59, BRUAND, 1981, p.101-102).

Parque Guinle: Domesticidade e natureza

A oportunidade para Lucio Costa para explorar a relação entre interior e exterior em um edifício alto veio quando uma família rica o encarregou de projetar alguns edifícios de apartamentos no bairro das Laranjeiras, também no Rio de Janeiro, em 1948, o Parque Guinle. Esta iniciativa consistiu em um grupo de seis edifícios de apartamentos para a classe média alta a ser construída na propriedade da família, dos quais apenas três foram construídos. Os edifícios possuem um esqueleto independente de concreto, planta e fachadas livres e pilotis.

O local era uma depressão oval bastante difícil de construir. Costa manteve esta depressão como um parque, e dispôs blocos prismáticos ao seu redor, formando uma composição semelhante a um círculo e manteve a mansão da família no terreno mais alto, como o núcleo da composição. Os blocos foram acomodados na encosta, sendo unidos por uma rua que acompanha a curvatura da implantação. O principal problema foi conciliar a vista para o parque com boa orientação solar, pois ao dispor as áreas sociais dos blocos de frente para o parque, elas teriam de fazer face ao poente. Ele buscou amenizar esta situação por meio da criação de um sistema de proteção solar. No momento em que prédios estavam começando a substituir casas em cidades brasileiras, este plano representava uma espécie de experimento, uma tentativa de adaptar a casa tradicional em uma nova forma de viver.

Para contrabalançar a luz solar excessiva, Costa criou uma notável membrana de elementos de proteção solar, uma combinação única de *brise-soleil*, venezianas e de elementos pré-fabricados de cerâmica. A maioria destes elementos se originou a partir de arquitetura mourisca, que foi revivida pelo portugueses quando chegaram nos trópicos. Completamente vestida com diferentes painéis de variados elementos e texturas, a fachada é extremamente elegante e atinge significado por si só. A interação de elementos transparentes, translúcidos permeáveis e opacos conferiu um ar de imaterialidade a esta membrana. Apesar dessa diversidade de elementos tradicionais e novos, o resultado não é confuso, pelo contrário, é uma composição brilhante unificada, cuja variedade desafia a monotonia.

Como visto, a era moderna fez a fachada perder sua materialidade, atenuando a diferença entre janela e fachada. Considerando a fachada como uma grande janela, Costa propôs uma forma inovadora de pensar a superfície arquitetônica. De fato, essa fachada executa as funções básicas de uma janela:



Figura 16 | Lucio Costa, Parque Guinle, Rio de Janeiro, 1948-1954. Foto: Fernando Diniz Moreira, 2006



Figura 17 | Lucio Costa, Parque Guinle, Rio de Janeiro, 1948-1954. Foto: Fernando Diniz Moreira, 2006



Figura 18 | Lucio Costa, Parque Guinle, Rio de Janeiro, 1948-1954. Foto: Fernando Diniz Moreira, 2006



Figura 19 | Lucio Costa, Parque Guinle, Rio de Janeiro, 1948-1954. Foto: Fernando Diniz Moreira, 2006

ela emoldura vistas sobre a paisagem circundante, ilumina o interior e permite a construção respirar. Esta superfície permeável, mediando entre interior e exterior, funciona como uma *loggia* sombreando a fachada, filtrando a luz e deixando fluir as brisas. Com estes dispositivos, Costa criou uma espacialidade na própria fachada, um espaço que pertence ao exterior e ao interior, ao mesmo tempo. Deste modo, ele forneceu a profundidade à fachada, no entanto, visto a partir de uma certa distância este efeito desaparece, a membrana parece desvanecer-se. Há um esforço para confundir as distinções entre cheios e vazios, opacidade e transparência (MOREIRA, 2003, 2006).

As fachadas destinam-se a ser experimentadas a partir do exterior, bem como a partir do interior. A intensa luminosidade é atenuada, criando um efeito notável no interior. O exterior revela o interior, permitindo vislumbrar pessoas que se deslocam no interior, como nas casas tradicionais, quando a privacidade era priorizada e os canais de ventilação permitidos.

Considerações finais

As fachadas destes edifícios foram tentativas bem-sucedidas para evitar aquilo que José Luis Sert, alguns anos mais tarde, designou como fachadas anônimas referindo-se aos arranha-céus dos anos 1950 (SERT, 1962, p.132). Sert apontou para a necessidade de uma reavaliação do passado e para uma reinterpretação das medidas tradicionais e elementos figurativos, com a finalidade de se reconectar a prática arquitetônica contemporânea com as necessidades humanas práticas e simbólicas. Rejeitando a moda da fachada de vidro e voltando-se para as formas vernáculas e dispositivos tradicionais, os Irmãos Roberto e Lucio Costa estavam antecipando esses problemas, mediando entre modernidade e tradição, racionalidade e convenção.⁶

6- Sobre estas questões consultar: David Leatherbarrow, Mostafahvi, Moshen. *Surface Architecture*. Cambridge: MIT Press, 2002. p.9.

Estas fachadas são capítulos importantes na história da arquitetura moderna, que trouxe grandes transformações para as fachadas, tornando-as mais porosas, finas, transparentes e abertas, como visto. As fachadas dos edifícios altos cariocas desempenham três funções simultaneamente. Em primeiro lugar, elas delimitam e contribuem para viabilizar os usos ali previstos. Pode-se trabalhar ou viver sem perturbações externas, mas percebendo-se o exterior quando assim o quisermos. Elas ajudam o edifício a se engajar com o meio circundante, seja no denso centro do Rio ou no parque nas Laranjeiras. Em segundo lugar, com seus dispositivos de proteção climática as fachadas conseguem esta mediação com meio externo, regulando as entradas de ar, permitindo a entrada de luz natural e atenuando a temperatura interna. Por fim, elas representam bem a instituição ou a função que ali são feitas.

Os diversos elementos de proteção climática expressam a maneira como os edifícios operam em relação ao clima, o que pode nos levar a outras formas de entendimento do edifício, não mais atentos apenas para sua forma, mas também para a maneira como eles funcionam em seu engajamento com o meio, como eles respiram e como participam do seu meio.

Demonstrando que a tecnologia/modernidade e herança/tradição podem ser reconciliadas, estas fachadas mediam com sucesso entre os requisitos funcionais e econômicos e impulsos estéticos, respondendo à cultura e ao clima locais. Os elementos da arquitetura moderna não foram aplicados mecanicamente, mas adaptados para um contexto específico, com sua memória e história. Na concepção destas fachadas, os arquitetos não estavam interessados em recordar modelos e referências do passado nem em fazer alusões populistas. Os elementos tradicionais de sombreamento utilizados não se destinam a conferir a este uma aparência tradicional, mas sim para expressar uma velha e contínua relação com a luz e ao clima.

Referências

ABI: from new techniques spring new forms. In *Architectural Record* n.88, Dec. 1940.

BARBER, Daniel. Le Corbusier, the Brise-Soleil, and the Socio-climatic Project. In *Thresholds* 40: p.22-32, Cambridge, 2012.

BARBER, Daniel. The Form and Climate Research Group, or Scales of Architectural History in James Graham (Ed.). *Climates architectures and the planet imaginary*. Zurich: Lars Müller Publishers, 2016, p.303-317.

BOESINGER, Willy. *Le Corbusier et Pierre Jeanneret, Oeuvre Complète de 1929-1934*. Zurich: Les Editions Girsberger, 1935.

BRUAND, Yves. *Arquitetura Contemporânea no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 1981.

COSTA, Lucio (1936) Razões da nova arquitetura. In: Alberto Xavier (Ed.). *Depoimento de uma Geração* São Paulo: PINI, 1987, p.26-43.

COSTA, Lucio (1937). Uma documentação necessária. In *Arquitetura Civil II: textos escolhidos da Revista do IPHAN*. São Paulo: MEC/IPHAN/FAUUSP, 1975, p.89-98.

COSTA, Lucio. (1931) Uma Escola Viva de Belas Artes. In: Alberto Xavier (Ed.). *Depoimento de uma Geração*. São Paulo: PINI, 1987, p.47-51.

COMAS, Carlos Eduardo Dias. Rio, Pernambuco, Rio Grande e Minas: contextualismo e heteromorfismo. In MOREIRA, Fernando (Ed.). *Arquitetura moderna no Nortes e Nordeste do brasil: universalidade e diversidade*. Recife: CECI/UNICAP, 2007, p.35-51.

CURTIS, William. *Le Corbusier: Ideas and Forms*. London: Phaidon, 1986.

CURTIS, William. *Modern Architecture since 1900*. Third edition. London: Phaidon, 1996.

FRAMPTON, Kenneth. Primitive Form and the Linear City. In: RAEBURN, Michael; WILSON, Victoria (Ed.). *Le Corbusier, the Architect of the Century*. London: Arts Council of Britain, 1987.

LEATHERBARROW, David, MOSTAFAHVI, Mohsen. *Surface Architecture*. Cambridge: MIT Press. 2002.

LEATHERBARROW, David. *Architecture Oriented Otherwise*. New York: Princeton Architectural Press, 2009.

MCLEOD, Mary. Le Corbusier in Algiers. In Michael Hays (Ed.). *The Oppositions Reader* New York: Princeton Architectural Press, 1998, p.487-519.

MOREIRA, Fernando Diniz. A Surface for Breathing: Lucio Costa and the Parque Guinle. In *On Site*, v.10, Spring: p.12-15, Calgary, 2003.

MOREIRA, Fernando Diniz. Lucio Costa: Tradition in the Architecture of Modern Brazil. *National Identities*. 8(3): 259-275, London: Taylor & Francis, 2006.

PEREIRA, Claudio C. *Os Irmãos Roberto na arquitetura do Rio de Janeiro, 1936-1954*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: PROPAP/UFRGS, 1993.

ROWE, Colin. Chicago Frame. In *The Mathematics of the ideal villa and other essays*. Cambridge: The MIT Press, 1976, p.89-118.

SERT, Jose Luis. Windows and Walls: An Approach to Design. In *Architectural Record* 131 (5): p. 132-133, 1962.

SOBIN, Harris J. Veils and Shadows: Le Corbusier in North Africa, 1928-1936 in *Proceedings of the Meeting of the French Colonial Historical Society* Vol. 19 (1994), p.187-199.

TAYLOR, Brian Brace. Le Corbusier, *The City of Refuge, Paris 1929/1933*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

A casa carioca moderna nos salões das bienais e nas páginas das revistas estrangeiras

HERBST, Helio. A casa carioca moderna nos salões das bienais e nas páginas das revistas estrangeiras. *Revista Docomomo Brasil*, Rio de Janeiro, n. 5, p. 41-55, jun. 2021

data de submissão: 26/04/2020
data de aceite: 25/03/2021

Helio Herbst

Professor Associado, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
helioherbst@ufrj.br

Resumo

Este artigo tem como objeto de estudo a repercussão de doze projetos residenciais expostos nas cinco primeiras edições das Exposições Internacionais de Arquitetura (EIA), que integraram as Bienais de São Paulo, entre 1951 e 1959. A primeira parte do texto salienta algumas especificidades destas residências unifamiliares, concebidas para implantação na cidade do Rio de Janeiro. A segunda parte aborda mais enfaticamente a recepção, no sentido cunhado por Hans Robert Jauss, destes projetos pela crítica estrangeira. A análise dos artigos também assinala as representações, na acepção proposta por Roger Chartier, empregadas para evocar temas do interesse de determinados grupos. Por fim, pretende-se verificar de que modo a recepção destes projetos nas revistas especializadas contribuiu para difundir uma representação por vezes cética, por vezes entusiasmada e confiante, da arquitetura moderna brasileira na historiografia produzida entre as décadas de 1950 e 1970.

Palavras-Chave: Arquitetura Moderna Brasileira, historiografia, Rio de Janeiro

Abstract

This article has as object of study the repercussion of twelve residential projects exhibited in the first five editions of the International Architecture Exhibitions (EIA), which were part of the São Paulo Biennials, between 1951 and 1959. The first part of the text highlights some specificity of these single-family homes, designed for implementation in the city of Rio de Janeiro. The second part deals more emphatically with the reception, in the sense coined by Hans Robert Jauss, of these projects by foreign critics. The analysis of the articles also points out the representation, in the sense proposed by Roger Chartier, used to evoke themes of interest to certain groups. Finally, we intend to verify how the reception of these projects in specialized magazines contributed to spread a sometimes sceptical, sometimes enthusiastic and confident representation of Brazilian modern architecture in the historiography produced between the 1950s and 1970s.

Keywords: Brazilian Modern Architecture, historiography, Rio de Janeiro

Resumen

Este artículo tiene como objeto de estudio la repercusión de doce proyectos residenciales expuestos en las primeras cinco ediciones de las Exposiciones Internacionales de Arquitectura (EIA), que formaron parte de las Bienales de São Paulo, entre 1951 y 1959. La primera parte del texto destaca algunas especificidades de estas viviendas unifamiliares, diseñadas para su implantación en la ciudad de Río de Janeiro. La segunda parte aborda con mayor énfasis la recepción, en el sentido acuñado por Hans Robert Jauss, de estos proyectos por parte de la crítica extranjera. El análisis de los artículos también apunta las representaciones, en el sentido propuesto por Roger Chartier, utilizadas para evocar temas de interés para determinados grupos. Finalmente, pretendemos verificar cómo la recepción de estos proyectos en revistas especializadas contribuyó a difundir una representación a veces escéptica, a veces entusiasta y confiada de la arquitectura moderna brasileña en la historiografía producida entre las décadas de 1950 y 1970.

Palabras clave: Arquitectura Moderna Brasileña, historiografía, Río de Janeiro

Introdução

Por iniciativa de artistas, empresários e intelectuais, a I Bienal do Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM/SP) foi inaugurada em 1951 no antigo Belvedere do Trianon, na avenida Paulista, com normas regimentais inspiradas na Bienal de Veneza. Mas ao contrário da congênere europeia, a mostra paulistana inovou ao introduzir, em paralelo à seção de artes visuais, a I Exposição Internacional de Arquitetura, organizada pelo MAM/SP em parceria com o Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB)¹.

Antecessoras das atuais Bienais Internacionais de Arquitetura (BIA), as EIA mobilizaram o meio profissional, brasileiro e internacional nas décadas de 1950 e 1960. Entre expositores e membros dos júris, estiveram presentes Alvar Aalto, Ernesto Nathan Rogers, Josep Lluís Sert, Max Bill, Siegfried Giedion e Walter Gropius, o grande homenageado da II EIA (1953-1954), realizada no recém-inaugurado Parque Ibirapuera, durante o IV Centenário da Cidade de São Paulo².

Nas cinco primeiras edições das EIA, qualquer arquiteto podia submeter projetos para apreciação do júri de seleção, respeitando as normas divulgadas pela imprensa e pelos órgãos de classe, nacionais e estrangeiros. A exibição de projetos também

1- Antes de 1980, data de realização da I Bienal de Arquitetura de Veneza, ocorriam mostras esparsas de arquitetura que não chegavam a configurar uma seção independente sobre o tema, com regulamentos próprios.

2- A última edição de uma mostra de arquitetura vinculada à Bienal de artes ocorreu em 1971, ano da XI EIA. Desde 1973, as BIA constituem um evento autônomo de periodicidade irregular, organizado em parceria entre a Fundação Bienal e o IAB. A partir de sua décima-primeira edição, realizada em 2011, as BIA deixaram de contar com o suporte da Fundação Bienal e passaram a ocupar distintos equipamentos culturais da cidade de São Paulo.

ocorria por meio de convites, sendo nestes casos vinculada a salas especiais, organizadas em consideração ao mérito da produção individual ou coletiva, por decisão da diretoria artística do evento.

Entre os 255 projetos expostos nos anos 1950, são aqui descritas as soluções de doze residências unifamiliares implantadas na cidade do Rio de Janeiro. Em um primeiro momento são salientadas algumas das suas especificidades, em termos plásticos e tectônicos. A segunda parte do texto analisa mais enfaticamente a *recepção*, no sentido cunhado por Hans Robert Jauss, destes projetos pela crítica estrangeira. A análise dos artigos também pretende

assinalar as *representações*, na acepção proposta por Roger Chartier, empregadas para evocar o que se considera relevante e/ou desejável na produção brasileira, por meio destes exemplos.

Entre as doze residências selecionadas para análise, apontadas nas Tabelas 1a, 1b, 1c e 1d, nove passaram pelos trâmites seletivos. Três obras integraram salas especiais, sendo a residência William Nordschild exposta em homenagem ao arquiteto Gregori Warchavchik, na I EIA (1951), e as residências Antonio Ceppas e Sergio Corrêa da Costa, assinadas pelo arquiteto Jorge Machado Moreira, apresentadas na sala especial Roberto Burle Marx, na V EIA (1959).

Tabela 1a – I Exposição Internacional de Arquitetura – 1951

OBRA	AUTORIA	LOCALIZAÇÃO	DATA DO PROJETO E DE EXECUÇÃO	JÚRI DE SELEÇÃO	JÚRI DE PREMIAÇÃO
Residência Jerônimo Leal	Ulysses Burlamaqui	Rua Almirante Alexandrino Santa Teresa	1951 – projeto ? – execução	Eduardo Kneese de Mello Lourival Gomes Machado Luís Saia	Francisco Beck Junzo Sakakura Mario Pani Siegfried Giedion
Residência Plano de Urbanização da Tijuca e da Gávea Pequena	Lygia Fernandes	Logradouro desconhecido Alto da Boa Vista	1949 – projeto ? – execução		
Residência Thomaz Estrella	Thomaz Estrella	Informação restrita Alto Leblon	c. 1947 – projeto 1951 – execução		
Residência Walther Moreira Salles	Olavo Redig de Campos	Rua Marques de São Vicente, 476 – Gávea	1948 – projeto 1951 – execução		
Residência William Nordschild	Gregori Warchavchik	Rua Tonelero, 35 (atual 146) – Copacabana	1930 – projeto 1931 – execução 1954 – demolição		
				Sala Especial História de Pioneiros	

Tabela 1b – II Exposição Internacional de Arquitetura – 1953/1954

OBRA	AUTORIA	LOCALIZAÇÃO	DATA DO PROJETO E DE EXECUÇÃO	JÚRI DE SELEÇÃO	JÚRI DE PREMIAÇÃO
Casa das Canoas	Oscar Niemeyer	Estrada das Canoas, 2.310 – São Conrado	1951 – projeto 1953 – execução	Afonso Eduardo Reidy	Alvar Aalto
Residência Ernesto Waller	Paulo Antunes Ribeiro	Informação restrita Joá	c.1953 – projeto c.1955 – execução	Eduardo Kneese de Mello Francisco Beck	Ernesto Nathan Rogers Josep Lluís Sert
Residência Jadir de Souza	Sergio Bernardes	Informação restrita Leblon	c.1951 – projeto c.1953 – execução	Mario Henrique Glicério Torres Oswaldo Bratke	Oswaldo Bratke Salvador Candia
Residência Paulo Candiota	Paulo Candiota Bela Torok Lucio Costa	Informação restrita Leblon	c.1951 – projeto c.1953 – execução	Salvador Candia	Walter Gropius

Tabela 1c – IV Exposição Internacional de Arquitetura – 1957

OBRA	AUTORIA	LOCALIZAÇÃO	DATA DO PROJETO E DE EXECUÇÃO	JÚRI DE SELEÇÃO	JÚRI DE PREMIAÇÃO
Residência R. Armando São Conrado	Marcello Fragelli	Informação restrita – São Conrado	c.1955 – projeto c.1957 – execução	Eduardo Kneese de Mello Francisco Beck Mario Henrique Glicério Torres Plínio Croce	Jacob Ruchti Kenzo Tange Marcel Breuer Mario Henrique Glicério Torres Philip Johnson

Tabela 1d – V Exposição Internacional de Arquitetura – 1959

OBRA	AUTORIA	LOCALIZAÇÃO	DATA DO PROJETO E DE EXECUÇÃO	JÚRI DE SELEÇÃO	JÚRI DE PREMIAÇÃO
Residência Antonio Ceppas	Jorge Machado Moreira	Praça Atahualpa, 30 (atual 86) Leblon	1951 – projeto 1958 – execução 1980 – demolição	Sala especial Roberto Burle Marx	
Residência Sergio Corrêa da Costa	Jorge Machado Moreira	Informação restrita – Laranjeiras	1951 – projeto 1957 – execução	Sala especial Roberto Burle Marx	

O morar carioca exposto nas bienais paulistanas

Experimentais, modestos, arrojados. Muitos outros indicativos podem descrever os projetos das residências selecionadas no presente recorte – ver tabela 2. Seus autores formam um grupo bastante heterogêneo, em termos de inserção e reconhecimento no meio profissional. Em comum, nutriam o desejo de difundir publicamente os resultados de suas investigações arquitetônicas, ainda que, para tanto, fosse necessário aceitar as regras impostas pelos promotores das Bienais, quando da submissão dos projetos ao crivo dos júris de seleção e premiação.

Na I EIA, Lygia Fernandes exibiu um projeto para o Plano de Urbanização da Tijuca e da Gávea Pequena, elaborado com o intuito de nortear a ocupação de uma área de expansão situada nas franjas da cidade com a Floresta da Tijuca. A proposta residencial possui programa físico-funcional extenso, distribuído em alas semi-independentes, unificadas visualmente pelo telhado de águas invertidas para o centro da composição. Até o presente momento não conseguimos confirmar a execução e tampouco a localização do empreendimento.

Thomaz Estrella inscreveu a sua casa no Alto Leblon. Não foi localizado nos órgãos públicos con-

sultados o projeto executivo, mas é provável que a obra construída seja a variante de uma proposta publicada pela revista *The Architectural Forum* em novembro de 1947. Em ambas, destacam-se a volumetria em tronco de pirâmide e o telhado invertido, popularmente conhecido como “asa de borboleta”.

Ulysses Burlamaqui expôs a residência Jeronimo Leal, cuja construção, na principal via de Santa Teresa, suscita dúvidas. Graças a um artigo publicado em Acrópole, pouco depois do término da I EIA, é possível discorrer sobre o projeto. Trata-se de um prisma regular de base retangular implantado em um terreno de alta declividade, cujas aberturas exploram as vistas panorâmicas, valendo-se de painéis envidraçados e terraços contíguos aos ambientes sociais e íntimos de longa permanência.

Olavo Redig de Campos apresentou a residência Walther Moreira Salles, construída em uma antiga chácara na Gávea. O projeto, concebido para uma personalidade de evidência, diplomata e banqueiro, caracteriza-se pela amplitude dos ambientes de uso social, organizados em torno de um pátio central. O resultado combina elementos da tradição clássica, alusivos à formação italiana do arquiteto, com repertório formal empregado pelos principais expoentes cariocas da primeira geração de arquitetos modernos.

Gregori Warchavchik reuniu na I EIA cerca de uma dezena de projetos na sala História de Pioneiros, entre os quais a residência William Nordschild, particularmente intrigante em função de sua implantação, em encosta de alta declividade em Copacabana. Sua inauguração, em 1931, foi amplamente divulgada pela imprensa e contou com a presença de Frank Lloyd Wright. Há relatos na historiografia de que a ortogonalidade da composição, ressaltada pelo balanço das varandas na fachada principal, teria inspirado a Casa da Cascata, concebida poucos anos depois.

Na II EIA (1953/1954), Oscar Niemeyer expôs a Casa das Canoas. Implantada em meio à Floresta da Tijuca, o refúgio de Niemeyer organiza a distribuição dos cômodos e a circulação vertical em torno de um rochedo que também funciona como conexão entre o interior e o exterior da residência. Some-se ainda a inabitual disposição dos dormitórios sob os ambientes de estar e o peculiar desenho da laje plana de cobertura, cuja feição parece evocar o traçado das curvas de nível.

A residência Ernesto Waller, concebida por Paulo Antunes Ribeiro, também pode ser vista como um abrigo isolado da cidade e de seus conflitos – ainda que, neste caso, o refúgio assuma as proporções de um palacete. Implantada em um lote de grandes dimensões no sopé da encosta sul da Pedra da Gávea, no então distante bairro do Joá, a proposta contrasta a ortogonalidade do bloco edificado com a sinuosidade dos jardins assinados por Roberto Burle Marx.

Sergio Bernardes apresentou na II EIA a residência Jadir de Souza e dois projetos na região serrana – as casas Paulo Sampaio e Lota Macedo Soares. Com a última, venceu a categoria de Jovem Arquiteto. Na residência Jadir de Souza, implantada no loteamento Jardim Pernambuco, no Leblon, a distribuição dos ambientes de estar em torno de um pátio gramado e a solução estrutural adotada para a sustentação da cobertura em “asa de borboleta” são os elementos mais marcantes da composição.

Paulo Candiota compareceu com o projeto de sua própria residência, situada no Jardim Visconde de Albuquerque, também no Leblon. O programa físico-funcional se distribui entre corpo principal e edícula para abrigo de automóveis e empregados. O projeto de Candiota, que contou com a colaboração de Bela Torok e Lucio Costa, associa tradição e modernidade, presentes na racionalidade construtiva, na cobertura em telhas de barro e nos treliçados de madeira.

Marcello Fragelli apresentou dois projetos na IV EIA (1957), um deles implantado em Petrópolis e outro em São Conrado. Na residência R. Armando, os ambientes dos setores social e íntimo voltam-se para o alinhamento frontal do lote, situado no fi-

nal de uma rua sem saída. A adoção de um único pavimento procurou assegurar a visualização do rochedo Cabeça do Imperador desde o portão de acesso, sendo tal prerrogativa assinalada pelo próprio arquiteto (FRAGELLI, 2010, p. 76).

As residências Antonio Ceppas, construída no Leblon, e Sergio Corrêa da Costa, implantada em Laranjeiras, assinadas por Jorge Moreira, integraram a Sala Especial Roberto Burle Marx, na V EIA (1959). Ambas são caracterizadas pela distribuição do extenso programa físico-funcional em diversos pavimentos, com volumetria prismática de forte acento ortogonal que contrastava, em fins da década de 1950, com o ecletismo das construções do entorno.

Veja Tabela 2 – Seleção de projetos expostos nas EIA – 1951-1959, na página ao lado.

A inserção das obras nas revistas especializadas

Todas as residências que compõem esta investigação foram publicadas em algum periódico especializado, nacional ou estrangeiro, entre 1947 e 1960, conforme demonstra a Tabela 3. Apenas um artigo analisa a proposta residencial para o Plano de Urbanização da Tijuca e da Gávea Pequena e as casas Antonio Ceppas, Jeronimo Leal, Paulo Candiota, R. Armando, Sergio Corrêa da Costa, Thomaz Estrella, Walther Moreira Salles e William Nordschild. Duas matérias abordam as residências Ernesto Waller. Seis versam sobre a Casa das Canoas e sobre a residência Jadir de Souza.

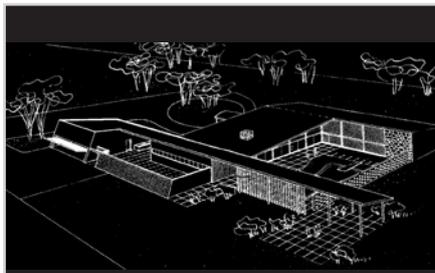
Ainda que se possa precisar o número de artigos publicados no recorte temporal selecionado, não se pode presumir, apenas com base neste quantitativo, o grau de repercussão gerado pelos projetos. Em alguns casos, a inserção pode ter sido favorecida pela proximidade do autor com o corpo editorial de um periódico. Em outros, pela concessão de prêmios ou pela intermediação da própria diretoria das Bienais, que encaminhava *press-releases* de divulgação das mostras (HERBST, 2011). O interesse despertado pelos projetos se deve a uma multiplicidade de circunstâncias de impossível aferição, diretamente atreladas ao desejo/necessidade de divulgação de cada profissional, de sua participação nos órgãos de classe, entre outros fatores.

Ainda assim, a análise da *recepção* – no sentido proposto por Hans Robert Jauss –, constitui um relevante instrumento para se avaliar o impacto causado pelas obras no instante de sua inserção nas revistas especializadas, na medida em que desnuda os atributos e as ênfases concedidas para cada solução projetual. Em outras palavras, permite identificar o *efeito* e o *horizonte de expectativas* a partir dos quais a crítica construiu seus parâmetros avaliativos, por vezes apoiando-se nos desdobramentos proporcionados pela exibição e/ou premiação das obras.

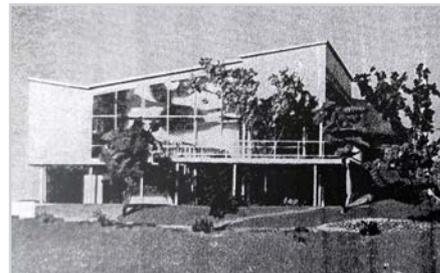
Tabela 2 – Seleção de projetos expostos nas EIA – 1951-1959



Residência Jeronimo Leal
 Fonte: *Arquitetura e Engenharia*, n. 19, out./dez. 1951, p. 56.



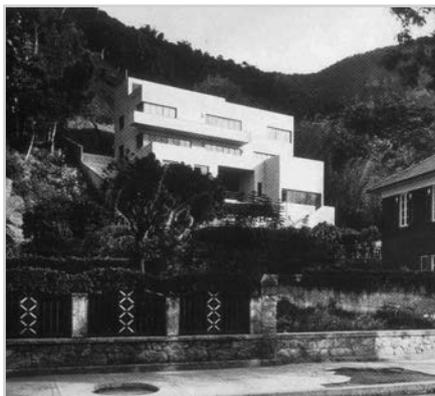
Residência Plano de Urbanização da Tijuca e da Gávea Pequena
 Fonte: *L'Architecture d'Aujourd'Hui*, v. 23, n. 42-43, ago. 1952, p. 74.



Residência Thomaz Estrella
 Fonte: *The Architectural Forum*, n. 87, nov. 1947, p. 95.



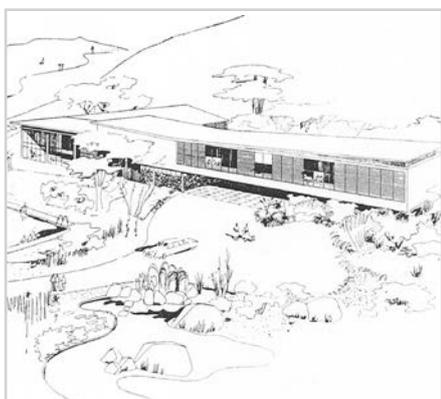
Residência Walther Moreira Salles
 Foto Marcel Gautherot
 Fonte: www.blogdoims.com.br



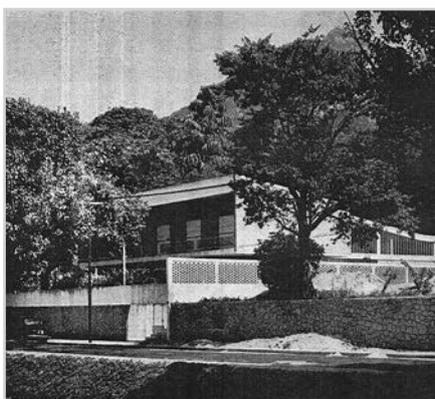
Residência William Nordschild
 Autor não identificado
 Fonte: www.casasbrasileras.arq.br



Casa das Canoas
 Autor não identificado
 Fonte: *Habitat*, n. 18, set./out. 1954, p.13



Residência Ernesto Waller
 Fonte: *L'Architecture d'Aujourd'Hui*, v. 24, n. 49, out. 1953, p. 62.



Residência Jadir de Souza
 Foto Michel Aertsens
 Fonte: *Habitat*, n. 20, jan./fev. 1955, p. 26



Residência Paulo Candioti
 Autor não identificado
 Fonte: *Acrópole*, n. 196, jan. 1955, p. 173



Residência R. Armando
 Foto Michel Aertsens
 Fonte: FRAGELLI, 2010, p. 77.



Residência Antonio Ceppas
 Foto Juvêncio Souza
 Fonte: MOREIRA, 1999, p. 55.



Residência Sergio Corrêa da Costa
 Foto Cesar Barreto
 Fonte: MOREIRA, 1999, p. 45.

Cumpra também enfatizar que o conceito de *representação* formulado por Roger Chartier é essencial ao entendimento dos processos que nortearam a construção dos discursos, tendo em vista que as análises lançadas sobre os projetos permitem vislumbrar, nas entrelinhas, as intenções dos produtores de conteúdos. Deste modo, as reflexões aqui lançadas pretendem desconstruir as narrativas tornadas canônicas, muitas vezes replicadas sem a necessária ponderação.

Partindo-se de tais paradigmas, pretende-se analisar a *recepção* (no sentido cunhado por Hans Robert Jauss) de um conjunto de obras levando-se em conta as *representações* (na acepção proposta por Roger Chartier) lançadas pelos críticos no exato instante em que eram escritos os primeiros compêndios sobre a arquitetura moderna brasileira, entre os quais se inscreve *Modern Architecture in Brazil*, de Henrique Mindlin, lançado em alemão, francês e inglês em 1956.

A publicação de um manual referencial em língua estrangeira constitui um ponto significativo, posto que contribuiu para a consagração desta produção pelo olhar da crítica internacional. Para ser mais enfático, validou certos mecanismos de dominação cultural e controle ideológico produzidos pelos centros do poder. Em resposta a tais estratégias a historiografia da modernidade brasileira tem sido reescrita nas últimas três décadas, apontando-se diversas chaves de entendimento.

Exatamente em decorrência desta constatação, serão aqui analisados apenas os artigos publicados em revistas internacionais. Tal escolha de nenhum modo descredencia as opiniões difundidas pelos periódicos locais: apenas enfatiza os atributos que colaboraram decisivamente para o fazer projetual de diversos profissionais e estudantes brasileiros.

Tabela 3 – Inserção em periódicos especializados (1947-1960)

Exibição	Obra	Inserção em periódicos especializados (1947-1960)
I EIA (1951)	Residência Jeronimo Leal	<i>Arquitetura e Engenharia</i> , n. 19, out./dez. 1951, p. 56-57
	Residência Plano de Urbanização da Tijuca e da Gávea Pequena	<i>L'Architecture d'Aujourd'Hui</i> , v. 23, n. 42-43, ago. 1952, p. 74
	Residência Thomaz Estrella	<i>The Architectural Forum</i> , n. 87, nov. 1947, p. 95
	Residência Walther Moreira Salles	<i>Habitat</i> , n. 6, 1952, p. 56-63
	Residência William Nordschild	<i>Habitat</i> , n. 28, mar. 1956, p. 40-48
II EIA (1953-1954)	Casa das Canoas	<i>The Architectural Review</i> , n. 694, out. 1954, p. 214, 248-249
		<i>L'Architecture d'Aujourd'Hui</i> , v. 25, n. 52, jan./fev. 1954, p. 2-3
		<i>Casabella-Continuità</i> , n. 200, fev. 1954, p. 1-3
		<i>Brasil Arquitetura Contemporânea</i> , n. 4, 1954, p. 24-27
		<i>Habitat</i> , n. 18, set./out. 1954, p. 13-16
		<i>Módulo</i> , n. 2, ago. 1955, p. 40-42
	Residência Ernesto Waller	<i>The Architectural Review</i> , v. 116, n. 694, out. 1954, p. 250
		<i>L'Architecture d'Aujourd'Hui</i> , v. 24, n. 49, out. 1953, p. 62-63
	Residência Jadir de Souza	<i>The Architectural Review</i> , v. 115, n. 687, mar. 1954, p. 166-167
		<i>L'Architecture d'Aujourd'Hui</i> , v. 25, n. 52, jan./fev. 1954, p. 6
		<i>AD Arquitetura e Decoração</i> , n. 8, nov./dez. 1954, 2 págs. s.n.
		<i>Arquitetura e Engenharia</i> , n. 29, jan./fev. 1954, p. 28-31
<i>Brasil Arquitetura Contemporânea</i> , n. 4, 1954, p. 18-20		
Residência Paulo Candido	<i>Habitat</i> , n. 20, jan./fev. 1955, p. 26-28	
Residência Paulo Candido	<i>Acrópole</i> , n. 196, jan. 1955, p. 173-175	
IV EIA (1957)	Residência R. Armando	<i>Acrópole</i> , n. 236, jun. 1958, p. 400-401
V EIA (1959)	Residência Antonio Ceppas	<i>Habitat</i> , n. 56, set./out. 1959, p. 18-20
	Residência Sergio Corrêa da Costa	<i>Habitat</i> , n. 56, set./out. 1959, p. 18-20

A recepção dos projetos nas revistas estrangeiras

Dentre os doze projetos que compõem a presente investigação, cinco foram publicados em periódicos estrangeiros, em um total de nove artigos. Dessas cinco obras, duas foram expostas na I EIA – proposta para o Plano de Urbanização da Tijuca e da Gávea Pequena e residência Thomaz Estrella – e três apresentadas na II EIA – Casa das Canoas e residências Ernesto Waller e Jadir de Souza.

Dos nove artigos selecionados, apenas um antecede a década de 1950. Todos os outros são datados entre 1952 e 1954. Tal constatação, em análise apressada, poderia denotar uma perda de interesse da crítica em relação à produção residencial carioca na segunda metade da década de 1950.

Talvez seja mais apropriado avaliar a questão observando-se a mudança de parâmetros que balizou o olhar da crítica ao longo deste recorte temporal. Na primeira metade da década, sobretudo até 1953, a arquitetura brasileira amalhava críticas quase sempre positivas, certamente motivadas pela repercussão da mostra *Brazil Builds* (1943) e pela consagração da arquitetura carioca.

Uma segunda percepção, mais acentuada na metade da década, reconhecia na difusão da arquitetura moderna brasileira – supostamente conduzida sem qualquer comprometimento social – um desvio de princípios do Movimento Moderno. Assim podem ser vistas as acusações lançadas pelos defensores do primeiro racionalismo em diversos veículos, entre os quais se inscreve o especial “Report on Brazil” publicado por *The Architectural Review* (AR) em outubro de 1954.

Um terceiro viés assinala a emergência de novas possibilidades. De um lado, um olhar descrente em relação às análises que vislumbravam na arquitetura brasileira uma sobrevida para a própria modernidade. De outro, uma apreciação desconfiada em relação aos ataques dos críticos que reconheciam nesta produção o advento de mais um academicismo. O artigo “Pretesti per una critica non formalistica”, de Ernesto Nathan Rogers, publicado na edição de fevereiro-março de 1954 da revista *Casabella-Continuità* (CC), pode ser visto como indicativo deste viés analítico, em prol da superação do antagonístico debate entre forma e função.

Ainda que se considere um deslocamento de paradigmas ao longo da década de 1950, o protagonismo da cena arquitetônica brasileira manteve-se atrelado aos responsáveis pela afirmação do Movimento Moderno pela via institucional. Ou seja: vinculado aos autores do Ministério da Educação e Saúde.

A análise da inserção desta seleção de projetos nas revistas especializadas permite desnudar não apenas a difusão dos seus aspectos formais e técnicos, mas principalmente a constituição dos discursos que culminaram por fundamentar certos entendimentos sobre a produção arquitetônica brasileira.

Neste raciocínio, a desconstrução destas tramas possibilita identificar – no limite – algumas expressões eclipsadas pela narrativa dominante. Tal hipótese tem norteado a ação de diferentes pesquisadores, entre os quais se inscrevem os nomes de Clara Luiza Miranda, Fernando Luiz Lara, Maria Beatriz Camargo Cappello, Nelci Tinem e Ruth Verde Zein. A menção aos colegas pesquisadores, certamente incompleta, indica correlações essenciais à proposição deste artigo.

Miranda (1998) dedica-se ao estudo da constituição dos periódicos especializados no Brasil e publicou artigos sobre os desdobramentos aos ataques lançados por Max Bill, nos quais assinala a maturação de uma nova geração de críticos brasileiros. Lara (2018) e Zein (2018; 2021) preocupam-se em apontar outras possibilidades de leitura sobre as especificidades da nossa produção arquitetônica, lutando contra os mecanismos de dominação cultural disseminados pela historiografia canônica.

Cappello (2005; 2010) analisa a recepção da arquitetura moderna brasileira nos números especiais de periódicos europeus e norte-americanos, confrontando os temas do debate e a disputa de grupos em busca de consagração. Tinem (2002; 2006; 2010) considera as revistas documentos pré-canônicos, isto é, fontes essenciais para a consolidação de uma certa imagem da produção brasileira nas monografias e nos manuais que inscrevem a participação do Brasil na história da arquitetura moderna.

Valendo-se das prerrogativas lançadas por Cappello (2005; 2010) e Tinem (2002; 2006; 2010), particularmente importantes à construção deste artigo, serão aqui apontadas três diferentes linhas de abordagem dos periódicos estrangeiros. Cada orientação editorial preconiza parâmetros a partir dos quais a nascente historiografia da arquitetura moderna brasileira adquiriu diferentes nuances.

O primeiro bloco, aqui identificado como *celebração*, reúne inserções elaboradas no rastro das repercussões positivas motivadas pela exposição *Brazil Builds* (1943) e pelos primeiros números especiais dedicados à arquitetura brasileira nas revistas *The Architectural Review* (AR) (1944 e 1953), *The Architectural Forum* (AF) (1947) e *L'Architecture d'Aujourd'Hui* (AA) (1947 e 1952).

Inscrevem-se neste grupo cinco artigos. O primeiro deles, inserido na edição de novembro de 1947 da revista AF, aborda a residência Thomaz Estrella. Um

segundo integra a edição de agosto de 1952 da francesa AA e versa sobre a proposta habitacional para o Plano de Urbanização da Tijuca e da Gávea Pequena. A terceira matéria, publicada na edição de outubro de 1953 de AA, enfoca a residência Ernesto Waller. E, por fim, dois artigos inseridos na edição de janeiro de 1954 de AA analisam a Casa das Canoas e a residência Jadir de Souza.

O segundo subtítulo, intitulado *advertência*, reúne inserções elaboradas no encaixe das ponderações lançadas por Max Bill e Walter Gropius. Fazem parte deste grupo três artigos, todos eles publicados na inglesa *The Architectural Review*. Um deles compõe a edição de março de 1954 e aborda a residência Jadir de Souza. Os outros dois se inscrevem na emblemática edição "Report on Brazil", lançada em outubro de 1954, e enfocam a residência Ernesto Waller e a Casa das Canoas.

O terceiro grupo, denominado *possibilidades*, identifica-se com as sugestões formuladas por Ernesto Nathan Rogers, anteriormente mencionadas. Nesta chave de leitura se inserem as considerações lançadas sobre a Casa das Canoas no editorial "Pretesti per una critica anti formalistica", publicado na edição de fevereiro-março da italiana *Casabella-Continuità*.

Celebração

Carlos Eduardo Comas (2010) credita ao Pavilhão do Brasil, concebido por Lucio Costa e Oscar Niemeyer para a Feira Mundial de Nova York, inaugurada em 1939, o decisivo impulso para a divulgação da produção arquitetônica brasileira. Tal afirmação, amparada pela efusiva repercussão concedida pelas revistas *The Architectural Forum* e *The Architectural Review*, contribuiu para "lançar uma escola brasileira de arquitetura moderna baseada no Rio, colocada na ribalta por uma grande mostra no Museu de Arte Moderna de Nova York" (COMAS, 2010, p. 91).

Com efeito, a mostra *Brazil Builds* (1943) concedeu um lugar de destaque à arquitetura brasileira no panorama internacional, ainda que alguns de seus expoentes e precursores, a exemplo de Alcides Rocha Miranda, Flávio de Carvalho e Oswaldo Bratke, não tenham sido incluídos na exposição e no catálogo, quase sempre considerado o primeiro compêndio sobre a produção moderna no país.

A repercussão dessas iniciativas motivou a organização das primeiras edições especiais sobre arquitetura brasileira em revistas francesas, inglesas e norte-americanas. Na avaliação de Tinem (2010), a difusão dessa produção condicionava-se aos temas em voga e aos interesses específicos de cada linha editorial. Naquele momento, *The Architectural Review* vislumbrava no vínculo com a tradição uma coincidência de objetivos. *L'Architecture d'Au-*

jourd'hui contrapunha a coragem dos arquitetos brasileiros e a confiança dos poderes constituídos à "timidez da autoridade francesa" (TINEM, 2010, p. 4-5). *The Architectural Forum* enfatizava o desenvolvimento de sistemas de proteção solar e lumínica.

Na edição de novembro de 1947 de AF, a urbanista Cloethiel Woodward Smith esforçou-se para explicar a maturação da produção brasileira em um cenário pleno de adversidades. Diante do paradoxo, limitou-se a sentenciar: "Como é que um país 'atrasado' [como o Brasil] pôde de repente produzir uma arquitetura tão vibrante e contemporânea?" (SMITH, 1947, p. 66-67)

Apesar das ressalvas, AF reconhecia, em nossa produção, qualidades essenciais ao desenvolvimento da arquitetura norte-americana. Pois, no entender dos editores, as experiências conduzidas pelos arquitetos brasileiros poderiam indicar de que maneira a transposição de formas e conceitos não totalmente assimilados ao ambiente local estavam criando uma arquitetura surpreendente.

Levando-se em conta o caráter experimental de alguns projetos, que muitas vezes renunciavam avanços tecnológicos, a edição especial de AF agrupou os projetos em tópicos, organizados de acordo com a sua tipologia – habitação, recreação, lazer etc. A seção destinada aos projetos residenciais estabelecia paralelos entre a produção brasileira e norte-americana, reconhecendo maior dificuldade de aceitação dos apartamentos, entre os brasileiros, e a persistência de sequelas não superadas com a abolição da escravidão, perceptíveis na existência de linhas de circulação independentes e na acomodação dos empregados domésticos em cômodos de reduzida dimensão.

Além da residência Thomaz Estrella, a seleção de projetos residenciais incluiu obras de Carlos Frederico Ferreira, Daniele Calabi, João Baptista Vilanova Artigas, Lucio Costa e Oscar Niemeyer. Tal composição de nomes sinaliza um notável esforço para apresentar diferentes concepções de moradia, ainda que representativas de uma reduzida clientela, de alto poder aquisitivo, sensível aos clamores da modernidade.

O artigo de meia página sobre a residência Thomaz Estrella apresenta as plantas baixas dos pavimentos, uma foto da maquete e um croqui ilustrativo da sala de estar. O conteúdo textual, não assinado, considera a suspensão do bloco edificado, em pilotis, como a principal estratégia do projeto, por configurar um ambiente de estar aberto que valoriza a vista da Lagoa Rodrigo de Freitas.

A exibição desta residência na primeira Bienal, ocorrida quatro anos depois de sua publicação em AF, não motivou a proposição de novas análises em nenhuma revista, nem mesmo na edição especial

“Brésil” de AA, que incluiu diversos projetos expostos na I EIA. Saliente-se que a inserção de Thomaz Estrella na historiografia quase sempre destaca a sua participação na equipe responsável pela concepção da Estação de Hidroaviões, liderada por Atilio Corrêa Lima, sem nunca mencionar o projeto de sua moradia no Alto Leblon.

Cumpra ainda salientar que o periódico francês, depois do desfecho da Segunda Guerra Mundial (1945), procurou incorporar temas do debate internacional, com destaque para a expressão plástica e para as preexistências históricas nos centros urbanos, largamente discutidos nos CIAM realizados em 1949 (Bérgamo) e 1951 (Hoddesdon). Para tanto, AA expandiu suas articulações e passou a contar com um comitê de patronagem formado por Alvar Aalto, Josep Lluís Sert, Oscar Niemeyer, Siegfried Giedion e Walter Gropius, entre outros. (CAPPELLO, 2005)

A busca por novos referenciais em AA motivou a produção de diversos números especiais, a exemplo das edições de 1944, 1952 e 1960, dedicadas à arquitetura brasileira. Na edição de 1952, a revista mantinha-se sob direção de André Bloc, assistido por Pierre Vago, como presidente do comitê de redação, e por Alexandre Persitz, no cargo de redator chefe, assistido por Renée Diamant-Berger, secretária de redação. A seleção e edição dos artigos deste número especial contaram com a assessoria

de Moraes, sendo os projetos agrupados nas categorias Construções Industriais, Edifícios de Escritórios, Turismo, Edifícios de Apartamentos, Habitações Individuais, Cataguases, Construções Hospitalares, Edifícios Culturais e Construções Esportivas; e o terceiro subtema, “Projetos e realizações [de] 1952”, incluiu mais uma resenha de Giedion e uma seleção bibliográfica sobre o Brasil³.

Entre as residências unifamiliares apresentadas no compêndio, inscrevem-se diversos projetos expostos na I EIA, a exemplo da proposta habitacional para o Plano de Urbanização da Tijuca e da Gávea Pequena. O artigo de página inteira é ilustrado com perspectiva, planta baixa e fachadas de todos os quadrantes. O texto não assinado destaca a distribuição dos ambientes em alas funcionais, os diferentes tratamentos das aberturas e o local de implantação do projeto, “nas montanhas do entorno do Rio de Janeiro” (AA, 1952, p. 74).

A matéria aponta o caráter de uso temporário da residência, sem aprofundar as premissas que nortearam a ocupação das franjas entre a cidade e a Floresta da Tijuca. Trata-se de um plano urbanístico de baixa densidade, com lotes amplos, destinado a configurar o que na atualidade se convencionou denominar zona de amortecimento, a fim de conter a pressão de expansão dos bairros vizinhos ou, com grande probabilidade, para evitar desmatamento e invasões. (Fig. 10)

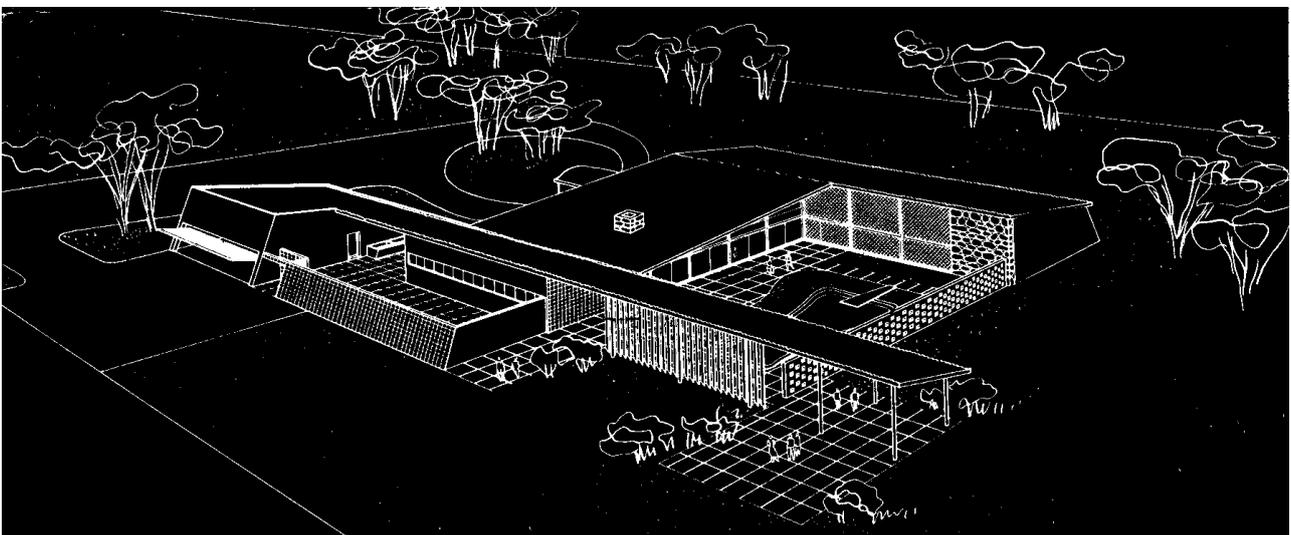


Figura 10: Perspectiva da residência para o Plano de Urbanização da Tijuca e da Gávea Pequena. Fonte: *L'Architecture d'Aujourd'hui*, v. 23, n. 42-43, ago. 1952, p. 74.

da arquiteta Guiseppina Pirro de Moreira, correspondente da revista no Brasil, e do arquiteto Gérald Hanning, antigo colaborador de Le Corbusier.

A referida publicação distribuiu os artigos em três subtemas. O primeiro, intitulado “O homem, o país e arquitetura”, trouxe textos de José Lins do Rego e Siegfried Giedion; o segundo, “Dez anos de arquitetura”, veiculou ensaios de Milton Roberto e Vini-

Não foi possível precisar a localização exata do empreendimento e tampouco confirmar sua execução. Tal fato merece considerações, pois o projeto de Lygia Fernandes, não publicado em outra revista, nacional ou estrangeira, poderia ter suscitado duas reflexões: a primeira delas

3. Para maiores informações sobre o assunto, sugere-se a consulta da dissertação de MIRANDA (1998), e das teses CAPPELLO (2005) e TINEM (defendida em 1996 e transformada em livro em 2002).

sobre a participação feminina nas Bienais. A segunda, sobre a ocupação do território nas cidades brasileiras.

A inexistência de qualquer discussão sobre questões de gênero corrobora um silenciamento ainda não satisfatoriamente revertido, considerando-se a escassez de fontes sobre o assunto. A trajetória de Lygia Fernandes, antiga colaboradora de Affonso Eduardo Reidy, segue praticamente desconhecida, apesar de ter contribuído para a difusão da arquitetura moderna no Nordeste brasileiro⁴.

A adoção de critérios para a ocupação do solo é um tema raramente problematizado nos artigos analisados, restringindo o espectro das análises a temas relacionados à forma e à técnica construtiva. Na obra de Fernandes, diretamente atrelada a um plano de expansão urbana, a análise de AA poderia ter se debruçado sobre tal questão, mencionada de passagem ao longo da matéria.

Em edições posteriores da revista francesa, foram incluídos outros projetos residenciais expostos nas Bienais, mantendo-se inalteradas as ênfases analíticas. Na edição de outubro 1953, contemporânea à abertura da II EIA, AA veiculou um artigo sobre a residência Ernesto Waller. A publicação destaca o caráter monumental da construção de 1.500 metros quadrados em um terreno de 30 hectares e descreve em pormenores o vasto programa físico-funcional, que inclui adega, biblioteca, sala de pintura, laboratório fotográfico, sala de refeições reservada para uso infantil e cozinha exclusiva para funcionários.

A matéria é ilustrada com perspectiva externa em voo de pássaro e interna da sala de estar e exhibe, em uma página inteira, as plantas baixas dos pavimentos. O texto não assinado enaltece a utilização de espécies vegetais nativas, por decisão de Roberto Burle Marx, autor do projeto paisagístico, e a participação de Cândido Portinari na elaboração de um painel curvilíneo que divide o gigantesco ambiente de estar, acomodando um bar em uma de suas faces.

Em janeiro de 1954 AA publicou um artigo sobre a residência Jadir de Souza, atribuindo-lhe equivocadamente o recebimento de um prêmio na II EIA, na verdade concedido pela exibição da residência Lota Macedo Soares, também assinada por Sergio Bernardes. O verbete enaltece o pilotis do pavimento térreo, que se abre para “o mais belo bairro do Rio” (AA, 1954, p. 6). Na matéria de página inteira, o destaque a três fotografias de Michel Aertsens contrasta com as reduzidas dimensões dos cortes e das plantas baixas, no limite da legibilidade.

Na mesma edição, AA registrou pela primeira vez a Casa das Canoas, pouco depois de ser exposta

na segunda Bienal paulistana. O artigo de duas páginas atrela as particularidades do sítio à sinuosidade da volumetria plasmada. Para fundamentar tal proposição, croquis de Oscar Niemeyer, associados a plantas baixas sobrepostas a fotografias da obra concluída, incutem a ideia de que, naquele ambiente, as soluções de projeto não poderiam ser diferentes.

Galanteios à parte, a Casa das Canoas não conquistou a admiração do júri de premiação da II EIA, que conferiu à residência Richard Hodgson, de Philip Johnson, a láurea de melhor habitação individual. Cabe sublinhar que, em paralelo, a obra de Oscar Niemeyer, por vezes considerada a própria síntese da arquitetura brasileira, já era alvo de intensos achaques, entre os quais Max Bill e de diversos expoentes do racionalismo arquitetônico⁵.

Advertência

Em junho de 1953, Max Bill visitou o Brasil a convite do Ministério das Relações Exteriores. Durante sua estada, causou polêmica ao denunciar o descompromisso de grande parte da produção arquitetônica brasileira, excessivamente dependente de um decorativismo exacerbado. De acordo com a revista Habitat, em artigo publicado em setembro de 1953, as críticas de Bill ganharam importância com a realização de conferências em museus e escolas de arquitetura, pronunciadas a silenciosas plateias.

O meio local imediatamente rebateu as denúncias em inflamados artigos, nos quais o conferencista, outrora respeitado, transformou-se em alvo de insultos imponderados. Pouco antes da abertura da II Bienal, Bill foi afastado do júri da seção de arquitetura, tornando-se membro da banca de artes visuais. A sugestão para a troca, feita pelo próprio arquiteto, deu-se por meio de carta prontamente aceita pela Comissão Artística do MAM/SP, a fim de encerrar o prolongamento ou o acirramento das discussões (HERBST, 2011).

Em paralelo, a crítica inglesa mantinha-se interessada na arquitetura brasileira, reconhecendo a validade de suas contribuições no campo das técnicas construtivas e no tratamento das preexistências. Tal postura caracteriza o número especial sobre o Brasil lançado por *The Architectural Review* em março de 1954. Nele se encontram reproduzidos os três projetos de Sergio Bernardes expostos na II EIA.

O artigo de duas páginas sobre a residência Jadir de Souza destaca a configuração de um pátio semienclosurado no piso térreo e descreve as soluções construtivas da cobertura, “uma laje de concreto recoberta com folhas de amianto ondulado suspensas,

5- No início de 1954, Walter Gropius integrou o júri de premiação da segunda Bienal. Na ocasião, recebeu um prêmio especial pelo conjunto de sua obra e também visitou algumas realizações referenciais à produção local, a exemplo da Casa das Canoas. Ao ser questionado sobre o projeto, na presença de Niemeyer, limitou-se a dizer que, apesar de bela, não era multiplicável. (HERBST, 2016).

4- Sobre o assunto, sugere-se a leitura de SILVA (1991) e ESPINOZA e VASCONCELOS (2020)

deixando um colchão de ar para melhor isolamento térmico” (AR, 1954, p. 167). O texto não assinado salienta a plasticidade da cobertura, “cuja curvatura foi determinada, em parte, pelo formato das montanhas que formam um background para a casa”, construída em um “subúrbio semi-rural” (AR, 1954, p. 167) – no caso o condomínio Jardim Pernambuco, no Leblon, criado para abrigar residências deste padrão e porte.

Em contrapartida, a edição de outubro de AR colocou em debate os rumos da arquitetura brasileira, valendo-se da opinião de cinco profissionais que estiveram presentes no país por ocasião da II EIA. Além de Max Bill e Walter Gropius, o especial “Report on Brazil” veiculou ensaios críticos assinados por Ernesto Nathan Rogers, Hiroshi Ohye e Peter Craymer.

O texto de Peter Craymer, apresentado como um “jovem arquiteto britânico que trabalhou no Brasil” (AR, 1954, p. 235), enfatiza o caráter informal das nossas relações de trabalho, quase sempre exercidas em escritórios de pequeno porte. Craymer também aponta as dificuldades decorrentes da inexistência de componentes industrializados, tornando a concepção projetual mais lenta, semelhante ao desenvolvimento das atividades de um ateliê de pintura ou escultura. Por outro lado, reconhece nesta falta de padrões standardizados um potencial maior para a prática criativa, em comparação com os procedimentos europeus rotineiros.

O japonês Hiroshi Ohye, arquiteto e professor, endossa as considerações do britânico ao sintetizar a qualidade plástica da arquitetura brasileira, “indubitavelmente exuberante” (OHYE, 1954, p. 237). Em contrapartida, adverte que essa produção parece ter sido feita para causar deslumbre nas reproduções fotográficas, mascarando a falta de racionalidade construtiva e problemas decorrentes da falta de capacitação da mão de obra, especialmente no Rio de Janeiro.

O texto de Max Bill volta a denunciar o tom socialmente descompromissado da arquitetura brasileira, excessivamente dependente de um decorativismo e de um individualismo exacerbados. Nesses termos, numa clara alusão ao legado de Oscar Niemeyer,

considera inaceitável a disseminação de tamanha arbitrariedade em um país representado nos CIAM, capaz de organizar congressos de arquitetura moderna e até mesmo uma bienal de arquitetura.

Em tom conciliador, Gropius emite uma visão protocolar e ponderada sobre a arquitetura brasileira: seu ensaio assinala a adesão maciça do mercado imobiliário a um repertório formal renovado, sem que, por trás das aparências, estivessem assegurados os princípios norteadores do racionalismo. O artigo tece algumas considerações sobre Oscar Niemeyer, sem mencionar o contato estabelecido entre ambos durante sua estada no Brasil. De modo bastante evasivo, expressa algum interesse por suas obras, apesar de assinalar desatenção aos detalhes construtivos e falta de qualidade na execução dos projetos.

Ernesto Nathan Rogers integra a discussão com um extrato de um editorial publicado na edição de fevereiro-março de *Casabella-Continuità*. Em princípio, corrobora a visão entusiasmada de Giedion e o descrédito de Bill em relação à arquitetura brasileira. Sem mencioná-los nominalmente, discorda de Giedion ao identificar a degeneração caprichosa desta produção, e de Bill por nele reconhecer uma incapacidade de “apreciar o significado de uma arte tão diferente da sua” (ROGERS, 1954, p. 240). Rogers adverte ser necessário evitar o equívoco de usar as preferências pessoais para avaliar o trabalho alheio.

Claude Vincent, correspondente de AR no Rio de Janeiro, assina os artigos inscritos no especial “Report on Brazil”. A seleção inclui dois projetos expostos na II EIA. Um deles é a residência Ernesto Waller, pouco conhecida pelo meio profissional, especialmente no exterior. A matéria de uma página reproduz as mesmas imagens publicadas por AA em outubro de 1953. Em linhas gerais, o texto segue a mesma orientação feita pelo periódico francês, mas diferencia-se deste ao não enfatizar o exotismo da paisagem⁶. (Fig. 11)

6- Claude Vincent, pseudônimo de Agnes Claudius, transferiu-se para o Rio de Janeiro em 1946, onde escreveu matérias de arquitetura e paisagismo para *The Architectural Review*, resenhas de teatro para o jornal carioca *Tribuna da Imprensa* e colaborações esparsas para outros periódicos (DOURADO, 2017).

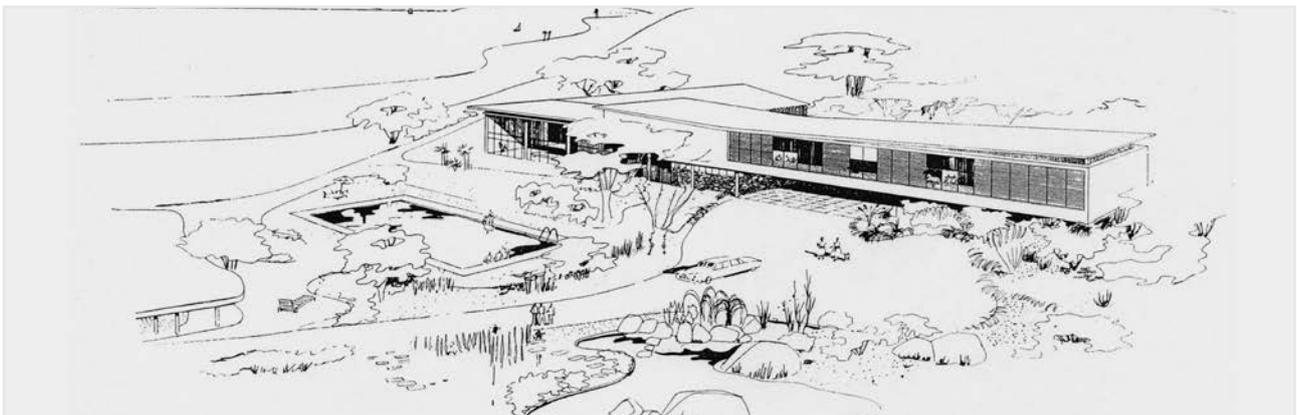


Figura 11: Perspectiva da Residência Ernesto Waller. Fonte: *The Architectural Review*, v. 116, n. 694, out. 1954, p. 250.

A Casa das Canoas fecha o especial da revista inglesa. O artigo de três páginas ressalta fotografias que, novamente, dispensam especial atenção ao entorno. Mas a análise da jornalista inglesa diverge das leituras anteriormente lançadas por AA, na medida em que o resultado formal da proposta é visto como um “brusco confronto com os elementos constitutivos do sítio” (VINCENT, 1954, p. 214). Mas isso não representa nenhum demérito: em sua avaliação, o projeto comprova o virtuosismo de Oscar Niemeyer, sendo sua residência paradoxalmente apresentada como “a mais brasileira das casas” (VINCENT, 1954, p.214).

Possibilidades

No rastro das reflexões motivadas pelos depoimentos de Max Bill, iniciados em 1953, a revista *Casabella-Continuità* publicou uma série de artigos com o intuito de fundamentar uma posição divergente ao confronto entre defensores e detratores do primeiro racionalismo. Assim podem ser equacionadas algumas contribuições de Ernesto Nathan Rogers e Giancarlo de Carlo⁷.

O acréscimo do termo *Continuità* ao título da revista reforça os esforços de Rogers para fundamentar uma atitude crítica de inspiração socrática, colocando em dúvida as manifestações de admiração e escárnio endereçadas aos defensores da chamada “forma livre”. Até mesmo a definição do termo “formalismo” não passa incólume aos editores, sendo objeto de reflexão de artigo assinado por Giancarlo de Carlo na edição “inaugural” de CC, lançada no fim de 1953⁸.

Na edição subsequente, veiculada logo depois do desfecho da II EIA, Rogers publicou o artigo “Pretesti per una critica non formalistica”. O emprego do termo no título do editorial, per se, adverte para a imprecisão das análises supostamente pautadas pela objetividade. Ao colocar em suspensão os juízos críticos então vigentes, Rogers defende a proposição de uma crítica “não formalista”, assumindo, “a defesa da arquitetura vinculada ao lugar, que corresponde à preocupação dos italianos e à posição da *Casabella* nesse momento” (TINEM, 2006). (Fig. 12)

Valendo-se de tais premissas, Rogers vislumbra na Casa das Canoas uma profunda compreensão das preexistências e dos sentidos do morar, apropriando-se dos seus diferentes elementos para ressaltar as suas potencialidades. O resultado é perceptível na distribuição dos setores do programa físico-funcional, na integração entre os espaços internos e externos e se apresenta mais imediatamente no desenho da cobertura e no contorno da piscina que abraça o bloco rochoso, refletindo o verde da mata e as múltiplas cores do céu.

7- O aprofundamento desta questão pode ser visto em SANCHES (2012).

8- A nova denominação da revista expressa “a questão da continuidade da história, o problema da reconstrução e do confronto com a tradição como material de trabalho cotidiano do arquiteto” (CAPPELLO, 2005, p. 134).

Talvez seja possível inferir, com base no exposto, o estabelecimento de paralelos com o entendimento de lugar proposto por Heidegger em *Construir, habitar, pensar* (1951), visto que a conceituação proposta pelo filósofo não destitui a validade das ações humanas sobre a natureza, desde que resguardada a valorização da sua essência. Assim, a análise de Rogers assume uma dimensão existencial e decididamente subjetiva, que coloca em xeque a objetividade dos argumentos de Bill e Gropius, ao sentenciar:

Não me esquecerei facilmente daqueles momentos: o sol no limite de pôr-se nos havia deixado imersos em uma atmosfera densa, colorida de laranja e violeta, de verde escuro, de índigo misterioso. A casa repetia entorno a nós os motivos daquela paisagem dionisíaca (incensos e grilos) insinuando-se com o jogo do grande arpejo que, da marquise do teto, ecoa por todas as paredes, nos nichos dos diafragmas, nas piscinas onde a água ao invés de encontrar a construção dos obstáculos se expande liquidamente nas formas da rocha. Toda a parte principal da casa é extrovertida e não apenas porque o espaço da sala continua sem interrupções nem barreiras privadas no espaço externo, mas porque esta tende a uma identificação, a uma romântica confusão com a natureza. (ROGERS *apud* SANCHES, 2012, p. 97).



Figura 12: Casa das Canoas na capa de *Casabella-Continuità*
Fonte: *Casabella-Continuità*, n. 200, fev. 1954

Considerações adicionais

Ainda que se possa dissertar sobre a recepção dos projetos pela crítica estrangeira observando-se suas correlações com os temas de debate dos anos 1950, cabe aqui enunciar algumas considerações

adicionais, que de nenhum modo podem ser vistas como um desfecho para as questões analisadas. Há ainda muito o que se ponderar sobre a contribuição deste conjunto de projetos para a construção das primeiras narrativas sobre a arquitetura moderna brasileira. E sobre o seu legado na atualidade.

Especialmente se levarmos em conta as possibilidades de discussão que poderiam ser suscitadas pela inclusão dos projetos das residências Walther Moreira Salles e William Nordschild em alguma publicação estrangeira no recorte selecionado. Parece-nos plausível acreditar que tais ausências contribuíram para consagrar uma versão historiográfica que subestimou a participação de Gregori Warchavchik nos processos de afirmação da arquitetura moderna brasileira, ao mesmo tempo que sombreou as interlocuções estabelecidas com algumas matrizes propositivas, a exemplo do racionalismo italiano.

A análise dos artigos em tópicos isolados procurou evidenciar os parâmetros referenciais com base nos quais as linhas editoriais encontraram argumentos para validar os seus questionamentos. Tal procedimento operativo, eficiente para destacar as *representações* plasmadas pelos periódicos, é também um artifício arriscado, uma vez que minimizou as conexões entre temas correlatos: *celebração*, *advertência* e *possibilidades* mesclam-se inexoravelmente.

Cabe portanto retomar algumas questões para não deixar aparas.

O caráter celebrativo de alguns discursos de nenhum modo excluiu advertências negativas. Giedion (1952), talvez um dos defensores mais incondicionais de nossa arquitetura, mostrou-se preocupado com a falta de critérios para a ocupação e expansão das cidades, em parte motivada pela especulação imobiliária, em parte favorecida pelos entraves financeiros e burocráticos. Ambos os fatores justificam, no seu entender, a excepcional importância do Conjunto Residencial do Pedregulho, bem como ajudam a compreender a lentidão para a sua execução.

As constatações acima mencionadas não compareceram nas demais análises lançadas na edição especial de AA: apenas uma pequena parcela de artigos estabeleceu algum diálogo com a questão urbana. Uma seleção ainda menor analisou a contribuição feminina para a afirmação da arquitetura moderna brasileira. Ao reunir os dois quesitos, a residência para o Plano de Urbanização da Tijuca e da Gávea Pequena, exposta na I EIA, constituiu uma realização ímpar, não adequadamente problematizada. Mas, naquela altura, não havia nenhum interesse sobre esses assuntos.

Em contrapartida, a inserção de Max Bill na historiografia é bastante conhecida. Mas para além da polêmica, Bill (1954) expressou esperança no

poder de “criação de uma arquitetura verdadeiramente moderna, coerente com as esplêndidas condições naturais do país” (BILL, 1954, p. 239). Gropius (1954) ecoou algumas das críticas postuladas pelo suíço e, ao mesmo tempo, mostrou-se confiante ao ressaltar as conquistas dos arquitetos brasileiros, que, malgrado todas as adversidades, conseguiram desenvolver uma “atitude arquitetônica moderna por conta própria” (GROPIUS, 1954, p. 237).

Gropius (1954) vislumbrou, em Niemeyer, tal capacidade. Ao tecer considerações sobre o arquiteto, explicou seu descontentamento com a negligência nos detalhes e com falta de qualidade construtiva. Mas nem por isso desmereceu o frescor de suas concepções. A introdução do artigo, assinada pela esposa do crítico, reverberou a singularidade de uma produção que não pode ser medida com uma régua suíça – assim se inscreve sua análise sobre a Casa das Canoas.

Não por acaso a obra é apontada na mesma publicação como a “mais brasileira das casas” (VINCENT, 1954, p. 214). O argumento da jornalista inglesa parece carecer de validade, por se tratar de uma proposição singular, contraposta aos padrões vigentes. Mas, de todo modo, contribuiu para garantir um lugar de destaque, quase sempre acompanhado de honrarias, na historiografia canônica.

Cabe a nós, pesquisadores, desconstruir as narrativas consagradas para revelar outras possibilidades de entendimento sobre a nossa moderna arquitetura.

Referências

- BILL, Max. Sem título. *The Architectural Review*, especial Report on Brazil, Londres, v. 116, n. 694, out. 1954, p. 238-239.
- CABAL house. *The Architectural Review*, Londres, v. 115, n. 687, mar. 1954, p. 166-167.
- CAPPELLO, Maria Beatriz Camargo. *Arquitetura em Revista: Arquitetura Moderna no Brasil e sua recepção nas revistas francesas, inglesas e italianas (1945-1960)*. São Paulo: FAU/USP, 2005 [tese de doutorado]
- _____. *Síntese das Artes: Arquitetura Moderna no Brasil e sua recepção nas revistas francesas, inglesas e italianas (1945-1960)*. In: I ENANPARQ, 2010, Rio de Janeiro. Anais do I ENANPARQ. Arquitetura, Cidade, Paisagem e Território: Percursos e Prospectivas. Rio de Janeiro: PROURB, 2010.
- COMAS, Carlos Eduardo. A Feira Mundial de Nova York de 1939: o pavilhão brasileiro. *Arqtexto*, Porto Alegre, n.16, 2010.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL, 1990.

- CRAYMER, Peter. Sem título. *The Architectural Review*, especial Report on Brazil, Londres, n. 694, out. 1954, p. 236-237.
- DOURADO, Guilherme Mazza. Dois dedos de prosa. A correspondência de Roberto Burle Marx. *Arquitextos*, São Paulo, ano 18, n. 208.00, Vitruvius, set. 2017.
- ESPINOZA, José Carlos Huapaya; VASCONCELOS, Clara Demettino Castro. Lygia Fernandes: uma arquiteta modernista. In: ESPINOZA, José Carlos Huapaya (Org.). *Revisões e ampliações da arquitetura e do urbanismo modernos no Brasil*. Salvador: PP-GAU: EDUFBA, 2020, p. 185-202.
- FERRAZ, Geraldo. Individualidades na história da atual arquitetura no Brasil. I – Gregori Warchavchik. *Habitat*, São Paulo, n. 28, mar. 1956, p. 40-48.
- FRAGELLI, Marcello. *Marcello Fragelli*: quarenta anos de prancheta. São Paulo: Romano Guerra, 2010.
- GIEDION, Siegfried. Le Brésil et l'architecture contemporaine. *L'Architecture d'Aujourd'Hui*, Paris, v. 23, n. 42-43, Aug. 1952, p. 3.
- GOODWIN, Philip. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*. New York: MoMA, 1943.
- GROPIUS, Walter. Sem título. *The Architectural Review*, especial Report on Brazil, Londres, n. 694, out. 1954, p. 236-237.
- HEIDEGGER, Martin. Construir, habitar, pensar. In: *Ensaio e conferências*. 8 ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012. [1954]
- HERBST, Helio. *Pelos salões das bienais, a arquitetura ausente dos manuais*: contribuições para a historiografia (1951-1959). São Paulo: Annablume: FAPESP, 2011.
- _____. Conhecimento, análise e crítica de arquitetura: aportes de Gaston Bachelard e Martin Heidegger. *Revista Projetar* (Natal. Online), n. 3, dez. 2016, p. 61-75.
- JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como crítica à tradição literária*. São Paulo: Ática, 1994.
- LARA, Fernando Luiz. *Excepcionalidade do modernismo brasileiro*. São Paulo: Romano Guerra; Austin: Nhamérica, 2018.
- MAISON aux environs de Rio de Janeiro. *L'Architecture d'Aujourd'Hui*, Paris, v. 25, n. 52, jan./fev. 1954, p. 2-3.
- MAISON de week-end a Tijuca. *L'Architecture d'Aujourd'Hui*, Paris, v. 23, n. 42-43, ago. 1952, p. 74.
- MINDLIN, Henrique Ephim. *Arquitetura Moderna no Brasil*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 1999.
- MIRANDA, Clara Luiza. *A crítica nas revistas de arquitetura nos anos 50*: A livre expressão e a síntese das artes. São Carlos: EESC/USP, 1998. [dissertação de mestrado]
- MOREIRA, Machado Jorge. *Jorge Machado Moreira*. Rio de Janeiro: Centro de Arquitetura e Urbanismo do Rio de Janeiro, 1999.
- OHYE, Hiroshi. Sem título. *The Architectural Review*, especial Report on Brazil, Londres, v. 116, n. 694, out. 1954, p. 236-237.
- RESIDENCE a Rio. *L'Architecture d'Aujourd'Hui*, Paris, v. 25, n. 52, jan./fev. 1954, p. 6.
- RESIDENCE aux environs de Rio de Janeiro. *L'Architecture d'Aujourd'Hui*, Paris, v. 24, n. 49, jan. 1953, p. 62-63.
- RESIDÊNCIA do arquiteto. *Acrópole*, São Paulo, n. 196, jan. 1955, p. 173-175.
- RESIDÊNCIA do arquiteto. *Brasil Arquitetura Contemporânea*, Rio de Janeiro, n. 4, 1954, p. 24-27.
- RESIDÊNCIA do casal Jeronimo Leal. *Arquitetura e Engenharia*, Belo Horizonte, n. 19, out./dez. 1951, p. 56-57.
- RESIDÊNCIA do Dr. Jadir Gomes de Souza. *Brasil Arquitetura Contemporânea*, Rio de Janeiro, n. 4, 1954, p. 18-20.
- RESIDÊNCIA Dr. Jadir Gomes de Souza. *Arquitetura e Engenharia*, Belo Horizonte, n. 29, jan./fev. 1954, p. 28-31.
- RESIDÊNCIA em Canoas, Rio de Janeiro. *Módulo*, Rio de Janeiro, n. 2, ago. 1955, p. 40-42.
- RESIDÊNCIA em São Conrado, RJ. *Acrópole*, São Paulo, n. 236, jun. 1958, p. 400-401.
- RESIDÊNCIA no Rio de Janeiro. *AD Arquitetura e Decoração*, São Paulo, n. 8, nov./dez. 1954, 2 pág. s/n.
- RESIDÊNCIA na Lagoa Rodrigo de Freitas, Rio de Janeiro. *Habitat*, São Paulo, n. 20, jan./fev. 1955, p. 26-28.
- ROBERTO Burle Marx. Sala Especial. *Habitat*, São Paulo, n. 56, set./out. 1959, p. 18-20.
- ROGERS, Ernesto Nathan. Pretesti per una critica non formalistica. *Casabella-Continuità*, Milão, n. 200, fev./mar. 1954, p. 1-3.
- _____. Sem título. *The Architectural Review*, especial Report on Brazil, Londres, v. 116, n. 694, out. 1954, p. 236-237.

SANCHES, Aline Coelho. Ernesto Nathan Rogers e a polêmica da arquitetura brasileira. *Risco*, São Carlos, n. 16, 2012, p. 88-108.

SILVA, Maria Angélica da. *Arquitetura moderna: a atitude alagoana*. Maceió, Sergasa, 1991.

SILVA, Rafael Freitas da. *O Rio antes do Rio*. Rio de Janeiro: Babilônia, 2017.

THIRTEEN-ROOM house. *The Architectural Forum*, Boston, n. 87, nov. 1947, p. 95.

TINEM, Nelci. *O alvo do olhar estrangeiro: o Brasil na historiografia da arquitetura moderna*. João Pessoa: Manufatura, 2002.

_____. Arquitetura Moderna Brasileira: a imagem como texto. *Arquitextos*, São Paulo, v. 072, n. 02, 2006.

_____. As revistas de arquitetura como documentos pré-canônicos – páginas da arquitetura moderna brasileira em revistas especializadas. In: I ENANPARQ, 2010, Rio de Janeiro. Anais do I

ENANPARQ. *Arquitetura, Cidade, Paisagem e Território: Percursos e Perspectivas*. Rio de Janeiro: PROURB, 2010.

UMA CASA no Rio de Janeiro: arquiteto Olavo Redig de Campos. *Habitat*, São Paulo, n. 6, 1952, p. 56-63.

VINCENT, Claude. Oscar Niemeyer's own house in Rio de Janeiro. *The Architectural Review*, Londres, v. 116, n. 694, out. 1954, p. 214; 249-250.

WOODARD SMITH, Chloethiel. The United States of Brazil. *The Architectural Forum*, Boston, n. 11, nov. 1947, p. 65-68.

ZEIN, Ruth Verde. *Leituras críticas*. São Paulo: Romano Guerra; Austin: Nhamerica, 2018.

ZEIN, Ruth Verde. O vazio significativo do cânon. *Vírus*, São Carlos, n. 20, jul. 2020. Disponível em: <<http://www.nomads.usp.br/virus/virus20/?sec=4&item=1&lang=en>> Acesso em 01 jul. 2021.

Sobre a urgência de decolonizar a história da arquitetura moderna brasileira

LARA, Fernando Luiz. Sobre a urgência de decolonizar a história da arquitetura moderna brasileira. *Revista Docomomo Brasil*, Rio de Janeiro, n. 5, p. 57-64, jun. 2021

Data de submissão: 17/02/2020
Data de aceite: 25/03/2021

Fernando Luiz Lara

Professor Titular - University of Texas at Austin
fernandolara@utexas.edu

Resumo:

Passado quase um século da amarração moderno/colonial articulada por Lucio Costa nos anos 1930, é urgente perceber que tal relação é muito mais profunda e muito mais assustadora do que reza nossa cartilha historiográfica. Todo o projeto da modernidade estava enraizado na colonialidade: desmatamento, holocausto ameríndio, mão de obra escrava ou semi-escrava, monocultura latifundiária, exportação de bens primários, assentamentos informais e repressão policial. É chegada a hora de decolonizar a análise e a narrativa da arquitetura brasileira e isto não implica descartar ou nem mesmo diminuir a potência criativa do discurso moderno/colonial articulado por Lucio Costa, mas perceber e enfrentar o lado escuro de tal narrativa, a saber o alto grau de colonialidade inerente a esta construção intelectual. **Palavras-chave:** arquitetura moderna brasileira, historiografia, descolonização

Abstract:

Almost a century after Lucio Costa intellectually stitched the modern to the colonial Brazilian architecture it becomes urgent to realize that such modern/colonial relationship runs much deeper and is much more frightening than our historiography discussed so far. The whole project of modernity was rooted in coloniality: deforestation, Amerindian holocaust, slave or semi-slave labor, plantation monoculture, commodities exports, informal settlements and police repression. The time has come to decolonize the analysis and the narrative of Brazilian architecture and this does not imply discarding – nor even diminishing – the creative power of the modern / colonial discourse articulated by Lucio Costa, but to understand the dark side of such a narrative, namely high degrees of coloniality inherent in this intellectual construction.

Keywords: Brazilian modern architecture, historiography, decolonization

Resumen:

Casi un siglo después del amarre moderno / colonial articulado por Lucio Costa en los años 1930, es urgente darse cuenta de que tal relación es mucho más profunda y mucho más aterradora de lo

que dice nuestra historiografía. Todo el proyecto de modernidad tenía sus raíces en la colonialidad: deforestación, holocausto amerindio, trabajo esclavo o semi-esclavo, monocultivo de tierras, exportación de bienes primarios, asentamientos informales y represión policial. Ha llegado el momento de decolonizar el análisis y la narrativa de la arquitectura brasileña y esto no implica descartar -ni mismo disminuir- el poder creativo del discurso moderno / colonial articulado por Lucio Costa, sino percibir y enfrentar el lado oscuro de dicha narrativa, a saber alto grado de colonialidad inherente a esta construcción intelectual.

Palabras clave: arquitectura moderna brasileña, historiografía, descolonización

Na Bienal de Gwangju de 2018, a artista brasileira Lais Myrra construiu uma obra chamada *Estudo de Caso*, na qual uma coluna em tamanho real do Palácio da Alvorada (Oscar Niemeyer, 1957-60) é apoiada por uma coluna em tamanho real da fazenda Colubandê (Rio de Janeiro, século XVII). Uma leitura apressada da obra apontaria para uma celebração da amarração moderno/colonial como articulada por Lucio Costa nos anos 1930. No entanto, quase um século depois, torna-se urgente perceber que a relação moderno/colonial é muito mais profunda e muito mais assustadora do que reza nossa cartilha historiográfica. Recorro à obra de Lais Myrra como ponto de partida, não apenas pela força simbólica das duas colunas juntas, Colubandê apoiando Alvorada, mas pelo conjunto agora maduro de uma obra artística que desafia a historiografia da arquitetura moderna ao tratar de seus silêncios como o acidente da Gameleira em fevereiro de 1971 ou as torres de “dois pesos duas medidas” da Bienal de São Paulo de 2016. A instalação *Estudo de Caso* me parece uma perfeita manifestação artística do que considero o paradigma central da arquitetura brasileira no século XX: um modernismo extremamente bem sucedido, construído com profundas raízes de colonialidade.

A arquitetura moderna brasileira, como sabemos, é muito mais do que simplesmente uma aplicação dos princípios de Corbusier em um clima tropical. Seguindo esta definição estreita e eurocêntrica da arquitetura brasileira do século XX, a maioria das publicações do Atlântico Norte celebra as conquistas do Brasil quando estas coincidem com e reforçam as expectativas deles, diminuindo-as sempre que divergem. Muitos autores contemporâneos, inclusive este que vos escreve, exploraram a natureza difusa desse etnocentrismo na crítica arquitetônica e as maneiras pelas quais o discurso é sempre ditado pelos termos do Norte, negando agência e iniciativa a qualquer pessoa fora de suas fronteiras intelectuais. O discurso hegemônico do Atlântico Norte (ou Otocêntrico) reforça estas desigualdades e marca a colonialidade global, mas as intenções e silêncios dos atores locais também revelam graus de colonialidade ainda pouco explorados pela historiografia brasileira.



Estudo de Caso, instalação de Lais Myrra na Bienal de Gwangju, 2018

Outros níveis de colonialidade operam dentro do território nacional. A historiografia da arquitetura moderna brasileira escrita no Brasil por brasileiros ainda reflete a hegemonia do eixo Rio-São Paulo, reflexo da centralidade político-econômica das duas metrópoles do século passado. É certo que o crescimento da pós-graduação fora do eixo Rio-SP nas últimas três décadas, assim como a sequência de Seminários DOCOMOMO e SHCU, relativizou um pouco esta hegemonia ao trazer para o debate um número significativo de teses e dissertações sobre múltiplas arquiteturas construídas do Oiapoque ao Chuí. No entanto, estas teses e dissertações recentes ainda são pautadas pela historiografia do século XX. Percebe-se não apenas a presença hegemônica de autores como Frampton, Jean Louis Cohen e William Curtis no caso internacional, como também a presença hegemônica da narrativa articulada por Lucio Costa há quase 100 anos.

Há mais ou menos uma década Jorge Francisco (Pancho) Liernur¹ me alertava para a necessidade de des-costizar a narrativa do modernismo brasileiro. Lucio Costa ocupa com honras um lugar central em qualquer conversa sobre a arquitetura brasileira e merece o crédito por articular intelectualmente o

modernismo de sua geração com o passado barroco do século XVIII. No que ficou conhecido como costura moderno / colonial, Costa ancorou a arquitetura de seu grupo carioca na arquitetura do passado colonial para desviar as críticas de que o modernismo era estrangeiro (Cavalcanti 1995, Lara 2002). Insisto que a costura moderno / colonial tem raízes muito mais profundas e feições muito mais feias do que discute nossa tradição historiográfica. Todo o projeto da modernidade estava enraizado na colonialidade: desmatamento, holocausto ameríndio, mão de obra escrava ou semi-escrava, monocultura latifundiária, exportação de bens primários, assentamentos informais e repressão policial. É chegada a hora de decolonizar a análise e a narrativa da arquitetura brasileira e isto implica não exatamente descartar e nem mesmo diminuir a potência criativa do discurso moderno/colonial articulada por Costa, mas perceber e enfrentar o lado escuro de tal narrativa, a saber o alto grau de colonialidade inerente a esta construção intelectual.

Lentes Decoloniais

A moldura teórica do movimento decolonial nos permite colocar no centro da mesa questões que considero urgentes em qualquer análise contemporânea – capitalismo, ecologia, gênero e raça – des-

1- Jorge Francisco Liernur em conversa com o autor em Buenos Aires, 2012.

locando a arquitetura de seu lugar de transformação progressista (onde os resultados foram bastante questionáveis) para o lugar de um instrumento de espacialidade colonialista. Para abordar adequadamente o lado sombrio desse longo processo de modernização é necessário fazer uma crítica à modernidade, não apenas seguindo Jürgen Habermas, Andreas Hussein e Michel Foucault (entre tantos outros), mas principalmente Arturo Escobar, Walter Mignolo e Anibal Quijano.

Desde a década de 1990, estudiosos como Quijano (1992), Escobar (1994), Dussel (2000) e Mignolo (2002) têm defendido a leitura da história do mundo através das lentes da teoria decolonial e do projeto modernidade / colonialidade. Nas palavras pioneiras de Quijano e Wallerstein, “as Américas não foram incorporadas a uma economia mundial capitalista já existente. Não poderia haver uma economia mundial capitalista sem as Américas”. (Quijano e Wallerstein, 1992: 549). Mignolo vai um pouco mais além ao demonstrar que “a emergência do circuito do Atlântico no século XVI fez da colonialidade um aspecto inseparável da modernidade”. (Mignolo, 2002: 60).

Mais recentemente, Gloria Anzaldua (2009), Catherine Welsh (2018) e Paul B. Preciado (2000) expandiram a análise do binômio moderno/colonial para as questões de gênero e a emergência do sistema patriarcal ainda vigente. Ricardo Padron (2004), Jorge Canizares-Esguerra (2001, 2007) e Ramon Grosfoguel (2007) trabalham uma nova leitura do trânsito das ideias entre América e Europa, expondo quanto dos novos conceitos e invenções celebrados como resultados da modernidade europeia foram resultado da ocupação americana, e não o contrário tradicionalmente promulgado.

O que esse grupo de latino-americanos fez foi uma completa desconstrução das ideias nobres da modernização – ainda hoje adorada pela maioria dos arquitetos – para demonstrar que não há modernização sem colonialização. As transformações que chamamos de modernidade estão imbuídas de desigualdade que invariavelmente beneficiam agentes brancos do sexo masculino, heteronormativos, em detrimento de todos que não são brancos, não são homens, ou não são héteros. Acredito que podemos concordar que a história da arquitetura como a conhecemos é a história dos arquitetos brancos do sexo masculino, escritos por historiadores brancos do sexo masculino.

Por décadas a historiografia não Otancêntrica (qualquer autor não europeu e não norte-americano) da arquitetura do século XX foi forçada a adjetivar a modernização. Escrevemos sobre modernização incompleta, modernização conservadora, modernização desigual, entre tantos outros adjetivos, para poder entender um processo que enriqueceu alguns

à custa de muitos. Em 1994 (já se vão 25 anos) o antropólogo Arturo Escobar publicou *Encountering Development*, elucidando de uma vez por todas que toda modernidade implica alguma colonialidade. Desigualdade e exclusão não são efeitos colaterais da modernização, mas sim uma condição inerente a seus processos.

O território colonial foi onde os europeus puderam operar para criar o maior número e, em certo aspecto, as obras mais relevantes do século XVI. Em *El Laboratorio Americano* Roberto Fernandez elabora o argumento de que a Europa sempre utilizou seus domínios americanos (mesmo depois da independência) como espaço de testes (Fernandez, 1997). Não existiria *Unité d’Habitation* se não fosse pelo Palácio Capanema 15 anos antes. Não existiria Plaza Mayor em Madrid se não fosse pela experiência do Zócalo de Tenochtitlan. Não existiria Alexander Humbolt se não fosse pela catalogação e sistematização de espécies desenvolvidas por cientistas de Nova Granada no séculos XVII e XVIII e Grã-Colômbia no século XIX. Aproximando-se do argumento de que a modernidade tem um componente americano significativo desde o século XVI, Leonardo Benevolo escreveu que “a grade adotada na América vem de uma tradição operativa, mas também de um ideal cultural europeu aplicado apenas parcialmente no antigo continente, mas está presente em tudo considerado moderno. É de fato um índice do modernismo (Benevolo, 1968: 86). Somos iminentemente modernos desde 1492, como brada a historiografia da arquitetura brasileira, o que implica perceber que somos iminentemente coloniais desde 1492.

Modernidade/ colonialidade americana

Quase dois séculos depois dos processos de independência esta colonialidade permanece na maneira como continuamos amarrados a ideias e conceitos eurocêntricos ou Otancêntricos para utilizar um termo mais adequado ao século XX. O mapa abaixo, por mim desenhado em 2012, revela o quão explícito é a concentração de edifícios abordados por Frampton, Curtis, Scully e Cohen em seus manuais de arquitetura moderna.

Mignolo e Quijano demonstraram que a modernidade começou nas Américas ao longo do século XVI, ao mesmo tempo em que a arquitetura se consolidava como disciplina autônoma. Acredito que tal paralelismo não é nenhuma coincidência. Parafraseando Quijano e Wallerstein, não se trata de resgatar o papel da ocupação das Américas no desenvolvimento da arquitetura como disciplina autônoma mas sim de perceber que não existiria a disciplina da arquitetura não fosse pela ocupação das Américas. Leonardo Benevolo não levanta essa questão, mas aponta nesta direção ao escrever em 1968 que “o desenho urbano desenvolvido



Mapa das arquiteturas mencionadas em Frampton, Curtis, Cohen e Scully. F.Lara, 2012, publicado em *Urban Latin America*, 2018.

nas Américas no século XVI, consolidado pela lei de 1573 (Lei das Índias), é o único modelo de novas cidades produzidas pelo Renascimento. Esse modelo continua a funcionar por 4 séculos depois de ser generalizado pela cultura neoclássica e serviu de base para a transformação territorial mais impressionante da era moderna: a colonização e urbanização dos Estados Unidos". (Benevolo, 1968: 93).

Voltando às palavras que Roberto Fernandez usa para explicar as Américas, "nenhum território esteve tão próximo de uma pura modernidade, das utopias renascentistas à aplicação energética das ideias de contra-reforma (1600), iluminista (1700) e positivismo (1800)".

Todos nós provavelmente concordamos que foi nas Américas que o planeta foi transformado em laboratório. David Brading escreveu que a conquista europeia da América foi a primeira experiência da modernidade e, ao mesmo tempo, a última experiência do ideal medieval (Brading, 2003). Fernandez elaborou que "o apagamento da história [americana], a conformação ideológica de um território entendido como materialidade objetiva, e não como espaço habitável transformado por sujeitos conscientes, torna a América disponível como um laboratório excepcional para as muitas elaborações humanitárias que emergiram dos discursos medievais" (Fernandez, 1998: 18).

O trabalho recente de Mignolo (2013), Dussel (2000) Canizares-Esguerra (2001, 2006) e Grosfoguel (2007, 2013), nos ensina que o surgimento da abstração anteriormente atribuído a Descartes, Lei-

bnitz e Newton é na verdade um índice do projeto modernidade / colonialidade, que suscita a questão de como as Américas participaram do desenvolvimento do espaço abstrato. Ricardo Padron nos diz que a nova concepção de espaço abstrato "racionalizou o mundo conhecido de acordo com os princípios da geometria euclidiana, propondo uma nova ordem em que a abstração matemática prometia tornar o mundo apreensível de uma maneira que nunca havia sido antes." (Padron, 2004: 32).

Me parece urgente questionar o papel da arquitetura e do planejamento urbano nesse projeto colonial / moderno. Curiosamente, apenas duas décadas separaram a publicação de *De Re Aedificatoria* de Alberti (1471) e a chegada dos europeus ao continente americano (1492). A arquitetura como projeção de um futuro moderno, separada da construção pelo poder da abstração, é ao mesmo tempo a ferramenta definitiva e o resultado final desses dois grandes eventos.

Em 1572, Felipe II, rei da Espanha, decretou a famosa Lei das Índias, especificando no artigo 137 que as cidades deveriam abrigar apenas os descendentes de espanhóis; os índios deveriam viver em seus próprios pueblos no campo. Esse foi o começo da arquitetura moderna nas Américas. Uma cidade para excluir e induzir respeito pelo medo é muito diferente de uma cidade para libertar pessoas (Lara, 2020). Desde o início do século XVI, esta tem sido a regra: uma cidade como uma máquina de exclusão. Os portugueses apontam para relações informais na tentativa de se afastarem da explícita exclusão espanhola, mas o resultado não

é tão diferente. O projeto colonial foi um projeto arquitetônico de controle do espaço, impondo linhas abstratas ao território. Roberto Fernandez explica que as Américas sempre foram esse laboratório espacial onde teorias e ideias foram testadas primeiro, para serem posteriormente aceitas na Europa (Fernandez 1997). A mudança do domínio colonial para a independência pouco fez para mudar isto e nos séculos 19 e 20 as grandes metrópoles americanas explodiram com o crescimento urbano. A regra sempre uma urbanização da exclusão que concentra riqueza e poder nas mãos de poucos, de Nova York a Buenos Aires, de San Francisco a Lima.

Em todos esses casos, observamos o poder de abstração da arquitetura para impor uma sociedade excludente. Nas palavras da estudiosa mexicana Diana Maldonado (2016), sempre existiu planejamento e não-planejamento (*planning* e *off-planning*). Dentro da cidade desenhada estavam as elites e uma pequena classe média que teve que esperar o século 20 para crescer em tamanho e importância. Fora do desenho, fora do planejamento, estava a maioria da população. Essa ordem estratificada nunca se preocupou em entender o fato de que todo mundo constrói. Alguns poucos constroem usando desenhos, a grande maioria constrói sem desenhos (LARA, 2015). A divisão proposta por Alberti teve sua materialidade final na cidade americana excludente. Desenhado / não-desenhado explica os espaços urbanos americanos tão ou melhor do que qualquer outra dicotomia.

Para mim é fundamental perceber que a arquitetura teve um papel central nessa construção e só muito recentemente começamos a estudá-la adequadamente com as lentes da modernidade / colonialidade.

Esforços de Decolonização

Enquanto escrevo estas linhas acontece em Austin o colóquio *Decolonizing the Spatial History of the Americas*. Convidados por Felipe Hernandez e este que vos escreve, 20 estudiosos da arquitetura se reuniram com Arturo Escobar e Clara Irazabal-Zurita para discutir os esforços de decolonização atualmente em andamento na nossa disciplina.

Ficou claro para o grupo que história da arquitetura nunca esteve na vanguarda desse ponto de vista, muito pelo contrário, quando comparada à sociologia, à antropologia e até à história da arte, chegamos bastante atrasados ao entendimento de que gênero, raça e etnia são facetas fundamentais de como narrar (ou mais importante como não narrar) nossas histórias de modernização.

Vejamos por exemplo o livro recente de Fabíola Lopez-Duran, *Eugenics in the Garden*. Lopez-Duran se debruçou sobre os cadernos de desenhos de Le Corbusier para revelar as ideias de eugenia na

base de seu discurso de arquitetura moderna. É um fato conhecido que Corbusier usou a América Latina como um laboratório de sua ideologia. Entre “sua primeira viagem em 1929 e sua segunda em 1936, seus discursos se concentraram no outro racial e sexual, o primitivo, a natureza e a morte” (Lopez-Duran 2018:154) que encontrou do outro lado do Atlântico. Muitos documentos selecionados pela autora lançam uma nova luz sobre a eugenia de Corbusier como solução para a América Latina. A página de um de seus famosos cadernos de desenhos contém o esboço de um humilde homem afro-brasileiro, com as palavras Lucio Costa e *Acheter livre Carrel* (Comprar o livro de Carrel), uma referência a *L’Homme, cet inconnu* de Alexis Carrel (Prêmio Nobel de Medicina de 1912), publicado em 1935.

Eugenics in the Garden refaz a conexão de Le Corbusier com os conceitos de eugenia desenvolvidos na virada do século XX, mostrando como ideias racistas tiveram um papel predominante na materialização transatlântica das propostas Corbusianas no Brasil e na Argentina. A autora vai direto ao ponto: a arquitetura moderna como conhecemos está muito mais próxima das ideias de supremacia branca do que gostamos de admitir.

Para muitos de nós que nunca ouvimos falar de Carrel, seus escritos da década de 1930 abordaram muitas vezes a “degeneração” da humanidade contemporânea, propondo a eliminação de qualquer um que fosse considerado defeituoso para a melhoria da raça humana. Palavras que frequentemente associamos ao regime nazista e não a um herói arquiteto como Le Corbusier. Aqui está o queque-mate de Lopez-Duran. Nas palavras dela, “foi no Rio, durante o verão de 1936, que Le Corbusier se alinhava publicamente com a ideologia da eugenia de Carrel, estabelecendo uma conexão direta entre as ideias de Carrel e as suas. (Lopez-Duran 2018: 158)

Essa conexão é sustentada por vários documentos: uma carta de Carrel em resposta a Corbusier de 31 de agosto de 1937, um cartão postal de 1942 e as anotações de Corbusier na palestra de Carrel de 19 de fevereiro de 1943, momento em que ambos estavam colaborando com a República Vichy, o governo francês fantoche da Alemanha. Nada disso é novo para nossos olhos de historiadores treinados, mas de alguma forma tais fatos se mantiveram submersos e quase invisíveis por todas essas décadas. E nós todos compramos este esquecimento, como mentiras repetidas até que se tornem verdade.

Mas camadas de colonialidade continuam presentes mesmo em textos incisivos como o de Lopez-Duran. Na página 179 do livro estão dois desenhos do Ministério da Educação no Rio publicados por Corbusier. Um dos desenhos foi a proposta original de 1936, uma estrutura horizontal que o suíço-francês insistia em construir junto ao mar. O outro dese-

nho foi feito no final da Segunda Guerra Mundial com base em uma foto do prédio concluído enviada por Lucio Costa. Para reivindicar a autoria de um magnífico edifício construído no Brasil antes que ele pudesse fazer algo nesta escala na Europa, Corbusier publicou o desenho como se fosse um esboço de 1936. Detalhes pequenos da história que ignoramos o tempo todo, até que decidimos não ignorar mais.

Fabiola Lopez-Duran decidiu não ignorar tais evidências e esta é a contribuição mais significativa do livro. Partindo de uma análise rigorosa de documentos primários a respeito do intercâmbio de ideias entre a França, o Brasil e a Argentina, a autora ilumina processos de exclusões que não podemos mais evitar. Em suas palavras, “a eugenia, que no início do século XX foi usada para justificar a exclusão de africanos, asiáticos e até imigrantes do leste e sul da Europa, na tentativa de normalizar uma sociedade patriarcal, idealmente branca e heterossexual, agora é reativada, e com isso, o racismo e a segregação foram novamente legitimados oficialmente”. (Lopez-Duran 2018: 190)

No caso brasileiro vale lembrar as palavras de Lucio Costa em 1928 quando afirmou que:

“toda arquitetura é uma questão de raça. Enquanto nosso povo for essa coisa exótica que vemos pelas ruas a nossa arquitetura será forçosamente uma coisa exótica. Não é essa meia dúzia que viaja e se veste na *Rue de la Paix*, mas essa multidão anônima que toma trens da Central e Leopoldina, gente de caras lívidas, que nos envergonha por toda parte. O que podemos esperar de um povo assim? Tudo é função de raça. A Raça sendo boa o governo é bom, será boa a arquitetura. Falem, discutam, gesticulem, o nosso problema básico é a imigração selecionada, o resto é secundário, virá por si”. (Costa, 1928).

Palavras carregadas de racismo e classismo nos lembram que somos sim um povo negro e mestiço, colonizado e com vergonha de si mesmo, cuja historiografia se debruçou sobre a meia dúzia que viaja e se veste da *Rue de la Paix*. As ideias por trás do fascismo *made-in-Brazil* responsável pelo assassinato de Marielle Franco voltaram do lixo da história, porque são, de fato, muito mais difundidas e comuns do que gostamos de admitir. Como explicado por Arturo Escobar, a modernização sempre beneficiou a minoria heteronormativa branca do sexo masculino, excluindo em diferentes graus a maioria dos habitantes deste nosso pequeno planeta. Isso se chama colonialismo e não há nenhuma surpresa aqui.

A surpresa é o quão pouco isto tem sido discutido até agora pela história da arquitetura.

Arquitetura é uma ferramenta de controle territorial e o Brasil é desde 1500 uma enorme máquina de grillagem. Sabemos pouco acerca das razões do assassinato de Marielle Franco mas o suficiente para perceber a ligação deste com invasões (grilha-

gem) de milicianos na zona oeste do Rio de Janeiro. Sabemos um pouco mais sobre como essa terra era administrada antes da chegada dos portugueses em 1500, mas vale lembrar que a primeira atividade econômica europeia no Brasil foi convencer os nativos a cortar o Pau-Brasil e enviá-lo ao outro lado do oceano. Nossa terra recebeu o nome de um processo de desmatamento com mão de obra barata para exportar commodities de baixo valor agregado. Que destino!

Para superar este trágico destino precisamos decolonizar as histórias da nossa arquitetura e isto implica várias ações²:

1) Perceber que não existe modernização sem colonização. Para cada Esplanada do Castelo ou Pampulha construídas centenas de famílias pobres foram expulsas de suas casas, indenizadas ou não, para que o moderno se instalasse em toda sua exuberância.

2) Perceber que cada um destes edifícios maravilhosos existiu antes em fôrmas de madeira cortadas de alguma área de mata atlântica (no caso do eixo Rio-SP onde são mais numerosos) para logo depois ser preenchido com aço, calcário e argila escavados de algum outro sítio.

3) Perceber que ombros pobres (em sua grande maioria negros e mulatos) carregaram cada um destes materiais em troca de um salário que não os permitia usufruir da cidade moderna, obrigando suas famílias a construir eles mesmos suas casas, sem documento de propriedade, sem água, eletricidade ou esgoto.

4) Perceber que a arquitetura é parte integrante do processo de financialização da economia, drenando recursos antes investidos na produção e na geração de emprego e renda, levados através do sistema financeiro para processos deslocados do mundo da produção.

5) Perceber que a arquitetura moderna sempre trouxe consigo um componente moral que poucas vezes teve um viés progressista como o projeto de empoderamento feminino do Conjunto Pedregulho e na grande maioria da vezes normalizou a desigualdade explicitada nos quartos de empregada e elevadores de serviço. Independente do viés progressista ou reacionário, a arquitetura moderna sempre se colocou como instrumento de colonialidade no sentido de ensinar às massas como deveriam viver suas vidas.

2- Escobar defende que uma compreensão completa da modernidade implica: 1) localize suas origens com a conquista da América, em vez do Iluminismo ou do século XVIII; 2) atenção persistente ao colonialismo e inerente ao capitalismo; 3) a adoção de uma perspectiva mundial na explicação da modernidade; 4) o entendimento de que a modernidade implica a subalternização de qualquer conhecimento não europeu; e 5) entender a universalidade abstrata e seu papel na hegemonia mundial concreta da Europa” (Escobar, 1994: 38).

Como na obra de Lais Myrra, a coluna da modernidade do Alvorada não se sustenta sem a coluna da colonialidade, do latifúndio, da escravidão e da monocultura da fazenda Colubandê. Triste, mas necessário perceber que o Brasil reacionário e violento que eclodiu depois de 2016 sempre esteve por aqui, escondido nas dobras escuras da colonialidade enquanto nos encantávamos com nossa exuberante modernidade.

Referências:

- BENEVOLO, Leonardo, "Las nuevas ciudades fundadas en el Siglo XVI en America Latina. Una experiencia decisiva para la historia de la cultura arquitectonica de "Cinquecento", in *La Ciudad Colonial del Nuevo Mundo: formas y sentidos* (edited by Miguel D. Mena) Santo Domingo: Jardin de las Delicias, 1998, pp. 71-94.
- BEUCHOT, Mauricio *Filosofia y lenguaje en la Nueva España*, Ciudad de Mexico: UNAM, 2011.
- BHABHA, Homi. "What does the black man want?", *New Formations* 1 (1987): 118-124.
- BRADING, David. *Orbe indiano: de la monarquía católica a la república criolla, 1492-1867*. México: Fondo de Cultura Económica, 2003.
- CAÑIZARES-ESGUERRA, Jorge (ed.). *Entangled Empires: The Anglo-Iberian Atlantic, 1500-1830*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2018.
- CAÑIZARES-ESGUERRA, Jorge. "Iberian colonial science", *Isis* 96.1 (2005): 64-70.
- CAÑIZARES-ESGUERRA, Jorge. "Iberian science in the Renaissance: Ignored how much longer?", *Perspectives on Science* 12.1 (2004): 86-124.
- CAÑIZARES-ESGUERRA, Jorge. *How to Write the History of the New World: Histories, Epistemologies, and Identities in the Eighteenth-Century Atlantic World*. Stanford: Stanford University Press, 2001.
- CAÑIZARES-ESGUERRA, Jorge. *Nature, empire, and nation: explorations of the history of science in the Iberian world*. Stanford University Press, 2006.
- CARRANZA, L. & LARA, F. *Modern Architecture in Latin America: Art, Technology and Utopia*. Austin: University of Texas Press, 2015.
- COSTA, Lucio. "O arranha céu e o Rio de Janeiro", *O País*, 1 de julho de 1928.
- DA CONCEIÇÃO, Margarida Tavares. "Translating Vitruvius and Measuring the Sky: On Pedro Nunes and Architecture", *Nexus Network Journal* 13.1 (2011): 205-220.
- DUSSEL, Enrique, Javier Krauel, and Virginia C. Tuma. "Europe, modernity, and eurocentrism", *Nepantla: views from South* 1.3 (2000): 465-478.
- DUSSEL, Enrique. *La pedagogía latinoamericana*. Bogotá: Nueva América, 1980.
- ESCOBAR, Arturo. "Worlds and knowledges otherwise: The Latin American modernity/coloniality research program", *Cultural Studies* 21.2-3 (2007): 179-210.
- ESCOBAR, Arturo. "Culture sits in places: reflections on globalism and subaltern strategies of localization", *Political Geography* 20 (2001) pp. 139-174.
- ESCOBAR, Arturo. *Encountering Development: The Making and Unmaking of the Third World*. Princeton University Press, 1994.
- FERNANDEZ, Roberto. *El Laboratorio Americano. Arquitectura, Geocultura y Regionalismo*. Madrid: Biblioteca Nueva, 1997.
- GROSGOUEL, Ramon. "The Epistemic Decolonial Turn", *Cultural Studies*, 21:2-3, 2007, pp. 211-223.
- GROSGOUEL, Ramon. "The Structure of Knowledge in Westernized Universities: Epistemic Racism/Sexism and the Four Genocides/Epistemicides of the Long 16th Century: Human Architecture: *Journal of the Sociology of Self-Knowledge*, XI, Issue 1, Fall 2013, 73-9.
- GUARDA, Gabriel, "Santo Tomas de Aquino y las fuentes del urbanismo indiano", in *La Ciudad Colonial del Nuevo Mundo: formas y sentidos* (edited by Miguel D. Mena) Santo Domingo: Jardin de las Delicias, 1998, pp. 9-69.
- JAMES-CHAKRABORTY, Kathleen. "Beyond postcolonialism: New directions for the history of nonwestern architecture", *Frontiers of Architectural Research*, 3:1 (2014), pp 1-9
- JAMES-CHAKRABORTY, Kathleen. *Architecture Since 1400*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2014.
- KING, Anthony. *Spaces of Global Cultures: Architecture, Urbanism, Identity*. London: Routledge, 2004.
- KOSTOF, Spiro. *A History of Architecture: Settings and Rituals*. New York: Oxford University Press, 1985.
- LARA, F. "Illiterate Modernists: Tracking the Dissemination of Architectural Knowledge in Brazilian Favelas", in *Housing and Belonging in Latin America*, New York: Bergham Books, 2015.
- LARA, F. "One Step Back, Two Steps Forward: The Maneuvering of Brazilian Avant-Garde", *Journal of Architectural Education*, v. 55/4, May 2002, pp. 211-219.

- LARA, F. *The Rise of Popular Modernist Architecture in Brazil*. Gainesville: University Press of Florida, 2008.
- LARA, Fernando Luiz "Urbis Americana: Thoughts on our shared (and exclusionary) traditions", preface of *Urban Latin America: Images, Words, Flows and the Built Environment*, edited by Freire-Medeiros & O'Donnel, New York: Routledge, 2018.
- LARA, Fernando Luiz "Towards a Theory of Space for the Americas", FOLIO – *Journal of African Architecture*, vol. 2., 2020, pp. 232-241.
- LEFAIVRE, Liane; TZONIS, Alexander. *The emergence of modern architecture: a documentary history from 1000 to 1810*. Psychology Press, 2004.
- MAITLAND, Barry. "The grid", *Oppositions* 15/16, 1979.
- MALDONADO, Diana. "Off-Planning": The Illegitimate Tradition That Legitimizes Latin America As Urban Discourse", *Traditional Dwellings and Settlements Review* 28.1 (2016): 66-66.
- MANN, Charles C. 1493: *Uncovering the New World Columbus Created*. Reprint edition. New York: Vintage, 2012.
- MENA, Miguel (ed.). *La Ciudad Colonial del Nuevo Mundo: formas y sentidos*. Santo Domingo: Jardín de las Delicias, 1998.
- MIGNOLO, Walter. "The geopolitics of knowledge and the colonial difference", *The South Atlantic Quarterly* 101.1 (2002): 57-96.
- MIGNOLO, Walter. *The Darker Side of Western Modernity: Global Futures, Decolonial Options*. Durham: Duke University Press Books, 2011.
- MIGNOLO, Walter; ESCOBAR, Arturo (eds.). *Globalization and the Decolonial Option*. 1 edition. London: Routledge, 2013.
- MORZÉ, Leonard von (ed.). *Cities and the Circulation of Culture in the Atlantic World: From the Early Modern to Modernism*. The New Urban Atlantic. Palgrave Macmillan, 2017.
- MUMFORD, Lewis. *The Culture of Cities*. New York: Harcourt Brace and Co., 1938.
- O'GORMAN, Edmundo, "Trayectoria de America", in *Fundamentos de la Historia de America*, Ciudad de Mexico: Imprenta Universitaria, 1942.
- O'GORMAN, Edmundo. *La invencion de America: Investigacion acerca de la estructura historica del Nuevo Mundo y del sentido de su devenir*. México: 1958.
- QUIJANO, A. *Dependencia, Urbanización Y Cambio Social En Latinoamérica*. Lima: Mosca Azul Editores, 1977.
- QUIJANO, Anibal, "The paradoxes of modernity", *International Journal of Politics, Culture and Society*. Vol. 3, n. 2. New York: Winter 1989.
- QUIJANO, Anibal, "Colonialidad y Modernidad/Racionalidad", *Perú Indígena*, vol. 13, n. 29, 1991 pp. 11-20. Lima: Instituto Indigenista Peruano.
- QUIJANO A; WALLERSTEIN I. "Americanity as a concept, or the Americas in the modern world-system", *International Social Science Journal*. 1992;44(134):549.
- PADRON, Ricardo. *The Spacious Word: Cartography, Literature, and Empire in Early Modern Spain*. 1 edition. Chicago: University Of Chicago Press, 2004.
- PEREZ-GOMES, Alberto. *Architecture and the Crisis of Modern Science*. Cambridge Mass.: MIT Press, 1983.
- PEVSNER, Nikolaus. *An Outline of European Architecture*. London: Penguin Books, 1964.
- PRECIADO, Paul B. *Manifiesto Contrasexual*. Madrid: Anagrama, 2000.
- RYKWERT, Joseph; TAVERNOR, Robert; LEACH, Neil. *Leon Batista Alberti, On the Art of Building in Ten books*. Cambridge: MIT Press, 1988.
- SAID, Edward W. *Orientalism*. Harmondsworth: Penguin, 1978.
- SENNETT, Richard. *The Conscience of the Eye: The Design and Social Life Of Cities*. 1st ed. New York: Knopf : Distributed by Random House, 1990.
- ZEA, Leopoldo. *América Como Autodescubrimiento*. 1a ed. Pensamiento Latinoamericano, vol. 5. Bogotá: Publicaciones Universidad Central, 1986.
- WALSH, Catherine; MIGNOLO, Walter. *On Decoloniality, Concepts, analytics, praxis*. Duke University Press, 2018.

DOS SI.Ê

Do_co,memos em retrospectiva

A pandemia de SARS-CoV-19 alterou o curso histórico e a percepção de tempo e espaço. A produção e o fechamento deste número da revista comprovaram que, diante dos seus nefastos efeitos, estamos todos sujeitos a situações imprevistas, sem solução aparente, a exemplo do apagão do portal web do periódico, anteriormente relatado. Superado tal obstáculo e retomados os trabalhos de edição final dos artigos, pareceu-nos relevante deixar documentadas, neste dossiê, aberto ao público, questões para as quais precisamos encontrar respostas, procurando superar, da melhor maneira possível, dificuldades de toda ordem – e não apenas decorrentes de questões operacionais ou logísticas, cabe aqui sublinhar.

Salvo melhor juízo, a melhor maneira de recuperar a memória dos fatos não deve prescindir dos registros lançados no sabor de cada momento. E é exatamente em consideração a tal pressuposto que decidimos incluir no desfecho deste número da Revista Docomomo Brasil os editoriais dos boletins Docomemos, produzidos trimestralmente entre 2018 e 2021. Os textos breves, vistos em perspectiva, testemunham as ações, advertências, críticas e denúncias, e também os inumeráveis impasses que estiveram presentes na [des]ordem do dia.

Com o intuito de tornar mais profícua a apreciação dos extratos textuais, os editoriais de cada Docomemos encontram-se apresentados em ordem cronológica, acompanhados do sumário de cada edição da newsletter correspondente. A organização dos boletins em blocos bianuais – 2018-2019 e 2020-2021 – mostrou-se oportuna na medida em que os seus conteúdos, assinados por convidados e membros da diretoria das duas últimas gestões do Docomomo Brasil, assinalam o agravamento dos problemas que atravessam o nosso cotidiano.

Oxalá sejam superadas as dificuldades relatadas em futuro próximo.

Do_co,memos

Guinada [mais] à direita – 2018-2019 (ou não estávamos satisfeitos e sabíamos)

Diante dos escombros do Edifício Wilton Paes de Almeida, desaparecido em 1º de maio de 2018, constatamos que certas perdas não podem ser reparadas. Quatro meses depois, durante o fechamento de um boletim Docomemos, o Museu Nacional ardeu em chamas, transformando um acervo de valor incalculável em cinzas. Enquanto isso, reunimos forças para defender a vila residencial Chácara das Jabuticabeiras, em São Paulo, o Hospital Especializado Octávio Mangabeira, em Salvador, a Secretaria Municipal de Obras e Viação, em Porto Alegre, a Capela São Domingos Profeta, no Rio de Janeiro, o Hotel Internacional dos Reis Magos, em Natal. Questionamos o destombamento do Salão do Esporte Clube Pinheiros e da Praça Vila-boim, em São Paulo. Lamentamos o falecimento de Benedito Lima de Toledo, Eduardo Mendes de Vasconcellos, Demetre Anastassakis, Frank Svensson, Irineu Breitman, Júlio Artigas, Paulo Casé e da saudosa Nelci Tinem, homenageada no 13º Seminário Docomomo Brasil, organizado pelo Núcleo BA/SE e realizado nas dependências da FAUFBA em 2019. Comemoramos, em março de 2019, o lançamento dos números 2 e 3 da Revista Docomomo Brasil. Celebramos a criação do Núcleo Docomomo Pará, o lançamento de diversos livros e documentários sobre a modernidade brasileira. Acompanhamos com apreensão o processo eleitoral de 2018 e resistimos na medida de nossas capacidades às investidas empreendidas pelo governo federal. Eis, de modo bastante abreviado, o ambiente que caracterizou as ações da primeiro biênio coordenado por Renato da Gama-Rosa Costa.

Gestão Docomomo Brasil 2018-2019

Renato da Gama-Rosa Costa | **coordenação**

Andrea de Lacerda Pessôa Borde | **secretaria executiva**

Maria Helena Rohe Salomon | **tesouraria**

Inês El-Jaick Andrade | **conselho fiscal**

Helio Herbst | **conselho fiscal e edição dos boletins Docomemos**

Primeiras linhas

Em assembleia realizada em Uberlândia, durante o 12o Seminário Docomomo Brasil, assumimos, com muita satisfação, o desafio de conduzir a gestão nacional do Docomomo no biênio 2018/2019.

Satisfação e desafio podem resumir o compromisso cotidianamente vivenciado por todos aqueles que se dedicam ao conhecimento de nossa arquitetura moderna, com suas singularidades e interlocuções, fato a ensejar um profícuo [e constante] diálogo com as mais diversas manifestações artísticas, em diversas latitudes.

Os mesmos vocábulos expressam as muitas dificuldades que enfrentamos para documentar e conservar um patrimônio constantemente ameaçado, malgrado todas as ações de denúncia e defesa. Não podemos nos silenciar diante da destruição e descaracterização de nossa memória arquitetônica, urbanística e paisagística.

Somos um pequeno grupo de profissionais, professores e pesquisadores vinculados ao Mestrado Profissional em Preservação e Gestão do Patrimônio Cultural das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz – COC/FIOCRUZ, ao Programa de Pós-Graduação em Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro – PROURB/FAU/UFRJ, à Secretaria Municipal de Urbanismo da Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro – SMU/PMRJ e ao Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – DAU/IT/UFRRJ.

Pretendemos agir sob os mesmos preceitos que nortearam as gestões precedentes e queremos ampliar o debate e o alcance de nossas iniciativas, especialmente por meio de uma maior aproximação com os órgãos patrimoniais, prefeituras e centros de pesquisa, notadamente programas de pós-graduação.

Na página do Facebook serão rotineiramente replicados avisos, informes decursos, debates, defesas de dissertações e teses, palestras, seminários, exposições e lançamentos de livros; noticiadas ações legais de salvaguarda e ameaças de demolição de edificações, entre outros assuntos.

A página <docomomo.org.br> continuará a abrigar os conteúdos do antigo portal, as edições do Boletim *Docomemos* e a *Revista Docomomo Brasil*, além dos links de eventos Docomomo em nível regional, nacional e internacional. A produção e veiculação dos *Docomemos*, para ser mais ágil e eficiente, depende da colaboração de todos – estudantes, pesquisadores, profissionais e professores. A sua participação, por meio de sugestões, simples avisos ou resenhas será essencial para a difusão de conhecimentos sobre o patrimônio moderno brasileiro.

Avante prosseguimos!

SUMÁRIO: EDITORIAL - Primeiras linhas; NOTÍCIAS - Reabertura da campanha de filiação do Docomomo Brasil; *Revista Docomomo Brasil* na FAUUSP: algumas linhas; *Revista Docomomo Brasil* no MASP: algumas linhas; *Revista Docomomo Brasil* já tem ISSN; Assista online o documentário sobre o arquiteto Wandenkolk Tinoco; CONPRESP tomba várias obras modernas paulistanas; NOTA DE PESAR - Frank Svensson; EVENTOS - Encuentro Internacional Patrimônio Moderno y Buenas Prácticas: Sustentabilidad, Conservación, Gestión y Proyecto; ICOMOS Brasil 2018; XV Conferência Internacional Docomomo; XV SHCU

A alegria é a prova dos nove

O desalento encontra-se na ordem do dia. O boletim *Docomemos* 2 não poderia desconsiderar o panorama atual, nem supor encontrar algum alento. Sem pretender mascarar ou ignorar as recentes tragédias cotidianas, as ações do coletivo Docomomo apontam para a ampliação das atividades em prol da documentação, reconhecimento, preservação, conservação e restauro do patrimônio moderno, nas mais diversas partes do Brasil.

Os núcleos Docomomo Rio e Docomomo São Paulo renovaram seus quadros diretivos. A regional paulista acaba de lançar uma nova página da internet. Nela se encontram registradas as mais recentes iniciativas pela problematização de temas urgentes, incluindo-se a realização do Encontro Wilton Paes de Almeida, 2018. No portal também são apresentadas as balizas norteadoras do 6o Seminário Docomomo São Paulo, a ser realizado entre 24 e 26 de setembro no Instituto de Arquitetura e Urbanismo, em São Carlos.

Cumpramos aqui ressaltar, neste segundo trimestre, o lançamento dos anais do último encontro organizado por ambas as regionais. Aguarda-se para breve o lançamento das diretrizes do próximo Seminário Docomomo Rio, confirmado para o mês de julho, contribuindo para as tratativas do próximo seminário nacional, previsto para realização em Salvador, em 2019. Entre 27 de fevereiro e 1º de março foi organizado o primeiro seminário do núcleo Docomomo Ceará, em Fortaleza, com o tema Intervenção e Preservação da Arquitetura Moderna no Ceará: ações e desafios. Durante o encontro, organizado em torno de quatro sessões - Trajetórias Profissionais; Inventário e Tombamento da Arquitetura Moderna; Preservação, Intervenções e Dinâmicas Contemporâneas e Tipologias Modernas, foi elaborada a Carta de Fortaleza – Direito à Arquitetura Moderna, que sintetiza os desdobramentos e encaminhamentos suscitados pelo evento.

O 7º Seminário Docomomo Norte Nordeste será realizado, pela primeira vez, na região norte do Brasil, na cidade de Manaus. Entre 13 e 16 de agosto o tema Tradição Nativa, Universalidade e Conservação, será equacionado em três eixos: Modernidade, Lugar e Ambiente; Trajetórias Profissionais e Documentação; e (Re)Utilização do Patrimônio Moderno. Durante o encontro será também realizado o II DOCOJOVEM, voltado à apresentação de pesquisas realizadas por discentes, sobre temas correlatos aos propostos pelo seminário.

Por fim, cumpre registrar a colaboração da diretoria nacional para a realização de uma viagem de estudos organizada pela arquiteta Débora Barros para o Docomomo US. Participaram da comitiva cerca de vinte profissionais, além do professor Theodore Prudon, presidente do Docomomo US e Liz Wajtkus, vice-presidente do Docomomo NY e diretora executiva do Docomomo US.

No compasso de uma visita de certo modo inesperada e extraordinária, a rotina se esvai. Por um breve momento, constatamos a potência de nosso legado. E a fragilidade de sua permanência. Sigamos atentos. E confiantes.

SUMÁRIO: EDITORIAL - A alegria é a prova dos nove; NOTÍCIAS - Desabar (Edifício Wilton Paes de Almeida); A Casa do Povo de Clichy: um monumento histórico desrespeitado; EXPOSIÇÕES - FAUUSP 70 anos (Centro Universitário Maria Antônia, SP); 100 anos de Athos Bulcão (CCBB BH); PUBLICAÇÕES - *Lina Bo Bardi* 2ª ed. (Marcelo Ferraz - org.); *Adolf Franz Heep*: um arquiteto moderno (Marcelo Barbosa); *Sergio Rodrigues*: Fortuna crítica (Afonso Luz, curadoria); DOCUMENTÁRIO - Tudo é projeto (dir. Joana Mendes da Rocha e Patrícia Rubano); EVENTOS - 7º Seminário Docomomo N NE; 6º Seminário Docomomo SP; V ENANPARQ; VI Seminário Docomomo Chile

Do_co,memos número 3 set. 2018

Andarilhos

Em busca de novas perspectivas, em sentido literal e figurado. Em marcha. Assim podem ser descritas as iniciativas desenvolvidas no último trimestre. No Seminário Internacional Cidade = Universidade, realizado no Museu do Amanhã (RJ) entre os dias 19 e 21 de julho e promovido pela Associação Brasileira de Ensino de Arquitetura e Urbanismo (ABEA), o coletivo Docomomo Brasil contribuiu para discutir sobre os desafios das cidades, observando-se o legado lançado pela modernidade. A questão patrimonial também esteve entre os principais temas de discussão do 7º Seminário Docomomo Norte Nordeste, realizado em Manaus entre 13 e 16 de agosto, sob o tema Tradição Nativa, Universalidade e Conservação. Durante o encontro, organizado em torno dos eixos Modernidade, Lugar e Ambiente, Trajetórias Profissionais e Documentação, e (Re)Utilização do Patrimônio Moderno, lançou-se um manifesto em apoio ao tombamento do Hospital Especializado Octavio Mangabeira, em Salvador, que repudia o projeto de reforma e modernização elaborado pelo Governo do Estado da Bahia. O dia 17 de agosto, Dia Nacional do Patrimônio Histórico, foi celebrado com ações de defesa do patrimônio construído, organizadas pelo Instituto de Arquitetos do Brasil por todo o território, incluindo-se cidades de diversos portes. Em consonância com o quadro de descaracterização que assola o patrimônio moderno, Docomomo São Paulo elaborou um documento questionando o destombamento do Salão do Esporte Clube Pinheiros. Neste terceiro boletim encontram-se reproduzidos o referido manifesto e a carta-resposta elaborada pelo Conpresp.

Em fins de agosto, entre os dias 28 e 31, realizou-se o 15º Seminário Internacional Docomomo em Ljubljana, Eslovênia, sob o tema *Metamorphosis: the continuity of change*. Afora as presenças de Renato Gama-Rosa e Andrea Borde na assembleia deliberativa do coletivo Docomomo Internacional,

que reúne mais de 70 países, o Brasil esteve representado em sete comunicações, elaboradas por Hugo Segawa, Marcos Cereto e Marianna Cardoso; Ana Carolina Pellegrini e Ruth Verde Zein; Claudia Costa Cabral; Carlos Eduardo Comas e Marta Peixoto; Fernando Diniz Moreira e Patrícia Ataíde; Marcos Carrilho; e Anat Falbel, e em quatro pôsteres, apresentados por Helena Bender; Ana Albano Amora e Renato Gama-Rosa Costa; Silvia Raquel Chiarelli; Taiana Vidotto, Ana Monteiro e Fernando Nakandakare.

Entre idas e vindas, Andrea Borde, Helio Herbst e Maria Helena Salomon estiveram presentes na 16ª Mostra Internacional de Arquitetura da Bienal de Veneza com o intuito de questionar as muitas respostas lançadas ao tema Freespace, reconhecendo-se a importância do vazio para a afirmação política e cultural do espaço. E o potencial transformador nem sempre conquistado pelo arquiteto para intermediar tão complexas relações, conforme sentenciam as instalações Espaços sem nome, delineada pelo Grupo SP, e Muros de ar, concebida pelos curadores Laura González Fierro, Sol Camacho, Gabriel Kozłowski e Marcelo Maia Rosa para o Pavilhão do Brasil.

Avante prosseguimos, apesar dos pesares!

SUMÁRIO: EDITORIAL - Andarilhos; NOTÍCIAS - O nada nadificante (incêndio do Museu Nacional); 17 ago: dia nacional do patrimônio histórico; Moção de apoio ao tombamento do Hospital Especializado Octavio Mangabeira em Salvador e de repúdio ao projeto de modernização elaborado pelo Governo do Estado da Bahia; Núcleo Docomomo SP solicita esclarecimentos ao CONPRESP sobre o destombamento do Salão de Festas do Esporte Clube Pinheiros; NOTA DE PESAR - Paulo Casé; PUBLICAÇÕES - *Diógenes Rebouças*: cidade, arquitetura e patrimônio (Nivaldo Andrade, Gabriela Gusmão, Gabriela Otembra e Pedro Alban); *Excepcionalidade do modernismo brasileiro* (Fernando Lara); *Leituras críticas* (Ruth Verde Zein); EXPOSIÇÕES - Athos Bulcão 100 anos (CCBB SP); 3ª Bienal de Arquitetura Moderna de Bruxelas; EVENTOS - 6º Seminário Docomomo SP; V ENANPARQ; Congresso de Arquitetura, Turismo e Sustentabilidade CATS Cataguases; VI Seminário Docomomo Chile

Do_co,memos número 4 dez. 2018

Proseguir

Não é de hoje que a cultura brasileira sobrevive a azares e golpes, perceptíveis na precarização das agências de incentivo e no progressivo sucateamento das instituições de ensino, pesquisa e extensão, incluindo-se universidades e museus. Nesse contexto nada promissor, não são poucas as dificuldades para se enfrentar o contingenciamento de verbas, a burocracia excessiva e toda sorte de desmandos que contribuem para a desinformação e desinteresse acerca de nossas tradições e costumes. Nos campos da arquitetura, do urbanismo e do paisagismo, tal somatório é decisivo para a descaracterização do patrimônio edificado e das suas ambiências, com perdas irreparáveis para a preservação de nossa memória.

Tal constatação se mostra contundente se levarmos em conta alguns acontecimentos registrados pelos últimos boletins *Docomemos*. Neles veiculamos a Carta de Fortaleza, em defesa do patrimônio moderno elaborada pelo núcleo Docomomo Ceará; um manifesto contra o destombamento do Salão de Baile do Clube Pinheiros e a carta-resposta comentada pelo núcleo Docomomo São Paulo; noticiamos o desabamento do edifício Wilton Paes de Almeida e o desaparecimento de grande parte do acervo do Museu Nacional, acompanhados de declarações de repúdio firmadas por diversos expoentes. A presente edição do boletim reproduz um artigo e uma carta-manifesto que colocam em discussão, respectivamente, a preservação do legado de Lelé e Lina em Salvador.

A partir do exposto, não seria imprudente especular sobre os temas das próximas pautas da sessão Patrimônio em Risco. Bastaria elencar nomes e obras que reconhecidamente se encontram sob ameaça. E temer pelo que virá no futuro, com a inevitável perda de parcela significativa do nosso passado. Ainda que se pese o esforço de agentes civis ou públicos e das organizações não-governamentais, aqui representadas pelo Docomomo Brasil, parecem-nos plausível acreditar que estamos diante de um momento de inflexão sem precedentes na história recente, capaz de sinalizar uma ruptura de paradigmas, pautado pela descrença generalizada e pelo advento de novos procedimentos no trato democrático, que colocam em xeque a diversidade política e social sedimentada após o desfecho da ditadura. Resta saber se teremos fôlego para resistir aos novos embates que se anunciam.

As plenárias realizadas durante o V ENANPARQ, realizado em Salvador, deram uma clara sinalização deste estado de ânimo: será preciso, mais do que nunca, consolidar as conquistas no campo da documentação e conservação do patrimônio moderno arquitetônico, urbanístico e paisagístico. 2019 se anuncia como um ano pleno de incertezas, marcado não apenas pela troca de poder, mas pela emergência de um novo modelo de interlocução entre a administração pública e a sociedade civil.

Docomomo Brasil aproveita esta oportunidade para reiterar nosso compromisso pela defesa de uma importante premissa do Movimento Moderno: a promoção de avanços equilibrados em termos ambientais, culturais e sociais, com respeito à dignidade e pluralidade humanas. E nesse sentido destaca, entre as pautas deste boletim, a realização do 13o Seminário Docomomo Brasil, em Salvador, e a celebração do centenário da Bauhaus, objeto de reflexão de Sônia Marques, tema de exposição no Sesc Pompéia e mote para o 16o Seminário Docomomo Alemanha, em Berlim. É preciso prosseguir.

Boas festas!

SUMÁRIO: EDITORIAL - Prosseguir; DESTAQUE - Campanha de filiação 2019; NOTÍCIAS - Manifestação da ANPARQ sobre a situação nacional; As ideias da Bauhaus também existiam alhures; Pela preservação da obra de Lelé; A herança de Lina Bo Bardi em Salvador, Bahia; NOTA DE PESAR - Eduardo Mendes Vasconcellos; PUBLICAÇÕES - *Acácio*

Gil Borsó: produção arquitetônica moderna em Teresina (Ana Negrões e Rômulo Marques – orgs.); *Guia da arquitetura moderna de Fortaleza - 1960-1982* (Ricardo Paiva – coord.); *Ibirapuera: parque metropolitano (1926-1954)* (Ana Cláudia Castilho Barone); *Registro de uma vivência 2ª ed.* (Lucio Costa); **EXPOSIÇÕES** - 100 anos de Athos Bulcão (CCBB – RJ); Bauhaus Imaginista: aprendizados recíprocos (SESC Pompeia, SP); Casas de Vidro (Centro Carioca de Design, RJ); Infinito Vão – 90 anos de arquitetura brasileira (Casa da Arquitetura, Porto); Duas casas – Paulo Mendes da Rocha (Casa da Arquitetura, Porto); **DOCUMENTÁRIO** - Filme paisagem: um olhar sobre Burle Marx (dir. João Vargas Penna); **EVENTOS** - 16th Docomomo Germany & RMB Final Conference; XVIII ENANPUR; II Seminário Internacional Espaços Narrados; 3º Congresso Internacional de História da Construção Luso-Brasileira

Do_co,memos número 1 mar. 2019

Sem medo, com alguma esperança

O tão aguardado e igualmente temido 2019 chegou sem surpreender e nem frustrar expectativas. Algumas bravatas, outrora promessas de campanha, perdem força quando submetidas ao jugo e pressão da sociedade civil. Ainda que se constate apreço pela manutenção dos valores democráticos, a resistência se impõe como a única alternativa de ação para todos aqueles que, a exemplo do coletivo Docomomo Brasil, acreditam na possibilidade de construção de uma sociedade plural e diversa.

No campo das práticas patrimoniais, segue inalterada a necessidade de estarmos vigilantes para ecoar conquistas e denunciar ameaças. De um lado muito nos alegra a homologação, em 26 de fevereiro último, do tombamento da sede social do Clube Atlético Paulistano, de Gregori Warchavchik, e de um conjunto significativo de obras de Paulo Mendes da Rocha, entre as quais se inscreve o Museu Brasileiro de Escultura e Ecologia (MuBE). De outro, muito nos preocupa a possível alteração de gabarito na área envoltória da Praça Vilaboim, em São Paulo, abarcando lotes contíguos ao Edifício Louveira, obra de Vilanova Artigas tombada em nível municipal pelo Conpresp e, em âmbito estadual, pelo Condephaat.

Tal estado de vigília também deve pautar nossa atuação em prol da documentação do patrimônio arquitetônico, aqui identificado com o Movimento Moderno em sua capacidade de revisão crítica, reflexão e transformação da sociedade brasileira. A elaboração de um requerimento endereçado à equipe do órgão patrimonial da prefeitura de Porto Alegre, com vista à instrução de tombamento do edifício-sede da Secretaria Municipal de Obras e Viação, obra de Moacyr Moojen Marques, João José Vallandro e Léo Ferreira da Silva, exemplifica com propriedade a questão, na medida em que descortina contribuições merecedoras de maior destaque pela crítica especializada.

Em outras palavras, pode-se inferir sobre a necessidade de alargar horizontes para além dos registros consolidados pela historiografia hegemônica, frequentemente situados no eixo Rio-São Paulo, desafiando toda

sorte de adversidades e enfrentando vezes impostas pelo desconhecimento ou, quiçá, mero preconceito. Tão-somente imbuídos dessas premissas poderemos conservar testemunhos nem sempre identificados com os discursos dos agentes responsáveis pela salvaguarda de nossa memória, como se concebia no passado e como por vezes se apresenta na atualidade.

Assim poderemos manter a crença em nossa capacidade de atuação, malgrado qualquer cenário político, fomentando a revisão e a ampliação da historiografia da arquitetura e do urbanismo brasileiros em diversas escalas, como também entendê-la a partir de suas redes e articulações nacionais e internacionais, concedendo maior atenção aos casos Sul-Sul e, em especial, aos exemplos latino-americanos. Tais balizas, cumpre ressaltar, nortearão o 13º Seminário Docomomo Brasil, a ser realizado na cidade de Salvador entre os dias 7 e 10 de outubro, sob o emblema "Arquitetura moderna brasileira. 25 anos do Docomomo Brasil. Todos os mundos, um só mundo". O prazo de submissão dos resumos está aberto até o dia 18 de março. Não deixe de trazer a sua contribuição para este debate tão urgente e necessário.

SUMÁRIO: EDITORIAL - Sem medo, com alguma esperança; **CHAMADA DE TRABALHOS** - 13º Seminário Docomomo Brasil; **NOTÍCIAS** - Rio de Janeiro é a primeira capital mundial da arquitetura; Restauração do Palácio Gustavo Capanema, no Rio de Janeiro (RJ), chega à última etapa; **EM RISCO** - Secretaria Municipal de Obras e Viação (Porto Alegre RS); Em defesa da Praça Vilaboim e do seu entorno (São Paulo SP); **NOTA DE PESAR** - Irineu Breitman; **PUBLICAÇÕES** - *Casas de Vidro / Glass Houses* (Renato Anelli e Sol Camacho, orgs.); *Matter of space: città e architettura* in Paulo Mendes da Rocha (Carlo Gandolfi); *Lina Bo Bardi: Tupi or not tupi. Brasil 1946-1992* (Mara Llorens, Manuel del Junco e Maria Toledo Gutiérrez, orgs.); *Hans Broos: memória de uma arquitetura* (André Luís de Lima, Guilherme Freitas Grad e João Serraglio); **EXPOSIÇÕES** - resenha: Tutto Ponti: Gio Ponti Archi-designer; O plano de ação - PAGE e a arquitetura social (IAU/USP, São Carlos SP); Riposatevi, Lucio Costa (MAC Niterói RJ); Irradiações - Fabio Penteadó (Casa da Arquitectura, Porto); **DOCUMENTÁRIO** - Arquitetura proibida (dir. Ricardo Moreira); Cursos - A cultura moderna brasileira através de fotografias (IMS/RJ); **EVENTOS** - 3º Simpósio Científico ICOMOS Brasil 2019; Docomomo US National Symposium; Il Congresso Internazionale de Patrimônio Cultural Intangível da CICOP; 9º PROJETA 2019

Do_co,memos número 2 jun. 2019

Perder, verbo intransigente

A estrutura de um idioma sugere padrões a partir dos quais se constrói o nosso raciocínio e, de quebra, o nosso entendimento do mundo - assim se estabelece, apressadamente, a filosofia da linguagem. O verbo perder aponta uma série de ações ou ideias que guardam, entre si, uma marca subtrativa. Em algumas ocasiões, perder indica dano ou prejuízo, diminuição de valor. Por vezes, esquecimento de algum pensamento, ação ou objeto. Pode aludir à frustração de não conseguir ou deixar passar despercebido o que se deseja. Perder permite designar desperdício, menosprezo, descrédito, baixa estima, derrota, ruína. Perder ocasionalmente carrega consigo o estigma da falta - de educação, vergonha, respeito, cortesia.

Perder é um verbo transitivo direto e indireto. Perder é também um verbo intransitivo, que consegue compor, instantaneamente, um retrato da realidade brasileira, marcada pela subtração de representatividade da sociedade civil nos órgãos de patrimônio e/ou pela sensação de impotência que paira sobre todos aqueles que vislumbram qualquer possibilidade de manutenção das nossas conquistas. Assistimos atônitos ao destombamento de bens móveis e imóveis que contribuem para a construção da nossa identidade. Testemunhamos a ameaça de destruição do nosso futuro. Resistimos o quanto podemos para não entregar os pontos, naufragar, sucumbir aos vícios, colocar em risco a nossa própria honra.

Perder é ainda um verbo intransigente, na justa medida em que transcende os seus múltiplos significados. Perder é um verbo que não faz concessão. É inflexível e rigoroso na observância de seus princípios. Perder guarda a marcada austeridade, intolerância e obstinação. Perder parece ser o retrato de uma parcela da sociedade que não se apercebe da própria teimosia, que se orgulha da própria ignorância.

Docomomo Brasil não compactua com intransigência. Queremos defender o nosso patrimônio, compartilhar conhecimento, construir cidadania e cultura. Perder é um verbo que precisa ser redefinido no nosso cotidiano.

SUMÁRIO: EDITORIAL - Perder, verbo intransigente; Chamada para lançamento de livros e revistas - 13º Seminário Docomomo Brasil; **DESTAQUE** - Encontram-se disponíveis os anais dos últimos seminários Docomomo Brasil, realizados no Recife e em Uberlândia; **NOTÍCIAS** - 16th International Docomomo Conference; Docomomo Photo Prize; Revista Docomomo Brasil: lançamento dos números 2 e 3; Carta aberta ao Condephaat; Em risco: Vila residencial Chácara das Jabuticabeiras (São Paulo SP); Capela São Domingos Profeta (Rio de Janeiro RJ); Salão de Baile do Esporte Clube Pinheiros (São Paulo SP); **NOTA DE PESAR** - Nelci Tinem; **PUBLICAÇÕES** - *Breve história da arquitetura cearense* (Romeu Duarte Junior); *MMM Roberto* (Ana Borelli, org.); *Presença estrangeira: arquitetura no Rio de Janeiro 1905-1942* (Maria Cristina Cabral e Rodrigo Cury Paraizo); *Arquitetura de exposições*: Lina Bo Bardi e Gisela Magalhães (César Augusto Sartorelli); Campanha para reedição - Rino Levi e a cidade; **EXPOSIÇÕES** - Ocupação Gregori Warchavchik (Itaú Cultural e Museu Lasar Segall, SP); Habitat, Lina Bo Bardi (MASP); SB 100 (FAU/UFRJ); Festival Arquiteturas Film Festival; **EVENTOS** - Seminário Democracia, patrimônio e direitos: a década de 80 em perspectiva; XXIII Congresso ARQUISUR; Mies van der Rohe: a arquitetura da cidade; 2º Congresso Ibero-americano de História Urbana

Do_co,memos número 3 jun. 2019

Não poderia ser diferente

Entre os dias 07 e 10 de outubro de 2019, centenas de pesquisadores estarão reunidos no 13o Seminário Docomomo Brasil para apresentar e questionar criticamente as mais recentes pesquisas sobre a presença e legado da arquitetura, do urbanismo e do paisagismo modernos em todas as regiões do país. Entre os muitos temas do debate se inscrevem ações pelo reconhecimento e documentação; ações pela conservação de documentos e de conjuntos arquitetônicos, urbanísticos e paisagísticos.

Tais práticas envolvem um esforço incomensurável de profissionais que se desdobram para ampliar e difundir conhecimentos sobre a cultura brasileira, conservando testemunhos e tradições em todas as suas especificidades, contrastes e singularidades. Cabe aqui lembrar que não são poucas as adversidades enfrentadas cotidianamente: falta de recursos, baixa remuneração, entraves burocráticos e péssimas condições de trabalho, associadas a desmandos anunciados em conta-gotas ou implementados em golpes e canetadas, como bem exemplificam fatos recentes que acometeram as universidades públicas e os órgãos patrimoniais, sejam eles federais, estaduais ou municipais.

Em nome dos docentes, técnicos e estudantes das instituições de ensino superior e do corpo técnico lotado em conselhos e nos centros de pesquisa, especialmente naqueles de natureza pública, Docomomo Brasil manifesta em breves linhas o seu repúdio a toda e qualquer iniciativa que possa desencorajar a continuidade das nossas iniciativas.

Não poderia ser diferente.

Docomomo Brasil não poderia deixar de apoiar manifestações recentemente veiculadas pela ANPARQ (Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo), ABEA (Associação Brasileira de Ensino de Arquitetura), AsBEA (Associação Brasileira de Escritórios de Arquitetura), FNA (Federação Nacional dos Arquitetos e Urbanistas) e IAB (Instituto de arquitetos do Brasil) diante da iminente extinção do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico).

Os efeitos da paralisação – parcial, progressiva ou total – do suporte concedido pelo CNPq aos pesquisadores dos múltiplos campos de estudo que acenam a Arquitetura, o Urbanismo e o Paisagismo são imprevisíveis, mas certamente catastróficos. Estamos diante do abismo e somos capazes de antever as consequências desastrosas ocasionadas pelo desmonte de nossas instituições e pelo achaque sistemático aos opositores do poder constituído democraticamente.

Exatamente em nome da democracia, Docomomo Brasil manifesta-se em favor dos princípios republicanos expressos na Constituição Federal. O desrespeito aos seus fundamentos retira de todos nós o direito à existência e à liberdade. Ou ainda, nas palavras de Ulysses Guimarães, expressas quando da promulgação da carta-magna, em 1988, “A persistência da Constituição é a sobrevivência da democracia”. Docomomo Brasil defende a liberdade democrática e reitera todos os discursos em prol da continuidade ou – por que não? – da multiplicação das iniciativas capazes de assegurar a atuação criativa dos profissionais e interessados na salvaguarda da cultura brasileira.

SUMÁRIO: EDITORIAL - Não poderia ser diferente; **NOTA DE REPÚDIO** - Somos todos CNPq; **DESTAQUE** - 13º Seminário Docomomo Brasil: chamadas MOMOTUR; **CHAMADA DE TRABALHOS** - 16th International Docomomo Conference; **UIA2020RÍO**; **NOTÍCIAS** - Biblioteca FAUUSP: Lançamento do portal Libeskind; **EM RISCO** - Hotel Internacional dos Reis Magos (Natal RN); **NOTA DE PESAR** - Benedito Lima de Toledo; Demetre Anastassakis; **PUBLICAÇÕES** - *Arquitetura moderna brasileira: uma crise em desenvol-*

vimento. Textos de Rodrigo Lefèvre 1963-1981 (Ana Paula Koury, org.); *Infinito Vão* (Fernando Serapião e Guilherme Wisnik, orgs.); *Rodrigo Brotero Lefèvre e a vanguarda da arquitetura no Brasil 1905-1942* (Miguel Antonio Buzzar); *O Trianon do MAM ao MASP* (Danielle Pisani); **CURSO** - Quando fomos modernos: arquitetura e design no Brasil (Museu da Casa Brasileira, SP); **EXPOSIÇÕES** - SB 100 Sergio Bernardes (FAU/UFRJ); The Living Art of Roberto Burle Marx (New York Botanical Garden); Flávio De Carvalho: o Antropófago Ideal (Galeria Almeida e Dale; Sotaques Paulistanos da Bauhaus: Leonardo Finotti (Casa Modernista, SP); **EVENTOS** - 6º Seminário Nacional de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo; VI Seminário Docomomo Sul; II Congresso Nacional para Salvaguarda do Patrimônio Cultural; Congresso Internacional Team Ten Farwest: Critical Revision of the Modern Movement in the Iberian Peninsula, 1953-1981

Do_co,memos

número 4 dez. 2019

Fortalecer

Na Assembleia Geral Ordinária (AGO) realizada em Salvador, no encerramento do 13º Seminário Docomomo Brasil, apresentamos um resumo das atividades desenvolvidas em nossa gestão à frente do Docomomo Brasil.

Os desafios não foram poucos. Demos continuidade aos trabalhos iniciados pela coordenação anterior, tais como a criação da *revista Docomomo Brasil*, a concepção de um novo portal, mais robusto e informativo, e o lançamento de um modelo alternativo para o boletim *Docomemos*, mais apropriado para a difusão de notícias, cursos, eventos, exposições, lançamentos de livros, notas de pesar e moções contra o desmonte institucional e contra toda sorte de ameaças ao nosso patrimônio construído. Procuramos dar continuidade ao esforço empreendido para contemplar produções dissonantes ao panorama hegemônico, incluindo-se o legado de personagens pouco conhecidos, provenientes de todos os rincões do vasto e diversificado território brasileiro. Reordenamos a estrutura administrativa da entidade, em termos fiscais e jurídicos, para se obter a regularização há muito aguardada por todos os colaboradores e amigos do Docomomo Brasil. Buscamos ampliar o número de associados, não apenas para somar adesão às causas defendidas, mas sobretudo para renovar e diversificar os enfoques neste momento tão crucial à manutenção das ações em prol da documentação e conservação de acervos e monumentos do Movimento Moderno. Trabalhamos para reafirmar a importância do Docomomo Brasil perante a coordenação do Docomomo International. Somos, com muito orgulho, a segunda maior representação entre os *chapters* da rede mundial.

Tudo isso não seria possível sem o empenho e a prestígio colaboração dos antigos gestores e atuais conselheiros e coordenadores dos núcleos regionais. O êxito dos encontros organizados pelos núcleos Docomomo Norte Nordeste, Docomomo Rio, Docomomo São Paulo e Docomomo Sul é apenas um indicativo do potencial acumulado em 25 anos de atividades do Docomomo Brasil.

Também não seria exagero dizer que o sucesso do 13o Seminário Docomomo Brasil atesta o compromisso assumido pelo núcleo Docomomo BA–SE, compartilhado pela coordenação nacional, para celebrar à grande o labor de um grande número de arquitetos, urbanistas, paisagistas, pesquisadores, estudantes e professores.

Na AGO realizada em Salvador foi aprovada por unanimidade a criação do Docomomo Pará, responsável pela organização do 14o Seminário Docomomo Brasil, em 2021. Também foi homologada por aclamação a nova chapa composta por Renato da Gama-Rosa Costa, Andrea de Pessôa Lacerda Borde, Lúcia Siqueira de Queiroz Varella, Andrea da Rosa Sampaio e Helio Herbst.

Agradecemos a contribuição de Maria Helena Röhe Salomon e Inês El-Jaick Andrade, que integraram a gestão anterior e agora alçam novos voos. Levem consigo nossa gratidão. E sucesso nos novos caminhos.

Desejamos boas-vindas às novas integrantes Lúcia Varella e Andrea da Rosa Sampaio, que assumem desde já a Tesouraria e o Conselho Fiscal. Avante!

SUMÁRIO: EDITORIAL - Fortalecer; DESTAQUE - Campanha [re] filiação 2020 Docomomo Brasil; Núcleo Docomomo Pará: aprovada por unanimidade a criação do novo núcleo; CHAMADA DE TRABALHOS - 8º Docomomo Norte Nordeste; UIA2020RIO; MOÇÕES DE REPÚDIO - Carta de Salvador em defesa da Universidade Pública, da Ciência, do Patrimônio, da Cultura e da Nação; Carta de Porto Alegre: 21º Congresso Brasileiro de Arquitetos; EM RISCO - Contra o destomabamento da Praça Vilaboim (São Paulo SP); NOTAS DE PESAR - Moacyr Moojen Marques; Julio Camargo Artigas; PUBLICAÇÕES - *Marcos Konder Netto*: caderno de projetos, reflexões e realizações do arquiteto (Igor de Vetyemy); *Neudson Braga e a modernidade arquitetônica em Fortaleza* (Cristiane Alves Siqueira); *Virginia Artigas*: histórias de arte e política (Rosa Artigas); CAMPANHA - Biblioteca de arquitetura moderna brasileira; EXPOSIÇÕES - 12ª Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo; Conversas na praça: o urbanismo de Jorge Wilhelm (SESC Consolação, SP); Sotaques Paulistanos da Bauhaus: Leonardo Finotti (Casa Modernista, SP); Souto de Moura: Memória, Projectos, Obras (Casa de Arquitectura, Porto); EVENTOS - IV ENEEEA; XII SIU; 16th International Docomomo Conference; VI Enanparq

Do_co,memos

Afirmação da necropolítica – 2020-2021 (o que já estava ruim se tornou insuportável)

A adoção de medidas de isolamento social, essencial ao controle da pandemia de coronavírus, alterou profundamente as relações humanas neste início de década. No Brasil, expôs de modo inequívoco a afirmação de exercícios de dominação e controle pautados pela destruição de corpos. E assim contabilizamos mais de 600.000 mortes. No limite de nossas forças, não medimos esforços para defender o Ginásio do Ibirapuera, em São Paulo, os postos de salvamento da orla do Rio, o edifício-sede de O Cruzeiro e a Casa em Mendes. Denunciamos as péssimas condições do Edifício Jorge Machado Moreira, gravemente comprometido durante incêndio ocorrido em abril de 2021. Lamentamos a demolição das residências Benedito Macedo, em Fortaleza, Emir Glasner e Miguel Vita, no Recife, e o desaparecimento do Hotel Internacional dos Reis Magos, em Natal. Com igual empenho, tentamos reverter os achaques lançados contra os órgãos de fomento, centros de documentação e universidades públicas. Isso sem contar a inominável tentativa de leiloar o Palácio Capanema, ícone incontestável da afirmação da modernidade arquitetônica brasileira. Noticiamos com pesar o falecimento de Alda Rabello Cunha, Dácio Ottoni, Flávio Villaça, Geraldo Gomes da Silva, Gian Carlos Gasperini, Hoover Americo Sampaio, Ítalo Campofiorito, Jaime Lerner, Jorge Hue, José Luiz Mota Menezes; Juan Luís Mascará, Júlio Abe, Mário D'Agostino; Moacyr Freitas, Paulo Mendes da Rocha, Ruy Ohtake, Seriano Porto, Wandenkolk Tinoco e Yara Vicentini. Por outro lado, comemoramos, em março de 2020, o lançamento do número 4 da Revista Docomomo Brasil. Acompanhamos com entusiasmo os preparativos do 14^o Seminário Docomomo Brasil, organizado pelo Núcleo Docomomo Pará. Durante o evento, realizado em modo remoto, fizemos nossa prestação de contas e celebramos a eleição da Chapa Soma. Assim podemos resumir, de modo bastante abreviado, as ações do segundo biênio coordenado por Renato da Gama-Rosa Costa à frente da associação Docomomo Brasil.

Gestão Docomomo Brasil 2020-2021

Renato da Gama-Rosa Costa | **coordenação**

Andrea de Lacerda Pessôa Borde | **secretaria executiva**

Lúcia Siqueira de Queiroz Varella | **tesouraria**

Andrea da Rosa Sampaio | **conselho fiscal**

Helio Herbst | **conselho fiscal e edição dos boletins *Docomemos***

Apoio: Anna Beatriz Pimenta | **estagiária**

Do_co,memos

número 1 mar. 2020

Suportar

Em meio a tantos sobressaltos – achaques à democracia, à liberdade de expressão, insultos contra a dignidade dos indivíduos, intimidação ou extermínio de lideranças indígenas, afronta aos servidores públicos, ameaça ou destruição do patrimônio, desmonte do ensino público, dos órgãos de preservação e de fomento à pesquisa científica – continuamos atuando em defesa da arte, da educação e da cultura brasileiras.

Acreditamos que a afirmação de uma identidade, ainda que se possa desconfiar da validade deste conceito na atualidade, coloca em relevo singularidades construídas ao longo de muitas gerações. Independentemente de qualquer posicionamento crítico, contrário ou favorável à existência de fronteiras na produção artística moderna e contemporânea, acreditamos que os estudos dos processos de afirmação identitária são capazes de indicar paralelos entre as ações e as reflexões de diversas sociedades, em múltiplas temporalidades.

Exatamente por reconhecer o potencial transformador da arte, da educação e da cultura, e por constatar que a atuação de arquitetos, urbanistas e paisagistas é decisiva para a valorização e salvaguarda do nosso patrimônio, a associação Docomomo Brasil reafirma publicamente o compromisso assumido em outubro de 2019: trabalhar para a documentação e preservação da arquitetura, do urbanismo e do paisagismo modernos.

Ainda que seja preciso enfrentar toda a sorte de adversidades. Repudiar a discriminação de gênero e todos os insultos de caráter machista, homofóbico e misógino. Refutar os projetos que regulamentam a exploração de recursos minerais, hídricos e orgânicos em vastas regiões do território. Denunciar o desmonte das universidades públicas e dos centros de pesquisa. Protestar contra a exoneração arbitrária e a extinção de cargos e planos de carreira.

Exigir a recomposição de verbas destinadas à educação e cultura. Rejeitar o cerceamento artístico e religioso. Aderir aos movimentos em defesa do patrimônio material e imaterial. Questionar a validade das sanções impostas ao livre-trânsito de pesquisadores. Interpelar em prol da autonomia universitária. Rechaçar as declarações que apelam para um falso nacionalismo, tentando presentificar as mais abjetas lições da história. Lutar decididamente contra a naturalização do que é simplesmente inaceitável.

A recondução da gestão do Docomomo Brasil, em outubro de 2019, e a expressiva quantidade de filiações em 2020 não devem ser vistos como fatos isolados. Somos uma das maiores representações nacionais do Docomomo Internacional, em termos quantitativos. Recebemos um apoio considerável de estudantes, docentes e pesquisadores, por meio das filiações nas categorias internacional, nacional

e estudantes. Isso denota confiança na condução dos trabalhos. E uma enorme responsabilidade para manter o ritmo das ações, qualquer que seja o prato do dia.

Obrigado a todas e todos pelo suporte.

SUMÁRIO: EDITORIAL - Suportar; DESTAQUE - Filiados 2020: quem somos?; NOTÍCIAS - Móvel, Casa e Cidade: Arquitetura e Modernização: seminário no Itaú Cultural; 2º Seminário de Documentação e Conservação do Movimento Moderno no Ceará; 8º Docomomo Norte Nordeste; UIA2020RIO; EM RISCO - Casa em Mendes (RJ); Patrimônio demolido - Hotel dos Reis Magos (Natal, RN); NOTAS DE PESAR - Hoover Americo Sampaio; Juan Luis Mascaró; PUBLICAÇÕES - *Gio Ponti: amare l'architettura* (Maristella Casciato e Fulvio Irace, eds.); *O livro de Rosa* (Lucia Maria Sá Antunes Costa e Maria Cecília Barbieri Gorski, orgs.); *Coleção Arquitetura Moderna na Bahia 1947-1951* (Nivaldo Vieira de Andrade Junior, ed.); *Rino Levi: arquitetura e cidade* 2ª ed. (Renato Anelli, Abílio Guerra e Nelson Kon); EXPOSIÇÕES - Ocupação Rino Levi (Itaú Cultural, SP); Sergio Bernardes 100 anos (Museu Nacional de Belas Artes, RJ); Leonor Antunes (MASP); Giò Ponti (MA-XXI, Roma); EVENTOS - XII SIU; Critic I All; VI Enanparq; XVI SCHU

Do_co,memos

número 2 jun. 2020

O que mais?

Cabe ao boletim *Docomemos* relatar os esforços de pesquisadores, profissionais e instituições para a documentação e conservação de conjuntos do Movimento Moderno. Trimestralmente o boletim registra as iniciativas, as conquistas e denuncia os principais desafios enfrentados pela comunidade interessada na promoção das atividades acima mencionadas, com um único horizonte: a salvaguarda da modernidade arquitetônica, urbanística e paisagística, entendidas como partes indissociáveis da cultura brasileira.

Em um retrospecto apressado, em ordem não-cronológica, o boletim registrou o desabamento do edifício Wilton Paes de Almeida, a demolição do Hotel Internacional dos Reis Magos e de diversos testemunhos referenciais à afirmação da modernidade em diferentes regiões do país.

Docomemos repudia e segue denunciando a ação orquestrada, por diferentes atores, para o desmonte dos órgãos de patrimônio e para o corte de verbas que acentua a precarização das condições de trabalho em museus, universidades e centros de pesquisa.

Docomemos reportou com pesar a perda de muitos parceiros de trabalho: Benedito Lima de Toledo, Demetre Anastassakis, Eduardo Mendes Vasconcellos, Frank Svensson, Irineu Breitman, Moacyr Moojen Marques, Nelci Tinem, Paulo Casé e Victor Noel Saldanha Marinho. Após o advento da pandemia de coronavírus, lamentamos a partida de Carlos Martí Aris, Elizabeth Carbone Baez, Fernando Alvarez Prozorovich, Ítalo Campofiorito, Marcos Maraca Araújo, Rizza Conde e Vittorio Gregotti. Poucos dias depois do fechamento deste boletim será contabilizada a passagem de meio milhão de habitantes no planeta, dos quais cerca de 50.000 brasileiros, vítimas de COVID-19.

E como se isso não bastasse, nosso estado democrático de direito se esvai. O Ministério da Saúde encontra-se sem um titular para o cargo de ministro, em plena pandemia. O Ministério da Educação desfere ataques sistemáticos à comunidade acadêmica. O Ministério da Cultura, transformado em um segmento do Ministério do Turismo, difunde discursos ofensivos às comunidades que representam. A lista é longa e cansativa.

Resistimos no limite de nossas possibilidades, por meio de notas de repúdio e ações civis públicas, visando prevenir e/ou reprimir danos aos bens e direitos de valor artístico, estético, histórico e turístico, por infração ao patrimônio público e social, à honra e à dignidade de grupos raciais, étnicos e religiosos. Docomomo Brasil, em sintonia com diversas entidades, discorda das práticas e procedimentos que colocam em xeque a condução das políticas de preservação do nosso patrimônio material e imaterial. Tal divergência evidentemente abarca a nomeação de pessoas não qualificadas tecnicamente para o exercício de cargos diretivos. Não podemos normalizar o inaceitável. Mas devemos comemorar os frutos da nossa resistência.

Salve o Iphan.

Salve a cultura brasileira.

SUMÁRIO: EDITORIAL - O que mais?; NOTÍCIAS - Adiantamentos; Lançados os anais do primeiro, segundo e décimo-terceiro seminários Docomomo Brasil; Revista Docomomo Brasil: já está disponível o número 4; CHAMADA PARA ARTIGOS - Revista Docomomo Brasil n. 6; CHAMADAS PARA CONCURSO - I spy modernism; XVII Concurso Internacional de Fotografia sobre Patrimônio Industrial; NOTAS DE REPÚDIO - Nota pública sobre o IPHAN/RJ; Manifesto em defesa do IPHAN; ÚLTIMA HORA - Suspensa a nomeação de Larissa Dutra para a presidência do IPHAN; Nota Andifes; EM RISCO - Residência Benedito Macedo (Fortaleza CE); NOTA DE PESAR - Ítalo Campofiorito; PUBLICAÇÕES - *Haunted Bauhaus: Occult Spirituality, Gender Fluidity, Queer Identities, and Radical Politics* (Elizabeth Otto); *A modernidade na arquitetura hospitalar* - contribuições para sua historiografia (Ana Albano Amora e Renato Gama-Rosa Costa, orgs.); DOCUMENTÁRIO - Konder: o protagonismo da simplicidade (dir. Gabriel Mellin e Igor de Vetyemy); EXPOSIÇÕES - Mies van der Rohe (Casa das Artes, Porto); Giò Ponti (MAXXI, Roma); EVENTOS - 7º Docomomo SP (online); XVI SCHU (online)

Do_co,memos número 3 set. 2020

Ação e reação

Neste final de inverno, mais de 120.000 brasileiros partiram, vítimas da pandemia do novo coronavírus. Em nosso último boletim, lançado há três meses, lamentávamos a marca de 40.000 mortes. Além da dor, os números carregam consigo algumas evidências: mostram que ainda estamos longe de vislumbrar algum alento.

O isolamento social, até o momento a única estratégia de combate cientificamente comprovada, acabou por estimular atitudes oportunistas de um punhado de líderes, sobretudo dos campos econômico e político e, em contrapartida, aguçou a tenacidade da militância defensora da educação, das artes e da cultura.

Há quase seis meses apreendemos o que se convençiona denominar 'realidade' por meio de telas. Por meio de som e imagem tomamos contato com as estratégias de indivíduos e grupos que se aproveitaram da situação para, literalmente, passar a boia-da por cima de nossas florestas, dilapidando em ritmo cada vez mais acelerado todos os elementos da nossa biodiversidade, incluindo-se fauna, flora, ecossistemas e estruturas geológicas.

Algumas instituições e personalidades públicas têm recorrido ao encanto do verbo e das imagens para celebrar a importância das instituições de ensino e de pesquisa, entoando lamentos que não teriam existência em outra circunstância. Esses discursos de ocasião incutem uma distinção entre os saberes, estabelecendo um abismo entre conhecimentos considerados essenciais de outros, vistos como supérfluos, impondo prejuízos irreparáveis às artes e à cultura, bem como às instituições de preservação e salvaguarda do patrimônio artístico e histórico brasileiro.

Não podemos, portanto, intuir que a comoção de alguns poucos segmentos ante os efeitos da pandemia possam dar suporte à manutenção das atividades de investigação científica depois da tão desejada retomada da 'normalidade'. O corte de verbas para a educação e o desmonte de instituições de fomento à pesquisa, em plena crise sanitária, são exemplares para se chegar a tal constatação.

Precisamos estar atentos aos ataques diretos e aos discursos dissimulados. Filtrar as informações em múltiplas camadas. Organizar as redes e fortalecer os vínculos entre diferentes instituições de ensino e pesquisa, públicas e privadas. Explorar ao máximo a potencialidade das campanhas, debates, palestras, petições e mesas redondas. Em defesa da vida, em suas múltiplas manifestações e expressões. Em defesa da arte e da cultura brasileiras.

Precisamos manter nossas telas e mentes acesas.

SUMÁRIO: EDITORIAL - Ação e reação; NOTÍCIAS - Mosaico de ideias; Submissão de matérias para o boletim Docomemos; Habemus Instagram!; Fórum Nacional de Entidades em Defesa do Patrimônio lança o Observatório do Patrimônio; CHAMADA PARA ARTIGOS - Revista Docomomo Brasil ns. 6 e 7; EM RISCO - Concessionária Citroën (Rio de Janeiro RJ); NOTAS DE PESAR - Dácio Ottoni; Gian Carlo Gasperini; PUBLICAÇÕES - *A arquitetura de Croce, Afalo & Gasperini* (Marcelo Aflalo, org. e Fernando Serapião, texto); *Brasil Arquitetura* (Abílio Guerra, Marcos Grinspum Ferraz e Silvana Romano Santos, orgs.); *A modernidade na arquitetura hospitalar* - contribuições para sua historiografia - versão impressa (Ana Albano Amora e Renato Gama-Rosa Costa, orgs.); EDUCAÇÃO CONTINUADA - IAB/RJ compartilha; EXPOSIÇÃO - Giò Ponti (MAXXI, Roma); EVENTOS - V Congresso Internacional de História e Patrimônio Ferroviário & IV Jornada de Jovens Pesquisadores em História e Patrimônio Ferroviário; 13º Seminário Internacional NUTAU 2020 (online); 8º Docomomo Norte Nordeste (transferido para 2021)

Do_co,memos número 4 dez. 2020

A querela adormecida

Acarajé sem pimenta é lanche.
 Paraty sem Y é falta de respeito.
 Bahia sem H é substantivo feminino.
 Brasília sem o Plano Piloto volta a ser ideia.
 Amazônia sem floresta vira deserto ou pasto.
 Amazônia sem floresta gera morte.

O que seria do Solimões sem pororoca?
 O que seria do Iguazu sem as cataratas?
 Como seria Londrina sem Artigas?
 Como seria o Rio Grande sem as Missões?
 Porto Alegre sem o Brique da Redenção?
 Florianópolis sem a Lagoa da Conceição?
 Desterro sem Hercílio Luz?

O que seria de Minas sem Aleijadinho?
 O que seria de Salvador sem o Pelourinho?
 Sem a Lagoa do Abaeté, sem o Lacerda?
 Como seria Fortaleza sem o José de Alencar?
 De Manaus sem o Teatro Amazonas?
 Natal sem dunas?
 Belém sem o Círio?
 Sem as Docas, sem o Mangal?

O que seria do Brasil sem futebol?
 Samba, axé, capoeira, bumba-meu-boi?
 Como seria o Maranhão sem seus Lençóis?
 Olinda e Recife sem frevo, coco e maracatu?
 O que seria do Rio sem funk, sem carnaval?

Sem favela, Capanema ou Canoas?
 Como seria São Paulo sem o MASP?
 Sem Copan, Pacaembu, Pinacoteca?
 Sem o Ginásio do Ibirapuera?

Estamos a todo momento lutando para preservar o que é nosso.
 Apesar do esforço, acumulamos perdas significativas.
 Em listagem recente, certamente incompleta:
 Maracanã sem geral, Fonte Nova só restou o nome.
 Uma residência icônica de Borsoi em Fortaleza demolida.
 Outras duas seminais no Recife, no chão, com um intervalo de dez dias.
 O Hotel dos Reis Magos, em Natal, pela força das máquinas.
 O Museu Nacional e quase todo o seu tesouro, transformado em cinzas.

Não podemos tolerar o avanço da ignorância.

SUMÁRIO: EDITORIAL - A querela adormecida; DESTAQUE - Campanha de filiação Docomomo Brasil 2021; NOTAS DE REPÚDIO - Contra a iminente mudança na Diretoria de Patrimônio Imaterial do IPHAN; Carta de Natal - 72ª Reunião Anual da SBPC; EM RISCO - Ginásio do Ibirapuera

(São Paulo SP); Postos de Salvamento da Orla do Rio (RJ); OBITUÁRIO - Casas Miguel Vita e Emir Glasner; NOTAS DE PESAR - Severiano Mario Porto; Júlio Abe Wakahara; PROTESTO - Revista do Patrimônio do IPHAN; PUBLICAÇÕES - *Arquitetura e movimento moderno* (Cêça Guimarães); *Lelé: diálogos com Neutra e Prouvé* (André Marques); *Paulo Mendes da Rocha: horizonte urbano* (Denise Chini Solot); EXPOSIÇÕES - Infinito Vão (Sesc 24 de Maio, SP); Casas do Brasil: Conexões Paulistanas (Museu da Casa Brasileira, SP); Casa Carioca (online, Museu de Arte do Rio)

Do_co,memos número 1 mar. 2021

Gatinhos e pitbulls

Encontros científicos, a exemplo dos seminários Enanparq, Enanpur, Docomomo Brasil e Projetar, para citar apenas alguns, reúnem centenas de participantes – pesquisadores empenhados em apresentar, debater, documentar e/ou questionar os resultados de suas investigações, quase sempre feitas sem o necessário suporte financeiro, institucional e logístico. Obras de resistência. Frutos do insistente combate ao silêncio, sementes de novas interpretações sobre arte, arquitetura, cultura, história, memória.

Em tempos de ódio, não surpreende constatar o empenho de uma parcela –infelizmente expressiva – da classe política em corroer as instituições de ensino, pesquisa e salvaguarda do patrimônio. As estratégias são, com maior frequência, silenciosas. Quase nunca são noticiadas pelos veículos de comunicação de massa. Operam por meio de pequenas sabotagens: na falta de quórum de um conselho, no desvio de um encaminhamento, na falta de um documento comprobatório não solicitado anteriormente, nas vistas de um processo que nunca retorna, nos prazos mais apertados para a realização de tarefas burocráticas, que se tornam progressivamente mais numerosas.

Triste Brasil.

A corrosão conquista um fímidio espaço na mídia quando se reveste de evidente confronto à ética e ao bom senso. Os exemplos aqui são inúmeros: a nomeação de reitores nem sequer incluídos nas listas tríplices, o corte de verbas para os centros de ensino e pesquisa, a suspensão de programas de fomento, a indicação de superintendentes de órgãos patrimoniais desqualificados para os cargos, o progressivo aparelhamento das instituições. Mas ainda assim, estes descalabros não recebem tratamento equivalente ao concedido aos bastidores do Brasileirão ou aos mexericos fabricados nos programas de entretenimento.

Chora Brasil.

A erosão conquista – finalmente – a atenção dos noticiários apenas quando o descalabro extrapola os limites do absurdo, até mesmo para aqueles que não conseguem ficar estarecidos, por exemplo, com as

implicações da realização de um culto religioso nas dependências de um órgão patrimonial. Descartadas, portanto, diversas outras práticas que poderiam ser consideradas degradantes ao extremo, restam poucas ações, igualmente nefastas, capazes de sensibilizar os editores de conteúdo: o pronunciamento deliberadamente plagiado - e nazista - de um secretário de cultura, as incitações de desrespeito de um congressista às instâncias democráticas.

Acorda Brasil.

Gatinhos falsamente inofensivos e pitbulls falsamente valentões encontraram vez e oportunidade para desqualificar as ações de um grupo numeroso, muito embora pouco conhecido, de artistas, arquitetos, pesquisadores, professores e técnicos. Profissionais que trabalham quase sempre no anonimato, em busca de conhecimento e respostas para os problemas que assolam o país, em defesa do nosso patrimônio material e imaterial. Pessoas cansadas, exauridas de tantos confrontos. Mas ainda assim resistentes, à procura de estratégias para difundir os debates empreendidos nos encontros científicos e, mais especialmente, para incitar a participação crítica de amplos setores da sociedade civil. Sem mobilização não há solução.

Canta Brasil.

SUMÁRIO: EDITORIAL - Gatinhos e pitbulls; CHAMADA DE TRABALHOS - 14º Seminário Docomomo Brasil; NOTÍCIAS - Lançado o primeiro livro com ISBN Docomomo Brasil: Brasília: roteiro de arquitetura, caderno de notas; Semana aberta UIA2021RIO: participe gratuitamente de 22 a 25 de março; IAB 100 anos; Tombamento provisório da Rodoviária de Londrina; NOTA DE REPÚDIO - Representação junto ao Ministério Público Federal sobre uso de bem público no DPI/IPHAN; EM RISCO - Edifício O Cruzeiro (Rio de Janeiro RJ); NOTA DE PESAR - Alda Rabello Cunha; DOCUMENTÁRIO - série ícones modernistas gaúchos; PUBLICAÇÕES - *Abordagens e experiências na preservação do patrimônio cultural nas Américas e na Península Ibérica* (Marcos Pinheiro, Cláudia Carvalho e Carla Coelho, orgs.); *Arquiteturas do Sol: resgate da modernidade no nordeste brasileiro* (Alcília Afonso, org.); *El Brasil y el Movimiento Moderno en América Latina: circulación de ideas, aproximaciones y críticas* (José Carlos Huapaya Espinoza, org.); *Revisões e ampliações da arquitetura e do urbanismo modernos no Brasil* - volumes 1 e 2 (José Carlos Huapaya Espinoza, org.); *Sítio Roberto Burle Marx* (Cláudia Storino e Vera Beatriz Siqueira, orgs.); EXPOSIÇÕES - Infinito Vão (Sesc 24 de Maio, SP); Casas do Brasil: Conexões Paulistanas (Museu da Casa Brasileira, SP); Casa Carioca (Museu de Arte do Rio); Paulo Werneck - Murais Para o Rio (Museu de Arte do Rio)

Do_co,memos número 2 jun. 2021

O amor vencerá

Sábado, 29 de maio de 2021.

São passados quinze meses de isolamento social. Assistimos, nestes quinze meses, aos ataques mais acintosos contra a arte, cidadania, cultura, educação, meio ambiente, patrimônio e saúde. Cada um a seu modo fez a sua parte para acompanhar o desenrolar de um conluio macabro, nefasto, no qual

longevidade é entendida como gasto indesejado, reclusão é sinônimo de idiotice.

Neste interregno os ataques se intensificaram. Mas as respostas aos descabros, também. Muita coisa mudou. Algumas delas para melhor. Especialmente para aqueles que puderam se manter recolhidos em seus refúgios, por amor a si e pelo bem de todos, as tecnologias digitais possibilitaram questionar atos, denunciar fatos e acionar os instrumentos de proteção e salvaguarda. A difusão de conteúdos por meio virtual despertou a consciência política de indivíduos que se consideram apolíticos. Muitos ou poucos, não se sabe. De todo modo, as respostas aos malefícios se apresentaram neste último sábado de maio. Centenas de milhares de pessoas, muitas delas não imunizadas, venceram o medo e saíram às ruas para declarar seu amor ao Brasil, seu apreço por sua cultura, seu patrimônio material e imaterial. Multidões exaustas puderam soltar, a plenos pulmões, um grito de repúdio à necropolítica que ceifou, até o fechamento desta edição do boletim, quase meio milhão de vidas. Meio milhão de brasileiros. Artistas, ambulantes, arquitetos, bombeiros, escritores, professores. Desocupados, desempregados, de todas as idades e estratos sociais, tanto faz. Pessoas essenciais à construção de uma trama social complexa, ignoradas por um governo impiedoso e sem humanidade, incapaz de fazer qualquer demonstração de pesar ante a morte de qualquer uma delas.

Domingo, 30 de maio de 2021.

Os registros de um sábado de luta invadiram as telas e nelas permanecerão como um testemunho de um desejo: a reconstrução de um país dilacerado. Saibamos compreender o legado dos nossos mestres - Flávio Villaça, Jaime Lerner, Paulo Mendes da Rocha e tantos outros, para transformar ideias em práticas. O amor vencerá.

SUMÁRIO: EDITORIAL - O amor vencerá; CHAMADA DE TRABALHOS - 14º Seminário Docomomo Brasil; 7º Seminário Museologia e Arquitetura de Museus; NOTÍCIAS - UIA2021RIO; Paulo Mendes da Rocha Medalha de Ouro UIA2021RIO; Lina Bo Bardi, Leão de Ouro em Veneza; Tombamento definitivo da Rodoviária de Londrina; Webinar Conservação do patrimônio moderno e seus desafios; Webinar Patrimônio cultural hoje: problemas e desafios; NOTA DE REPÚDIO - ANPARQ em defesa da CAPES; EM RISCO - Edifício Jorge Machado Moreira (Rio de Janeiro RJ); NOTAS DE PESAR - Flávio Villaça; Jaime Lerner; Paulo Mendes da Rocha; PUBLICAÇÕES - *Arquitetura Atlântica: deslocamentos entre Brasil e Portugal* (Ana Luiza Nobre e João Massao Kamita, orgs.); *Lina: uma biografia* (Francesco Perrotta-Bosch); *Lina Bo Bardi: o que eu queria era ter história* (Zeuler R. Lima); EXPOSIÇÕES - participação brasileira na 17ª Bienal de Veneza; Infinito Vão (Sesc 24 de Maio, SP); Casa Carioca (Museu de Arte do Rio); Paulo Werneck - Murais Para o Rio (Museu de Arte do Rio)

Do_co,memos número 3 set. 2021

O feijão nosso de cada dia

No dia 13 de agosto foi noticiada a inclusão do Palácio Capanema no Feirão de Imóveis orquestrado pela Secretaria Especial de Desestatização, Desinvestimento e Mercados do Ministério da Economia

(SEDDM/ME). Caso efetivada a comercialização, o marco de afirmação da modernidade arquitetônica brasileira, abrigo de diversas entidades de caráter público, ligadas à cultura, educação e patrimônio, poderia se transformar em um edifício corporativo. Tal destinação de uso, totalmente oposta aos anseios vislumbrados pela jovem equipe de arquitetos liderada por Lucio Costa, substituiria o extraordinário, simbolizado pelas promessas de transformação da nação, pela via da educação e cultura, por uma ordinária ocupação empresarial.

A notícia-bomba, deflagrada em uma sexta-feira 13 do mês de agosto, parecia confirmar uma superstição sem fundamento. A possibilidade da transferência de posse, a indefinição da destinação das instituições atualmente sediadas no edifício, a provável mudança no perfil da ocupação e as incertezas relacionadas à atribuição de responsabilidades para a salvaguarda do bem tombado, somadas, contribuíram para prolongar o nefasto pesadelo cujos desdobramentos têm, paradoxalmente, tirado o sono de todo cidadão preocupado com a sobrevivência da nossa identidade.

Vender o Palácio Capanema simboliza comercializar algo inegociável: a nossa cultura.

Informações e rumores entrecruzados permitiram entrever uma complexa trama de interesses, nem sempre atenta aos clamores dos especialistas nos campos das Artes, Arquitetura, História e Patrimônio. Em prol de um raciocínio imediatista e mesquinho, quase sempre em nome da “livre iniciativa” ou qualquer outra denominação equivalente, diversas instituições públicas têm sido sufocadas pela progressiva diminuição de recursos pessoais e financeiros, como também corroídas em campanhas difamatórias que consomem tempo, paciência e saúde dos servidores. A venda do Palácio Capanema, neste contexto, é um dos muitos exemplos capazes de envergonhar todo cidadão consciente das responsabilidades e deveres de uma nação orgulhosa do seu passado, bem como do papel dos seus testemunhos materiais e imateriais para a construção do seu futuro. Precisamos, mais do que nunca, somar forças para enfrentar os achaques.

Nenhuma arma é capaz de substituir o feijão nosso de cada dia.

SUMÁRIO: EDITORIAL - O feijão nosso de cada dia; Em risco (ainda) – Lute-mos pelo Palácio Capanema; A batalha não está ganha; Manifesto O MEC não pode ser vendido; Docomomo Brasil no Estadão; Docomomo Brasil no Jornal AdUFRJ; Carta ao Conselho do IPHAN; Abaixo assinado encaminhado ao Docomomo Internacional; EM RISCO (também,, ainda) – Hospital Especializado Octávio Mangabeira; NOTÍCIAS - Ruth Verde Zein ganha o prêmio CICA Bruno Zevi Book – edição 2020; Sítio Roberto Burle Marx é reconhecido como Patrimônio Mundial da Unesco; Primeiro resultado parcial das avaliações dos trabalhos do 14º Docomomo Brasil; CHAMADA DE TRABALHOS - 17ª Conferência Docomomo Internacional 2022; NOTAS DE PESAR - Geraldo Gomes da Silva; Jorge Hue; Moacyr Freitas; Wandenkolk Tinoco; PUBLICAÇÕES - *Marcos Acayaba* (Marcos Acayaba); *Ruy Ohtake, arquiteto* (Abílio Guerra e Silvana Romano, orgs.); EXPOSIÇÕES - participação brasileira na 17ª Bienal de Veneza; Artacho Jurado no desenho da cidade (Escola da Cidade, SP); Bernardo Figueiredo - designer e arquiteto brasileiro (Museu da Casa Brasileira, SP); Paulo Werneck – Murais Para o Rio (Museu de Arte do Rio)

Aquele abraço

No dia 28 de outubro, durante o 14º Seminário Docomomo Brasil, realizamos nossa Assembleia Geral Ordinária. Muito além da necessária prestação de contas, apresentamos uma síntese das atividades realizadas no último biênio, período marcado pelos efeitos da “cruel pedagogia do vírus”, como bem nos lembra Boaventura de Souza Santos, e pelo constante enfrentamento aos desmandos orquestrados pelo governo federal.

A apresentação das atividades buscou ser abrangente e, na medida do possível, sucinta. Apesar do tratamento superficial dos tópicos, imposto pela brevidade de tempo e por um certo cansaço aos debates remotos, organizados de acordo com a lógica dos dispositivos eletrônicos, acreditamos que um único tópico mereceria ser ampliado naquela oportunidade: a realização dos boletins *Docomemos*.

Nos silêncios decorrentes da interrupção do fluxo de transmissão de dados, foi possível perceber que a descrição dos boletins seria capaz de sintetizar o amplo leque de práticas e situações vivenciadas nos últimos dois anos. Encontram-se, neles registrados, trimestralmente, um resumo dos fatos pregressos e um espelho para o que se anuncia para o futuro. Foram assim inscritas análises de conjuntura, notícias, ações e representações em defesa do patrimônio moderno, notas de repúdio, notas de pesar, chamadas de trabalhos, lançamento de filmes, livros e periódicos, agenda cultural e eventos, com especial destaque para aqueles organizados pelos núcleos regionais Docomomo.

A veiculação de tão ampla gama de atividades não seria possível sem a colaboração de um sem-número de filiados, que se dispuseram a contribuir, de modo espontâneo e voluntário, para a produção de textos, envio de imagens, checagem de informações. Sem esse respaldo, acompanhado de elogios, críticas e sugestões, a produção do *Docomemos* se tornaria uma tarefa fatigante, infrutífera e inútil. Que não se perca a experiência e, de modo necessariamente renovado, possa ter o boletim um importante papel para o sucesso de nossas futuras ações. Mais uma vez agradecemos pela confiança depositada em nossa equipe!

Boas festas e feliz ano novo!

Aquele abraço!

SUMÁRIO: DITORIAL - Aquele abraço; NOTÍCIAS - Parabéns para a Chapa Soma; Carta de Brasília 2022-2023; Severiano Porto premiado no Global Award of Sustainable Architecture; Manutenção do tombamento das obras de Severiano Porto em Manaus; Brasília no acervo de Lucio Costa; Um passeio virtual em Brasília; Tombamento provisório do Ginásio do Ibirapuera; Tombamento definitivo da Tecelagem Parahyba; EM RISCO - Em defesa do Memorial Luiz Carlos Prestes (Porto Alegre RS); Clube Atlético Santista (Santos SP); CHAMADA DE TRABALHOS - *Dissonância*: Revista de Teoria Crítica; NOTAS DE PESAR - José Luiz Mota Menezes; Mário D’Agostino (Maíque); Ruy Ohtake; Yara Vicentini; PUBLICAÇÕES - *Brasília*: cidade construída na linha do horizonte (Sérgio



Jatobá); *Coleccion Documentos de Arquitectura Moderna*. Volumen 1 Templos de la Modernidad (Teresa Rovira Llobera, Claudia Rueda, Valentina Ortega Culaciati, eds.); *Em defesa do patrimônio cultural: percursos e desafios* (Marcia Sant'Anna e Hermano Queiroz, orgs.); *Leon Batista Alberti, Humanismo & Racionalidades Modernas* (Mário D'Agostino, Francesco Furlan, Andrea Loewen e Ana Paula Giardini Pedro, orgs.); *Lisboa Moderna* (Ana Tostões); *Patrimônio industrial na atualidade* (Cristina Meneguello, Eduardo Romero e Silvio Oksman, orgs.); **EXPOSIÇÕES** - Artacho Jurado, arquiteto? (Chácara Lane, SP); Artacho Jurado no desenho da cidade (Escola da Cidade, SP); Bernardo Figueiredo - designer e arquiteto brasileiro (Museu da Casa Brasileira, SP); Buffoni, desenhos para modernidade (Casa Modernista, SP); Concurso como prática - a presença da arquitetura paranaense (Museu Oscar Niemeyer, Curitiba); Jean Gillon: artista-designer (Museu da Casa Brasileira, SP); O Tempo completa - Burle Marx Clássicos & Inéditos (Casa Roberto Marinho, RJ); Paulo Werneck - Murais Para o Rio (Museu de Arte do Rio); Um Rio de patrimônios (Galeria Flávio de Carvalho - Funarte, SP, e Centro Cultural dos Correios, RJ)

